

ANA RACHEL PIRES CANTARELLI SANTOS

**HISTÓRIAS DE VIDA: A CONCEPÇÃO DOS
PROFESSORES ACERCA DA
PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE**

Orientadora: Maria Neves Leal Gonçalves

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação**

Lisboa

2014

ANA RACHEL PIRES CANTARELLI SANTOS

**HISTÓRIAS DE VIDA: A CONCEPÇÃO DOS
PROFESSORES ACERCA DA
PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE**

Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação, no Curso de Mestrado em Ciências da Educação, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientadora: Prof^a Doutora Maria Neves Leal Gonçalves

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Educação

Lisboa

2014

A suprema arte do professor é despertar a alegria na expressão criativa do conhecimento, dar liberdade para que cada estudante desenvolva sua forma de pensar e entender o mundo, assim criamos pensadores, cientistas e artistas que expressarão em seus trabalhos aquilo que aprenderam com seus mestres.

Albert Einstein

AGRADECIMENTOS

Ao senhor Deus Poderoso e soberano, por ter me dado à vida e por não ter me deixado sozinha nunca.

A minha filha Ana Caroline, a quem eu dedico todo o esforço de vencer e crescer, meu maior motivo para superar e buscar ser sempre melhor.

A minha mãe Maria Fátima e meu Pai Tadeu, meu exemplo, por caminhar ao meu lado, mesmo distante, todo o tempo torcendo pela minha vitória a cada segundo. Pela compreensão na ausência da minha família e a meu irmão Ricardo que sempre torceu por mim.

Aos amigos e colegas de curso que caminharam ao meu lado nesta jornada, dividindo felicidades e angústias.

A Professora Doutora Maria Neves, orientadora desta investigação, pela disponibilidade, incentivo e apoio que mesmo a distância se fez sempre presente.

A professora Doutora Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida por todo apoio da qualificação do projeto.

A Geny , Geyson pelos momentos inesquecíveis e pela amizade.

Ao meu esposo André pela compreensão e apoio na trajetória de todo o curso de especialização ficando com nossa filha nas horas que eu estava ausente fazendo muitas vezes o papel de mãe eu nunca vou esquecer-me desses momentos de cumplicidade.

Aos professores colaboradores pelas entrevistas concedidas, que generosamente e com muita atenção me permitiram a realização dessa pesquisa, falando sem reservas sobre suas histórias de vida, momentos de muito aprendizado e de grande enriquecimento humano.

RESUMO

SANTOS, Ana Rachel Pires Cantarelli. HISTÓRIAS DE VIDA: A Concepção dos Professores acerca da Profissionalização Docente. Lisboa, 2014, 145 fls. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação).

Este trabalho teve como tema de investigação compreender "Histórias de vida: A concepção dos professores acerca da profissionalização docente". Buscando por meio de recortes compreender, atrás das suas histórias de vida, a construção da identidade docente e o que essa trajetória leva para a sua vida profissional e social, as indagações proposta busca saber em que momento da sua vida se percebeu professor, como se situa com relação a vida docente, e que reflexos da sua formação lhes trouxe, através de suas lembranças a se perceber um professor, tendo como objetivo principal da pesquisa conhecer as condições para a docência, e a concepção dos professores á cerca da profissionalização docente com base em análises das suas histórias de vida e identidade. A pesquisa foi conduzida com 8 professoras do ensino fundamental I e II, na escola pertencente a Rede Municipal de Ensino da Cidade de Araripina. Na busca por respostas foi seguida uma abordagem qualitativa, descritiva, utilizando como técnica as histórias de vida na forma de entrevista narrativa semi-estruturada e a análise dos dados qualitativos foi orientada pela análise de discurso. Os resultados evidenciam que a identidade e formação docentes ao longo de toda trajetória de vida são referências para o entendimento e influência da prática pedagógica efetivada cotidianamente no âmbito escolar, contribuindo para a ampliação dos conhecimentos que versam sobre o tema proposto.

Palavras-chave: Identidades. Histórias de vida. Profissão docente.

ABSTRACT

This work has as subject of research the understanding of "Life Stories: the conception of teachers about their professionalization". It sought, through some selections and cuts, to study what could exist behind life stories, the construction of a teacher identity and what his trajectory would offer to his professional and social life. They were also emphasized the proposed questions, as well as the perception of how someone can discover his vocation for a teaching career, how he could be situated in relation to teaching life, and which reflections of his professional studies were influenced by his own memories. The main objective of this research was to understand the conditions for the exercise of teaching and the ideas of teachers about their professionalization based on analyzes of life histories and identities. This research was accomplished with eight teachers of elementary school (levels I and II) belonging to the municipal schools of Araripina town. In search of answers it has been performed both a qualitative and a descriptive approach using the technique of life stories. They employed semi-structured narrative interviews and analysis of qualitative data, the latter driven to the discourse analysis. The results demonstrate that the identity and formation of teachers throughout the life are references for the understanding and the influence of an effective daily teaching practice in schools. This contributes to the expansion of knowledge that deal with the theme.

Keywords: Identities. Life stories. Teaching career

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AD	Análise de Discurso
FD	Formação Discursiva
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PMA	Prefeitura Cidade de Araripina

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: PERCURSOS TEÓRICOS DA PESQUISA.....	15
1.1. Profissão Docente	16
1.2. Histórias de Vida.....	28
1.3. Identidade Docente	36
CAPÍTULO 2: DESENHO METODOLÓGICO.....	48
2.1. Objetivos.....	49
2.1.1. <i>Objetivo Geral</i>	49
2.1.2. <i>Objetivos Específicos</i>	49
2.2. Delineamento do Estudo	49
2.3. Tipo de Pesquisa	50
2.4. Método Escolhido	51
2.5. Locus da Pesquisa	53
2.6. Sujeitos da Pesquisa.....	53
2.7. Instrumentos de Coleta de Dados	54
2.8. Entrevistas.....	55
2.9. Instrumento de Análise de Dados (AD).....	55
CAPÍTULO 3: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	59
3.1. Perfil das Professoras Entrevistadas	60
3.2. Formação Discursiva (FD) - Histórias de Vida.....	62
3.3. Formação Discursiva (FD) – Identidade Docente	67
3.4. Formações discursivas (FD)- Profissão Docente.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
APÊNDICES	I

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Histórias de Vida”.	65
Quadro 2 - Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Histórias de Vida”.	66
Quadro 3 -Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Histórias de Vida”.	66
Quadro 4 -Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Identidade Docente”.....	70
Quadro 5 -Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Profissão docente”.	75

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Ciclos de Vida Profissional dos Professores em Fases segundo Huberman.....	54
--	----

INTRODUÇÃO

O termo “profissionalização” apresenta diversos sentidos, segundo os contextos específicos de seu uso, definindo-se pelas relações dialéticas das características objetivas e subjetivas que pautam os processos de construção de identidades profissionais. A profissionalização é uma forma de representar a profissão como processo contínuo/descontínuo ao longo da história da docência (Ramalho & Gauthier, 2003).

O termo identidade tem origem latina (*iden*) que significa igualdade e continuidade. Para Dubar somos levados a entender identidade profissional docente como um processo contínuo que se vincula à identidade pessoal, mas que está ligada ao vínculo e sentimento de pertença de um indivíduo a uma determinada categoria ou grupo social, a categoria docente, e tendo como possibilidade construir, desconstruir e reconstruir algo que permita dar sentido a seu trabalho.

Fica claro para estes autores que a aquisição da identidade se configura em um processo inacabado e contínuo que sofre mudanças através dos tempos.

Considerando as afirmações de Vianna (1999) e de Pimenta (1997), pode-se perceber que a identidade não se dá apenas no campo individual, mas também no coletivo. Claude Dubar (2006), é um dos autores que não desconsidera o fato de a construção da identidade coletiva obedecer também a trajetórias individuais, ou seja, existe uma correlação entre os dois campos, sendo a identidade social construída pela história dos indivíduos.

Diante do processo de desvalorização profissional do professor e da eventual crise que parece ser evidente nos dias atuais, afirmar a identidade profissional docente pode contribuir para mudar este quadro e buscar melhores condições de trabalho para essa categoria.

Muitos autores como Sousa (2006) e Silva (1997) tem mostrado a estreita relação entre o pensamento e a ação profissional do professor perante as inovações educativas propostas pelas reformas. Esses trabalhos apontam para ideia básica de não ser possível alcançar mudanças expressivas sem se saber como os professores pensam, como atuam, como representam seu trabalho e suas condições como docentes para, de forma consciente, posicionarem-se em relação as novas exigências profissionais.

Um dos dilemas, tão bem assinalados por Laboree (apud Nóvoa 2002, p.28) diz respeito ao conhecimento profissional.

“A maior parte dos profissionais mobiliza o conhecimento sem desvendar seus mistérios.. (...). Os professores são diferentes. (...) Um bom professor é aquele que se torna

dispensável, que consegue que os alunos aprendam sem sua ajuda. Deste modo, os professores desmistificam o seu próprio conhecimento e entregam a fonte de poder sobre o cliente que outras profissões guardam tão zelosamente.” (Nóvoa, 2002, p.28)

Nóvoa (2002), considera que as transformações que vão ocorrendo por toda vida dos professores poderão leva-los a atingir condições ideais que garantam um exercício profissional de qualidade. Tal processo conduz a profissionalização, pois poderá ser atingida mediante um movimento em direção ao aperfeiçoamento das condições para tingir um elevado status, valorização social que são determinantes para a profissionalização e o profissionalismo docente. O autor aponta que o corpo normativo da profissão não foi defendido por uma entidade de classe, mas pelo Estado, que passou a homogeneizar, hierarquizar e dar unificação em escala nacional a profissão. Promoveu enquadramento em características funcionais e não profissionais. A classe docente, nas sociedades capitalistas, passou por um processo sucessivo, prolongado, desigual e conflituoso de perda de controle sobre os meios de produção, do objetivo de seu trabalho e da organização de sua atividade, portanto, proletarizou-se. A prática docente é, portanto, um locus de formação e produção de saberes.

Em seu confronto com a prática e com as condições exigidas concernentes da profissão, os professores estão continuamente produzindo saberes específicos, conhecimentos táticos, pessoais e não sistematizados que, relacionados com outros tipos de conhecimentos, possam integrar sua identidade professor, constituindo-se em elementos importantes nas decisões pedagógicas, inclusive renovando sua concepção sobre ensinar e aprender. Esse tipo de conhecimento, constituído por meio da prática docente é o que Cunha (1992), entre outros, denomina de “ Sabedoria Pedagógica “ e na mesma linha Therrien (apud Nunes, 2001) chama de saberes da experiência. Tardif (2002, p. 36) enfatiza que o saber docente “ é um amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional, dos saberes das disciplinas, dos currículos e da experiência”

No estudo da epistemologia da prática profissional, o interesse da investigação repousa sobre o conjunto de saberes utilizados pelos professores em sua prática profissional. Não se pode confundir, por exemplo, saberes profissionais com saberes estritamente adquiridos dos estudos universitários. Estudos recentes por Tardif (2002), Larrosa (2003), demonstram, na atualidade, a que distancia esta o conteúdo da formação dos professores de sua prática pedagógica profissional (Tardif, 2002). Por outro lado, há que mencionar a força que exerce a prática na formação profissional. Com efeito, o trabalho não é algo que se aprende conhecendo de fora para dentro, mas uma atividade que se cumpre; como tal, no seio desse

fazer, saberes são mobilizados, construídos e reconstruídos.

Os saberes profissionais são, pois, saberes da ação. Essa hipótese reforça a ideia de que os saberes profissionais são trabalhados e ressignificados no contexto do próprio trabalho, ou seja, é sobre as situações dilemáticas ou de conflito que se remodelam os saberes com vistas as respostas impostas no cotidiano. É interessante discutirmos, no meio dessas tendências de estudos sobre a formação docente, o silenciamento de que são vítimas os professores. Seus saberes nunca foram devidamente reconhecidos. A máxima de que para ensinar basta ter domínio de conteúdo e um pouco de jeito para comunicar-se tornou-se uma verdade bastante difundida na sociedade. Infelizmente, tais posições conduzem ao desprestígio da profissão e a curioso paradoxo, para os quais Nóvoa, (2002) chama a atenção:

“Semi-ignorantes, os professores são considerados as pedras – chave da nova sociedade de conhecimento. A mais complexa das atividades das atividades profissionais é, assim reduzida ao estatuto de coisas simples e natural.” (Nóvoa, 2002, p.22)

Portanto a profissionalização docente é algo que se constrói, estando apoiado em saberes diversos que dizem respeito ao conteúdo da disciplina, aos aspectos didático-pedagógicos, além de inúmeros saberes da vida escolar, tão essenciais como os anteriores, como os saberes afetivos que se referem ao relacionamento com os colegas de profissão, com os alunos e com a família destes, sem deixar de lado, igualmente o aspecto organizacional da escola. Parafraseando Nóvoa, a formação continua de professores devem contribuir para a produção da pessoa-professor (autoformação), do profissional (heteroformação), e da organização (ecoformação).

Na visão de Tardif, (2000) mesmo diante todas as dificuldades encontradas na sua profissão docente, o professor percorre um longo caminho que ele próprio vai trilhando com as suas experiências vividas, essas por sua vez definem seu perfil profissional:

“[...] tem uma história de vida [...] tem emoções, um corpo, poderes, uma personalidade, uma cultura, ou mesmo culturas, e seus pensamentos e ações carregam as marcas dos contextos nos quais se insere [...]” (Tardif, 2000, p.6)

Para Huberman o ciclo de vida do professor e possíveis influências no processo é justamente o caminho por ele percorrido que nos atrai neste mundo, pois acredita-se que desde o princípio de sua jornada até o término da mesma, o professor atravessa estágios de transformação em seu perfil profissional, sua maneira de ser e estar em sala de aula. Suas atitudes e metodologias sofrem alguma modificação, ainda que sutilmente. Na sequência do ciclo, o docente ainda haverá de se defrontar com a fase do “por – se em questão”.

A responsabilidade pelo saber e a transmissão de conhecimentos têm se caracterizado

historicamente como funções atribuídas ao profissional docente. No entanto, o modo como vem se configurando o exercício da profissão docente em nosso país tem levado, muitas vezes, a questionamentos sobre a própria profissionalização desta atividade. Nessa perspectiva, tendo em vista a atual situação do sistema educacional brasileiro, inserida num contexto sócio-histórico-político mais amplo, discute-se como os docentes se percebem como profissionais.

Quais as principais influências que o meio social e pessoal traz para a construção da sua identidade profissional?

Quais efeitos das memórias construídas ao longo da vida tem na formação profissional e na prática da sua profissão?

Como o professor se ver em diferentes momentos da sua experiência docente? O que acha de ser professor? Por que?

Quais reflexos das suas histórias de vidas, desde as superações as conquistas lhes retratam como professores?

Esse processo de investigação tem como questão de partida saber quais as concepções dos professores quanto à profissionalização docente, a partir das suas histórias de vidas e identidade docente? A profissionalização docente envolve realidades complexas de medos, expectativas, atitudes que submetidas a diferentes histórias de vida e visões de mundo abarca dilemas sobre os quais nos vemos incitados a lançar um olhar como pesquisadores, (Nôvoa, 2002). As categorias escolhidas foram; Profissão docente, Histórias de vidas e identidade docente.

O estado da arte da temática se faz através das principais contribuições acadêmicas tanto com a questão das histórias de vidas dos professores como a sua importância na construção e reconstrução da sua identidade profissional, procurando assim entender e compreender o *habitus* da profissão docente. Através de dissertações e teses consultivas. Maria de Cássia dos Santos (ULHT/PT, 2012) em “A Construção da Identidade Profissional Docente: Relatos de histórias de vida” com o objetivo de conhecer a realidade social do educador, identificando os caminhos evolutivos na construção da identidade profissional. Antônio (ULHT/PT, 2002) “O outro lado do espelho” buscou compreender como a mudança do papel dos docentes influi nas suas condutas e conhecer as expectativas e as frustrações das professoras perante a docência; Ferreira (UNESP, 2006) “Ser-Professor: construção de identidade em processo auto-formativo”, buscou analisar como o ser-professor narra-se e interpreta-se como sujeito na profissão, tendo em vista compreender de que maneira esse

profissional constrói a identidade pessoal/profissional, sendo capaz de afirmar-se ou negar-se como sujeito dentro do sistema-escola; Jane Kele Paulino de Oliveira, *Múltiplos Olhares: A Construção da identidade docente* (ULHT/PT, 20012). João M. Moreira (ULHT/PT, 1991), “Desenvolvimento profissional dos professores; Acepções, Concepções e Implicações.” Mostra os primeiros contatos com a docência no âmbito do desenvolvimento profissional dos professores, segundo a teoria de Huberman (1989).

Por Costa e Gonçalves (2006), “Histórias de vidas: apontamentos teóricos”. Em artigo apontam que o professor enquanto profissional expressa informações, crenças, atitudes e inquietações durante sua carreira e que ao longo dessa trajetória repercutem no seu desenvolvimento profissional. Complementando esse raciocínio Silva e Chakur (2000) em “A Tomada de Consciência da Crise de Identidade Profissional em Professores do Ensino Fundamental.” Aborda uma visão larga ao conceito de identidade no que diz respeito ao indivíduo coletivo e posteriormente ao profissional docente. Ilma Passos Alencastro Veiga (2008), em “Profissão Docente: Novos sentidos, Novas perspectivas”, analisa os efeitos das memórias construídas ao longo da vida tem na formação profissional e na prática da sua profissão.

A presente dissertação está organizada em três (3) capítulos e considerações finais.

No Capítulo I – “Percursos teóricos da Pesquisa faz-se referência à profissionalização docente e identidade profissional no contexto social com ênfase no conceito de identidade”. Neste capítulo discorreu-se ainda, acerca da História de vida na profissão docente. O segundo ponto refere-se a trajetória social: um reflexo sobre a prática profissional e procura apreender sobre a incorporação do *habitus* no processo social e a construção da identidade docente, faz uma reflexão da prática pedagógica no contexto atual, contemplando as histórias de vida.

O Capítulo II– Desenho Metodológico descreve-se o delineamento do estudo como uma abordagem qualitativa, o método escolhido foi o de histórias de vida, local de estudo, contextualizando os sujeitos da pesquisa, população e amostra, coleta de dados e instrumento utilizado. No final deste capítulo enfatiza a análise de discurso.

O Capítulo III – Análise e Discussões dos Resultados foram delineadas de forma a mostrar os resultados obtidos na coleta de dados da pesquisa de campo, no sentido de propiciar uma discussão baseada nos dados obtidos através de formações discursivas (FD): histórias de vida, identidade docente e profissão docente.

No que se refere às considerações finais, através da análise e discussão dos

resultados do estudo respondemos aos objetivos, propostos no início da investigação, salientando-se, então, a necessidade de recomendar este tema estudado em pesquisas futuras na área de educação, no sentido de aprimorar os conhecimentos adquiridos a respeito do cotidiano dos professores .

CAPÍTULO 1:

PERCURSOS TEÓRICOS DA PESQUISA

1.1. Profissão Docente

Investigar essa temática Profissão Docente comporta diferentes leituras, com diferentes consequências para o trabalho docente. Desde os aspectos estudados são as temáticas escolhidas, as argumentações utilizadas, as metodologias adotadas e as teorias pedagógicas subjacentes-subsídios para uma reflexão sobre os fundamentos no contexto concreto da realidade.

Segundo Tardif (2002), essas múltiplas articulações entre a prática docente e os saberes fazem dos professores um grupo social e profissional cuja existência depende em grande parte, de sua capacidade de dominar, mobilizar e integrar tais saberes enquanto condições para sua prática. Se admitirmos, por exemplo, que os professores ocupam no campo dos saberes, um espaço estrategicamente tão importante quanto aquele ocupado pela comunidade científica não deveriam eles então gozar de um prestígio análogo? Ora isso não acontece. (Tardif, 2002).

Na visão do autor o docente raramente atua sozinho. Ele se encontra em interação com outras pessoas, a começar pelos alunos. A atividade docente não é exercida sobre um objeto, sobre um fenômeno a ser conhecido ou uma obra a ser produzida. Ela é realizada concretamente numa rede de interações com outras pessoas, num contexto onde o elemento humano é determinante e dominante e onde estão presentes símbolos, valores, sentimentos, atitudes que são passíveis de interpretação e decisão, interpretação e decisão que possuem geralmente, um caráter de urgência. Essas interações são mediadoras por diversos canais: discurso, comportamentos, maneiras de ser, etc.

No século XIX, segundo Nóvoa (1999), ocorreu a expansão da escola pela grande procura da sociedade devido à crença na superioridade social por meio desta instituição. Juntamente a este acontecimento, ocorreu a institucionalização da formação específica e especializada para o professor: as *escolas normais*, que consolidaram a imagem e o estatuto do professor, mas também oportunizaram um maior controle estatal. A partir da segunda metade do século XIX, a profissão docente passou a ser marcada por ambigüidades, pois os professores não são burgueses, não são do povo, não devem ser intelectuais, devem ter instrução e relacionar-se com todos os grupos sociais. Todas estas questões reforçam a feminização (Almeida, 2000) o isolamento social e a indefinição do estatuto da nossa profissão, mas por outro lado também avigoram a solidariedade interna entre os profissionais e a formação de uma identidade decente. No começo do século XX iniciou-se um maior

prestígio do professor devido às ações das Associações Profissionais de Professores e à adesão a um conjunto de normas e valores.

Apesar do prestígio da profissão docente permanecer intacto e das sociedades modernas perceberem a importância de investir na educação atualmente, Novoa (1999) salienta que os professores não são valorizados de forma íntegra e digna: “nosso salário, muitas vezes, não serve nem para o sustento; nossa função é múltipla; as regras para entrada no curso de formação de professores são inadequadas; a formação inicial e continuada são, muitas vezes, ineficazes”. Para Nóvoa (1999) os professores, há muito tempo, vêm sofrendo de uma situação de mal-estar na profissão, que causa desmotivação pessoal com a docência, abandono, insatisfação, indisposição, desinvestimento e ausência de reflexão crítica, entre outros sintomas que demonstram uma autodepreciação do professor. Esta situação abarca a crise da profissão docente, que vem sendo bastante analisada e discutida pelos teóricos contemporâneos. No estudo da epistemologia da prática profissional, o interesse da investigação repousa sobre o conjunto de saberes utilizados pelos professores em sua prática profissional. Por outro lado, há quem mencione a força que exerce a prática na formação profissional. Com efeito, o trabalho não é algo que se aprende conhecendo de fora para dentro, mas uma atividade que se cumpre; como tal, no seio desse fazer, saberes são mobilizados, construídos e reconstruídos.

Tardif (2002), trabalhando afirma dizer que os professores ocupam uma posição estratégica, porém socialmente desvalorizada, entre os diferentes grupos que atuam, de uma maneira ou de outra, no campo dos saberes. De fato, os saberes da formação profissional, os saberes disciplinares e os saberes curriculares dos professores parecem sempre ser mais ou menos de segunda mão. Eles se incorporam efetivamente a prática docente, sem serem porém, produzidos ou legitimados por elas. A relação que os professores mantêm com os saberes que é a de “transmissores”, de “protetores” ou de “objetos” de saber, mas não de produtores de um saber ou de saberes que poderiam impor como instância de legitimação social de sua função e como espaço de verdade da sua prática. Noutras palavras, a profissão docente se define em relação aos saberes, mas parece incapaz de definir um saber produzido ou controlado pelos que a exercem.

O papel do professor sempre foi marcado por várias atribuições caracterizadas muitas vezes como acúmulos de missões, que carregam reflexos das formações profissionais nos resultados das suas práticas. Em entrevista pela educação Nóvoa, (2006) coloca que, a história da educação foi desenvolvendo por acumulação de missões e de conteúdos, uma espécie

constante de “transbordamento” que a levou a assumir uma infinidade de tarefas. Há quem teme em ver no atraso português uma inevitabilidade histórica. O desafio parece daqueles que cansam e desmobilizam só de olhar. Portanto em síntese, diria que... O reforço da autonomia das escolas e dos projetos locais da educação, por outro a melhoria da qualificação e da profissionalização docente.

Nóvoa também aponta que em todas as profissões, há bons e maus profissionais. É urgentíssimo ter a coragem de definir políticas que permitam formar, recrutar e valorizar os “bons profissionais” intervir na formação, consolidar lideranças profissionais nas escolas e definir práticas de avaliação do trabalho docente “reinventar um sentido para a escola”, tanto do ponto de vista ético quanto cultural” de “repensar o horizonte ético da profissão”.

O autor refere-se ao “Atraso Educacional” e aponta que o insucesso e o abandono são ainda consequências em grande média. A escola tem pouco sentido para largas camadas de jovens, e para suas famílias, conduzindo ao desinteresse e à desmotivação. A organização do trabalho escolar é uma questão bem mais abrangente do que alargamento do horário escolar. Mas é preciso não cair na tentação de considerar que a escola resolve tudo. A ideia de diferenciação é uma das mais antigas e, ao mesmo tempo, uma das menos concretizadas ideias da pedagogia. Tendo em vista o “choque tecnológico” e a “revolução tecnológica” venha a fornecer os instrumentos de cultura para desenvolver metodologias de tratamento da informação, para trabalhar nesta “sociedade da informação”, no paradigma da aprendizagem e na flexibilidade curricular, emerge como referência obrigatória de todos os discursos, um conceito mágico: competências. (Nóvoa, 2006)¹

Nesta mesma perspectiva Tardif (2002, p.39-40) acrescenta que:

“[...] seria de se esperar, pelo menos na ótica tradicional da sociologia das profissões, que os professores, como grupo social e categoria profissional, procurassem se impor como uma das instâncias de definição e controle dos saberes efetivamente integrados à prática. [...] também seria de se esperar que ocorresse certo reconhecimento social positivo do papel desempenhado pelos professores no processo de formação-produção dos saberes sociais.” (Tardif, 2002, p. 39-40).

Segundo Tardif (2002), os saberes docentes que utilizam em suas práticas em sala de aula, apresentam especificidades, cuja importância centra-se na sua posição ocupada na instituição como mediador do processo cultural e da produção de saberes dos alunos. Saberes possibilitadores, de modo subjetivo que favorece o adentramento para a concretização do processo de escolarização na relação interativa com os docentes e demais profissionais da educação.

¹ NOTA: ENTREVISTA:PELA EDUCAÇÃO, COM ANTÔNIO NÓVOA, saber (e)Educar, 11/2006

O autor reporta-se aos professores como sujeitos dotados de competências ativas, pois suas práticas transcendem os saberes teóricos em relação aos saberes que constroem e produzem a partir da sua própria experiência profissional utilizando-se de dinâmica transformadora para o atingimento da mobilização desses saberes que os tornam pesquisadores do contexto educacional tornando-os pesquisadores da educação (p. 234).

O autor ainda propõe uma superação quanto à visão que se tem do professor enquanto mero objeto de pesquisa, passando a considerar-se sujeito capaz de apropriação do conhecimento, de colaboração e capaz de participar de co-pesquisa, independente da oportunidade dotada pela Ciência da Educação de inserção de pesquisa voltada para a área do ensino e docência, contemplando seus interesses, suas opiniões, carências profissionais, grupais e individuais, tanto nas formas das diversas linguagens e no discurso que ofereça suporte de utilidade na sua prática cotidiana e contemple a significância das suas ações pedagógicas no cotidiano da sala de aula, possibilitando o acesso e apropriação do ato da pesquisa para que possam refletir sobre os seus discursos e adquiram competência para reformulação dos seus discursos mediante perspectivas que contemplem seus interesses, sejam individuais ou coletivos (p. 239)

Na visão de Tardif (2002) é importante todo o profissional da educação ter consciência sobre as suas práticas para agir frente a elas. Isso permite a formação de um conjunto de características específicas do ser professor, que devem ser contextualizadas, abrangendo o pedagógico, o profissional e o sócio-cultural. Assim, não é fácil definir o conceito de “ser professor”, visto que a prática docente abrange essas diferentes dimensões e é determinada por várias instâncias: o coletivo social dos professores; o prestígio relativo da profissão; a posição social do professor.

Dessa forma, o autor destaca que o debate social sobre a educação constrói diferentes exigências em relação à função docente, pois a evolução em que a sociedade se encontra acarreta cada vez mais atividades e responsabilidades a serem cumpridas pela escola e mais aspirações educativas a serem assumidas pelos professores.

Tudo isso ocasiona a indefinição da real função do professor, pois as exigências frente à profissão abrangem aspectos de ensino-aprendizagem, de cuidados à infância, de higiene, de saúde, de administração escolar, de respeito e trabalho com os diferentes contextos sociais, econômicos e culturais, bem como com as diferentes estruturas familiares de hoje. Podemos considerar que os professores, em certos momentos, assumem o papel de psicólogos, médicos, enfermeiros, assistentes sociais, e mesmo de pai e mãe. Assumir a

profissão docente hoje é um desafio, pois além desta indefinição em suas funções, Sacristán (1999) destaca que o professor não detém a exclusividade na responsabilidade de suas ações educativas, devido às influências políticas, econômicas, culturais e à desprofissionalização do professorado.

Conforme Sacristán (1999, p. 68) “Os professores não produzem os conhecimentos que são chamados a reproduzir nem determinam as estratégias práticas de ação. Por isso, é muito importante analisar o significado da prática educativa...” O autor prossegue colocando que a prática educativa não se limita apenas às atividades dos professores, pois está interligada e depende dos vários contextos em que nos encontramos: há práticas de caráter antropológico, práticas institucionalizadas e práticas concorrentes (que são os mecanismos de supervisão). Esta diversidade de funções provoca a superabundância de saberes docentes, pois cada tarefa exige conhecimentos específicos, sendo necessária uma consciência progressiva da prática, sem a desvalorização da teoria.

Nesta mesma perspectiva Nóvoa (2000), afirma que;

“hoje sabemos que não é possível separar o eu pessoal do eu profissional, visto que é uma profissão impregnada de valores e de ideais e muito exigente do ponto de vista do empenhamento e da relação humana.” (Nóvoa, 2000, p.9)

Torna-se necessário refletirmos sobre o verdadeiro ofício docente, colocando em pauta nesta reflexão o tempo de mudanças em que estamos, ressaltando a fase da carreira em que o professor se encontra, as relações entre os profissionais docentes e o percurso profissional de cada professor.

Isso é ressaltado por Maria Helena Cavaco, no capítulo da obra, intitulado “Ofício do professor: o tempo e as mudanças”

“Se a escola se organizar para acolher os novos docentes, abrindo o caminho para que possam refletir e ultrapassar de forma pertinente e ajustada as suas dificuldades, se assumir colectivamente a responsabilidade do seu encaminhamento através de projetos de formação profissional, talvez contribua para inverter, por essa via, a actual tendência para a descrença generalizada que se associa à desvalorização social da imagem do professor” (Cavaco, 1999, p.168).

Neste sentido, Zanatha et al (2002) relatam que a profissionalização docente tem promovido debates no campo educacional com o propósito de gerar uma reavaliação do papel da escola e dos professores redimensionando as características da profissão docente frente à realidade sócio-educacional. Sendo assim, a autora acredita que na atualidade os docentes manifestam interesse na busca por novos saberes e responsabilidades perante a sociedade, sinalizando assim, interesse por novos conhecimentos. O que explica a crescente demanda em

cursos de pós-graduação, capacitações e atualizações, que são consequências das novas reflexões filosóficas e científicas em detrimento dos avanços tecnológicos.

Para Nóvoa (1999), A função dos professores define-se pelas necessidades sociais a que o sistema educativo deve dar resposta, as quais se encontram justificadas e mediatizadas pela linguagem técnica pedagógica. O conceito de educação e de qualidade na educação tem aceções diferentes segundo os vários grupos sociais e os valores dominantes nas distintas áreas do sistema educativo. A imagem da *profissionalidade ideal* é configurada por um conjunto de aspectos relacionados com os valores, os currículos, as práticas metodológicas ou a avaliação. O autor considera que a educação é objeto de um amplo debate social, graças ao qual se constroem as crenças e aspirações que formulam diferentes exigências em relação ao comportamento dos professores. Esta diversidade nota-se muito claramente em momentos de conflito, nomeadamente entre as expectativas familiares e a acção dos professores.

A evolução da sociedade tende a afectar à escola um conjunto cada vez mais alargado de funções; as aspirações educativas a que o professor deve dar resposta crescem, á medida em que se tornam de dia para dia mais etérias ou invisíveis (Bernstein,1988). Esta evolução da exigência social, especialmente projetada na educação pré-escolar e na escolaridade obrigatória em geral, conduz a uma indefinição de funções.

Segundo Lawn (1989), o posto de trabalho dos professores está muito marcado por tendências que afectam todo o sistema, tais como o progresso da especialização. Uma maior pormenorização das destrezas de ensino, uma maior fragmentação da educação, o desenvolvimento de mecanismos de supervisão e avaliação,etc. A caracterização técnica dos currículos, a sua elaboração prévia por especialistas e uma maior regulamentação da actividade pedagógica, constituem factores de desprofissionalização do professorado. Apple(1989) acrescenta a estes factores a *intensificação* do trabalho docente, com uma sobrecarga de actividades relacionadas, direta ou indiretamente, com o ensino, a avaliação, a gestão, etc.

Tardif (2010), em estudo sobre a trajetória educacional observa que a instituição educativa, ao longo da história, internalizou o modelo de ensino e aprendizagem instituído pela história da humanidade, o qual preconizava um ensino escolástico relegando ao professor a propriedade do saber e aos alunos a passividade e aceitação da oratória docente. É nesse contexto que se dá o início da exclusão na instituição de ensino, pois esse espaço restringia-se apenas aqueles que pertenciam a uma classe social abastada e dominante.

Para Nunes (2001), os estudos em torno dos saberes docentes e a formação de

professores e grande parte destes, evidenciam preocupação em discutir os saberes da experiência, da prática, como algo que é constituído independente dos cursos de formação. Para compreender como os professores equacionam, em sua formação e em sua atuação, as dimensões entre saberes e práticas, é importante, também, considerar o conjunto de saberes que respaldam suas ações e que constituem um saber sobre a profissão, construído por eles próprios.

De acordo com Nunes (2001, p. 3), os estudos e produção de Tardif, Lessard e Lahaye, em 1991, são considerados como o impulso para se pensar na constituição dos saberes dos professores, possibilitando a reflexão sobre os limites da formação prevista e dos conhecimentos acadêmicos na constituição do saber docente. A autora ainda argumenta que, ao afirmarem a centralidade da instituição escolar enquanto lócus de formação do magistério se revelou a força da experiência escolar, passada enquanto aluno, no desenvolvimento da prática pedagógica, ressaltando o caráter de improvisação, a marcar o trabalho docente.

Nessa mesma perspectiva, Marcelo Garcia (1999, p.4) afirma, a partir de uma investigação sobre o pensamento do professor que “os docentes geram conhecimento prático a partir da sua reflexão sobre a experiência”. Mas como os professores iniciantes/estudantes, experientes, em processo de formação acadêmica, fazem para optar entre diversos tipos de práticas, diante dos conflitos enfrentados no cotidiano da sala de aula? Que conflitos são esses? De que se originam? Por isso, a importância de compreender o período de iniciação profissional, que envolve os primeiros anos de docência, no qual os professores não só ensinam, mas também, aprendem. Na linha de Nietzsche e de Foucault (2009) de que, estabelece uma conexão entre pedagogia do poder e do saber, em que por detrás de todo o saber, o que está em jogo é uma luta de poder, estando o poder político intrinsecamente correlacionado com o saber.

Autores como Huberman (1992, p.39), também, traça uma descrição de tendências, em seus estudos sobre o desenvolvimento da carreira docente, que nos permite identificar como se caracteriza “o ciclo de vida dos professores”. De acordo com esse estudo, o professor passa por uma fase de “sobrevivência” e “descoberta”, ao iniciar seu percurso profissional, que possibilita o confronto com o *novo* e a *exploração* de possibilidades de ação, avançando, gradativamente, para uma fase de “estabilização”, em que, começa a tomar uma maior consciência do seu papel e responsabilidade, enquanto educador. Este *ciclo*, como define Huberman (1992, p.47), não se constitui em etapas fixas, mas sim num processo dinâmico e bem peculiar ao percurso pessoal de cada professor.

A expressão “choque com a realidade” (Silva, 1997, p.54), também é atribuída a fase inicial de carreira dos professores e traduz o impacto provocado pelas suas vivências na prática e é considerada como uma fase que pode perdurar por um período de tempo instável, mais, ou menos longo. De acordo com a autora, nesse período, em torno de até seis anos de carreira, é que os docentes sofrem seus primeiros impactos com a realidade escolar, sendo levados a refletir, seja resignificando e/ou preservando posturas que, em seus cotidianos, adotam como possibilidades de ação. Ainda, nesse mesmo período, vão estabelecer interações com seus pares, construindo algumas lógicas importantes que poderão se tornar definitivas para suas ações docentes.

Silva (1997) e Loureiro (1997) apresentam dados importantes sobre a iniciação na prática, afirmando existirem muitos problemas que são detectados no início da carreira docente, entre eles: o período de iniciação profissional docente, nos primeiros anos, é um período em que o professor também aprende; o “choque com a realidade” transforma, esse período, propício a surgimento de dilemas; é um período de fortes pressões profissionais, que influenciam na vida pessoal, e tendem a transições no próprio ciclo de vida. Poderíamos dizer que, daí o surgimento de conflitos interiores, provenientes dessas vivências subjetivas, ora enquanto professor, ora enquanto aluno, gerando os “dilemas” que, segundo Zabala (1994, p.62) se refere a todo conjunto de situações problemáticas (pontuais ou gerais) que podem se apresentar ao professor, na sua atividade profissional, considerando dois aspectos importantes: a identificação de situações dialéticas e/ou conflitantes que se produzem nas situações didáticas e o rompimento da idéia da linearidade da conexão pensamento-ação.

O encontro com a realidade em sala de aula, aflora dificuldades na relação professor-aluno-formação-sociedade e as interações mútuas advindas do processo de ensino-aprendizagem, pois a dinâmica de funcionamento de uma aula se desenvolve meio ao afrontamento de dilemas, ou mais propriamente, meio a espaços problemáticos, como ressalta Zabala (1994, p. 63).

Esse sentido problemático ao qual o autor se refere, está relacionado ao trabalho dos professores com aquilo que é perspectiva da sua própria prática em geral (incerteza, instabilidade, singularidade, conflito de valores) e por assim entender esse processo, Zabala (1994, p.64) afirma que “o professor é um profissional racional”, ou seja, suas ações situam-se num contexto inderteminado em que se espera ser capaz de considerar todas as variáveis que intervém nas suas ações e possa adaptá-las a essa conjunção dialética. Por isso se fala no professor como prático, ou seja, aquele que põe seu conhecimento em ação nas situações

concretas. Do mesmo modo, fala-se no “ensino como atividade exploratória, na qual se vai conjugando, a cada situação, o desejável o possível e o conveniente” (Zabala, 1994, p.65).

Caetano (1997, p.218) ressalta que os dilemas são fenômenos potenciais sobre os quais deve se centrar a formação dos professores, utilizando-os como ponto de partida nos processos de investigação sobre a ação e consequentemente dos saberes constituídos pelo professor nesse entremeio. De acordo com a autora, a resolução dos conflitos vividos pelo professor não é fácil, nem sempre é possível, mas acima de tudo, é importante que seja fonte de inquietação, pois esta é o *germe da mudança*.

Conforme Perrenoud (1999), o professor deve tornar-se alguém que concebe sua própria prática para enfrentar eficazmente a variabilidade e a transformação de suas condições de trabalho. Estudos mostram que os professores são alvos ou estão no fogo cruzado de muitas esperanças sociais e políticas em crise nos dias atuais. As críticas externas ao sistema educacional cobram dos professores cada vez mais trabalho, como se a educação, sozinha, tivesse que resolver todos os problemas sociais.

Em termos econômicos, Perrenoud (1999) quanto à afirmação de que não é possível formar professores com um nível mais alto e dar-lhes mais responsabilidade sem pagá-los melhor, além do mais, nenhum professor se oporia a reivindicar mais autonomia, com a condição de que não tenha que pagar seu preço: acréscimo de responsabilidade, de cooperação, de transparência e, sem dúvida, de trabalho... Para tanto, devemos considerar tal envolvimento e responsabilidade como, em princípio, interessar-se, informar-se, participar do debate, explicar, mostrar. O que é seguramente uma questão de status, de poder, de relações de força. Mas é também uma questão de identidade individual e coletiva do profissional docente. É possível notar que em virtude dos efeitos negativos sobre a qualidade do ensino, bem como sobre a saúde dos docentes por consequência da massificação do ofício, existam indicadores de ausência de consonância sobre a definição do que seja um “bom trabalho” e da fraqueza dos debates a respeito destas questões.

No entanto para Perrenoud (2009), podemos afirmar que a profissão docente é caracterizada por uma prática na qual a experiência individual pode se converter em uma experiência coletiva, por isso, espera-se dos professores uma participação ativa e crítica do seu processo de desenvolvimento profissional e atuação, a qual, segundo o autor consiste em:

1. aprender a cooperar e a atuar em rede;
2. aprender a viver a escola como uma comunidade educativa;
3. aprender a sentir-se membro de uma verdadeira profissão e responsável por ela;
4. aprender a dialogar com a sociedade.

Atualmente, mesmo que coexistam no mesmo andar e

tomem café, todos os dias, à mesma mesa, os professores não são obrigados a trabalhar em conjunto; logo, a necessidade de aprender a trabalhar em rede. Para suprir a necessidade de a escola viver como uma comunidade educativa, é preciso formar os professores nesse sentido, prepará-los para negociar e conduzir projetos e dar-lhe as competências para um entendimento com outros adultos, inclusive com os pais. Ao sentir-se membro de uma verdadeira profissão e responsável por ela, poderá haver um crescente controle coletivo do profissional sobre sua formação e uma influência mais forte sobre as políticas públicas que estruturam o seu campo de trabalho.

Por fim, os professores devem aprender a se envolver, primeiramente, como profissionais que colocam sua especialidade a serviço do debate sobre as políticas educacionais e não como membros de um grupo profissional que defende interesses da categoria. Perrenoud (2009).

Para Schwab (1983), a profissionalização pode ser definida como a observância de um certo tipo de regras, baseadas num conjunto de saberes e de saber-fazer. No entanto, estas regras nem sempre são muito precisas, estando sujeitas a uma permanente reelaboração pelos professores; uma parte do conhecimento pedagógico possui um carácter eclético no que diz respeito à capacidade de ordenar a prática. Por outro lado, a profissionalidade manifesta-se através de uma grande diversidade de funções (ensinar, orientar o estudo, ajudar individualmente os alunos, regular as relações, preparar materiais, saber avaliar, organizar espaços e actividades, etc.). Esta diversidade provoca uma profusão de saberes potencialmente pertinentes, aspecto a ter em conta na concepção de programas de formação.

Segundo Freire (1996, p.96), “o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma *cantiga de ninar*. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas”. Ainda segundo o autor, “o professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca”. Apesar da importância da existência de afetividade, confiança, empatia e respeito entre professores e alunos para que se desenvolva a leitura, a escrita, a reflexão, a aprendizagem e a pesquisa autónoma; por outro, Siqueira (2005, p.01), afirma que os educadores não podem permitir que tais sentimentos interfiram no cumprimento ético de seu dever de professor. Assim, situações

diferenciadas adotadas com um determinado aluno (como melhorar a nota deste, para que ele não fique de recuperação), apenas norteadas pelo fator amizade ou empatia, não deveriam fazer parte das atitudes de um “formador de opiniões”.

Logo a relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles. Indica também, que o professor, educador da era industrial com raras exceções, deve buscar educar para as mudanças, para a autonomia, para a liberdade possível numa abordagem global, trabalhando o lado positivo dos alunos e para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais.

Tavares (2008), afirma que a “identidade profissional se submete ao princípio da racionalidade limitada, na medida em que as matrizes constitutivas de natureza inconsciente ou as lógicas mais conscientes de decisão são influenciadas pela posição do indivíduo no contexto em que se insere, mas também pela sua experiência passada” (p.97). Vale salientar, que o desenvolvimento profissional é a forma como o docente se define e se relaciona com o outro. A trajetória docente é construída ao longo dos anos, tendo início na escola, passando pela escolha profissional, exercício da profissão e experiências vividas. Sendo assim, as transformações no percurso profissional dependem do compromisso pessoal com a profissão, disponibilidade para aprender a ensinar, as crenças, os valores, e os conhecimentos adquiridos.

Na concepção de Tardif (2002) o saber docente é múltiplo e pluriorientado por diversos saberes, originados dos saberes curriculares, das disciplinas, do exercício profissional e da experiência pessoal. A construção da sua *práxis* profissional está interligada ao sentimento de identidade pessoal, ou seja, de como ele se vê num determinado momento histórico de sua carreira.

“Nas culturas tradicionais, os comportamentos passados influenciam grandemente os comportamentos atuais. Assim, numa sociedade tradicional aprende-se a ensinar observando os professores e tentando simplesmente reproduzir o comportamento destes. Mas a tradição afeta também o futuro; a repetição permite definir ou pelo menos delinear a complexidade do futuro. Baseando-se no passado para definir o futuro, um docente não precisa pesar nem improvisar cada ação.” (Tardif, 2009, p.29).

Segundo Tardif (2009), a *práxis* profissional está interligada ao processo de construção da identidade profissional levando em consideração as mudanças que ocorrem e afetam as relações no processo de ensino e aprendizagem e nas lutas e conflitos que permeiam a construção da identidade profissional.

Nóvoa (1995) discute a importância da reflexão e papel desempenhado pelo docente. Sendo este profissional autônomo, com um pensamento crítico-reflexivo que proporciona ao mesmo uma forma de pensar independente, facilitando o seu processo de autoformação docente. Enfatizando o papel do professor reflexivo como um elemento constitutivo da formação profissional.

Na perspectiva de Tardif (2002, p. 228), os saberes docentes que utilizam em suas práticas em sala de aula, apresentam especificidades, cuja importância centra-se na sua posição ocupada na instituição como mediador do processo cultural e da produção de saberes dos alunos. Saberes possibilitadores, de modo subjetivo que favorece o adentramento para a concretização do processo de escolarização na relação interativa com os docentes e demais profissionais da educação. O autor reporta-se aos professores como sujeitos dotados de competências ativas, pois suas práticas transcendem os saberes teóricos em relação aos saberes que constroem e produzem a partir da sua própria experiência profissional utilizando-se de dinâmica transformadora para o atingimento da mobilização desses saberes que os tornam pesquisadores do contexto educacional tornando-os pesquisadores da educação (p. 234).

O autor ainda propõe uma superação quanto à visão que se tem do professor enquanto mero objeto de pesquisa, passando a considerar-se sujeito capaz de apropriação do conhecimento, de colaboração e capaz de participar de co-pesquisa, independente da oportunidade dotada pela Ciência da Educação de inserção de pesquisa voltada para a área do ensino e docência, contemplando seus interesses, suas opiniões, carências profissionais, grupais e individuais, tanto nas formas das diversas linguagens e no discurso que ofereça suporte de utilidade na sua prática cotidiana e contemple a significância das suas ações pedagógicas no cotidiano da sala de aula, possibilitando o acesso e apropriação do ato da pesquisa para que possam refletir sobre os seus discursos e adquiram competência para reformulação dos seus discursos mediante perspectivas que contemplem seus interesses, sejam individuais ou coletivos (p. 239).

Pereira (2005) afirma que muitas vezes, as condições de trabalho e as exigências impostas às pessoas, inclusive na profissão docente, pelas mudanças na vida moderna são geradoras de stress. Exercer a actividade docente implica, para o professor, ter uma ocupação que exige certo grau de habilidade de preparo e conhecimento atualizado, ao mesmo tempo que esse profissional necessita praticar ações que desenvolvam as habilidades cognitivas, afetivas e sociais.

1.2. Histórias de Vida

Aceita-se que a vida dos professores, como escreve Huberman 1992, é um processo, não um sucessão de acontecimentos. Este processo não é linear, mas está repleto de oscilações ou regressões.

Partindo de uma visão mais ampla sobre os ciclos de vida, nomeadamente tendo em conta as contribuições da sociologia da educação, vários investigadores abordaram as vidas dos professores, partindo do pressuposto que as diferentes experiências, atitudes, percepções, expectativas, satisfações, frustrações, preocupações parecem estar correlacionados com as diferentes fases da vida profissional e pessoal dos professores. Admite-se que cada uma destas fases não são de passagem obrigatória, e que existem aspectos ou situações pessoais, profissionais, contextuais que influenciam os professores (Huberman, 1995).

As histórias de vida dos professores se constituíram por muito tempo, como uma espécie de paradigma perdido da investigação educacional. Para Nóvoa (1992), as histórias de vida têm sido objeto de muitas críticas originadas de diversos setores, centralizadas na fragilidade metodológica, na ausência de validade científica, no esvaziamento das lógicas sociais, na excessiva alusão a aspectos individuais e na inabilidade de entender as dinâmicas grupais de mudança social. Apesar de todas as críticas é inegável que as histórias de vida têm originado práticas e reflexões muito estimulantes, condimentadas pelo encontro de várias disciplinas e pelo recurso a uma variedade de ajustamentos conceituais e metodológicos.

“A possibilidade de um desenvolvimento profissional (individual e colectivo), que crie as condições para que cada um defina os ritmos e os percursos da sua carreira e para que o conjunto de professores projecte o futuro desta profissão, que parece reconquistar . . . novas energias e fontes de prestígio” (Nóvoa, 1999, p.30).

Nesta perspectiva o autor considera que o professor, enquanto profissional, expressa diferentes destrezas, informações, crenças, atitudes, inquietações e interesses durante sua carreira. Ao longo dessa trajetória ocorrem fatos, negativos ou positivos, que contribuem direta ou indiretamente para que ele se desenvolva profissionalmente. Esse desenvolvimento é visto como um fenómeno de mudança que ocorre ao longo dos anos, como um processo de aprendizado que se prolonga e acontece durante toda a vida, quando olhamos a pessoa como um todo. Para entendermos melhor como acontece esse desenvolvimento, é importante lançarmos um olhar sobre as experiências pelas quais os professores passam, buscando conhecer sua história de vida. Através dessa história, podemos detectar formas de apoio e entraves para que esse desenvolvimento aconteça, podemos olhar pontos decisivos e os focos

de interesse durante sua trajetória.

“[...] Ao lançar um olhar mais detido e mais arguto sobre seu passado, os professores têm a oportunidade de refazer seus próprios percursos, e a análise dos mesmos tem uma série de desdobramentos que se revelam férteis para a instauração de práticas de formação. Eles podem reavaliar suas práticas e a própria vida profissional de modo concomitante, imprimindo novos significados à experiência passada e restabelecendo suas perspectivas futuras” (Bueno, 1998, p. 15).

A história de vida não diz respeito apenas ao passado. Ela garante a direção e a coerência necessárias para cada um agir no presente e pensar o futuro. Retornar à memória nos alerta que “[...] diferentemente do saudosismo, de um projeto gratuito ao passado, esse resgate se faz projeto de um futuro diferente” (Vasconcelos, 2000, p. 11). Por sua vez, resgatar a memória ganha novo significado, revestindo-se ainda de um sentido particular.

As narrativas ajudam-nos a colocar ordem e coerência à nossa experiência e a dar sentido aos acontecimentos de nossa vida. Já a história é a maneira como organizamos e revelamos para o outro aquilo que reconhecemos em nossa memória. Assim, é importante a história de vida dos professores, com a finalidade de conhecer as experiências pelas quais passam.

Todavia, é lamentável que, na maioria das vezes, quando pensamos ou nos perguntamos sobre a nossa trajetória profissional, o centro de nossas atenções está “[...] nos cursos realizados, na formação acadêmica e a experiência vivida na área profissional. Fica de fora como algo sem importância a nossa presença no mundo” (Freire, 1996, p. 80). Parece que a atividade profissional do sujeito não tem nada a ver com suas experiências “[...] de menino, de jovem, com seus desejos, com seus sonhos, com o seu bem querer ao mundo ou seu desamor à vida. Com sua alegria ou com seu mal-estar na passagem dos dias e dos anos” (Idem).

Larrosa (2003), considera a palavra como o meio pelo qual cada um de nós tenta dar sentido a si mesmo, construindo-se como um ser de palavras, a partir das palavras e dos vínculos narrativos que recebemos.

O professor é assim visto como atravessando estágios cognitivos cada vez mais sofisticados, sendo o seu pensamento caracterizado em cada estágio por uma estrutura de conjunto subjacente, que se torna progressivamente cada vez mais complexa, abstrata, e, por isso mesmo, mais abrangente.

Assim, como não deixar a suspeita de que a crescente abundância de nossas palavras e de nossas histórias não tem como correspondente o aumento de nossa inquietação? Talvez nós homens e mulheres, não sejamos outra coisa que um modo particular de contarmos o que

somos, a partir de pedaços de histórias que recebemos. Nessas histórias, cada um configura o que ele é, sua própria história, a partir de fragmentos desconexos das histórias que recebeu,

“[...] incorporando-as, por sua vez, negando-as, desconfiando delas e transformando-as de maneira que ainda possam ser habitáveis, que ainda conservem uma certa capacidade de pô-los de pé e abrigar, seja por um momento sua indigência” (Larrosa, 2003, p. 22).

Nos últimos anos assistiu-se a mudanças sociais profundas que repercutiram e repercutem até os dias atuais nos comportamentos, estilos de vida, atitudes e valores com impacto na vida escolar e na profissão docente principalmente. O docente deve estar inserido no conjunto de competências profissionais, entre elas, a forma de saber se relacionar em sociedade, caracterizado por uma grande complexidade do ponto de vista emocional. “Os docentes vivem em um espaço carregado de afetos, de sentimentos e de conflitos” (Tardif, 2009, p.229).

Nesta perspectiva, o sucesso profissional resultará na promoção do envolvimento com a profissão escolhida de modo a aperfeiçoar condições de desenvolvimento humano, prevenção à saúde e do bem-estar docente. Sendo assim, a saída da crise é considerada um período de renovação, associado à inovação, mudança e progresso (Tardif, 2009). A formação dos professores caminha para idealização de um modelo normativo baseado em características do professor ideal, quando o que deveria ser desenvolvido e considerado o autoconhecimento e as qualidades específicas de cada profissional.

O conceito de competência desenvolvido pelo sociólogo Perrenoud é idêntico ao conceito de saber docente criado por Tardif, Lessard e Lahaye (1991). O saber docente é apresentado por este conjunto de autores, como um saber diferenciado que pressupõe mobilização de saberes oriundos de diversas fontes, como saberes de formação, saberes provenientes da formação pedagógica ou mesmo resultantes da experiência.

Diante do exposto, muitos são os fatores que contribuem para motivar os docentes no desenvolvimento de sua escolha profissional, mantendo assim no mercado professores qualificados e os incentivando, sobretudo os fatores de conteúdo ou intrínsecos à própria atividade profissional, como seja a expectativa ou a percepção de vocação para a profissão docente. Destas conclusões decorrem implicações práticas no que diz respeito a medidas que possam contribuir para a resolução do problema da falta de motivação para a profissão.

O critério de organização das faixas de tempo de serviço tem como base os estudos de Huberman (apud Nóvoa, 1995) que classificou os modelos vitais centrados na experiência docente e depois em um estudo de revisão em que se analisaram numerosos trabalhos sobre

ciclo de vida que resultou na sistematização de uma sequência “normativa” do ciclo de vida profissional de professores, juntamente com outros autores (Huberman, Thompson e Weiland, 2000 apud Stürmer, 2004), que foi denominado por Huberman como um modelo ideal para estudos sobre o tema. Huberman (1995) organizou e caracterizou as fases e os ciclos de carreira docente conforme segue:

A fase do início da carreira - Esta fase vai da introdução à carreira até os 3 anos de docência. É a fase da “sobrevivência” e da “descoberta”. A sobrevivência - implica no manejo do que tem sido chamado de “choque do real”, advindo do confronto inicial com a complexidade da situação profissional. É a fase do tatear constante, da preocupação consigo mesmo (“Vou dar conta disso?”), da administração da distância entre o ideal e o real da cotidianidade da sala de aula, do desafio de fazer face, simultaneamente, à relação pedagógica e à transmissão do conteúdo, da dúvida entre as oscilações nas relações (com os alunos), das dificuldades com os alunos que criam problemas, das dificuldades com material didático inadequado, da insegurança com a metodologia, entre outros. A descoberta - traduz o entusiasmo inicial, a exaltação por sentir-se integrante de um corpo profissional, por estar, finalmente em uma situação de responsabilidade, por sentir-se incorporado ao mundo adulto e pela satisfação que representa a exploração de um novo marco social que representa a escola para o professor novato. Com frequência a literatura empírica indica que os dois aspectos, sobrevivência e descoberta são vividas simultaneamente e é o segundo aspecto que dá suporte para aguentar o primeiro. Verifica-se, no entanto, a existência de perfis com somente um destes componentes (sobrevivência ou descoberta).

A fase da estabilização - é o ciclo da carreira profissional entre os 4 e os 6 anos de experiência docente e está marcado pela estabilização e consolidação de um repertório pedagógico, além da construção de uma identidade profissional que supõe a afirmação de si mesmo como professor. Trata-se de um comprometimento assumido, de uma tomada de responsabilidades. O professor adota a decisão de dedicar-se por um período prolongado de tempo à profissão docente. Estabilizar-se nesta perspectiva significa obter graus de autonomia no exercício profissional e encontrar um estilo próprio de funcionamento no seio da classe profissional. Um significativo número de professores desta fase referia-se a um sentimento de pertença, ao mesmo tempo em que falavam de “libertação” ou de “emancipação” (autonomia). Esta estabilização traz consigo um crescente sentimento de maestria pedagógica. A preocupação da fase anterior pela sobrevivência se desloca para a preocupação com os resultados do ensino. Os professores desta fase falam de “flexibilidade”, “prazer”, “humor” e

referem-se a sentimentos de tranquilidade e relaxamento no desempenho de suas funções docentes e expressam também haver adquirido uma autoridade mais natural.

A fase da experimentação e diversificação – É o ciclo da carreira profissional entre os 7 e os 25 anos de experiência, que pode estar marcado por uma atitude geral de diversificação, mudança e ativismo, bem como uma atitude de revisão, cheia de interrogações peculiares da metade da carreira. Não se trata, portanto, de um ciclo homogêneo no qual resulte fácil caracterizar o pensamento e a conduta profissional do docente. No que se refere à atitude de diversificação, os professores lançam-se numa série de experiências, trabalhando com novas metodologias, diversificando o material didático, experimentando novas formas de avaliação e modificando outros aspectos da sua prática. Trata-se de uma atitude de inovação e mudança no repertório pedagógico acumulado no ciclo anterior. Esta fase é também a fase do “pôr-se em questão”, ou seja, a fase da revisão profissional, das interrogações em torno à continuidade ou não na carreira que para alguns pode advir da monotonia da vida cotidiana da sala de aula, para outros do desencanto subsequente aos fracassos das experiências ou das reformas estruturais em que as pessoas participaram decisivamente.

A fase da serenidade/conservantismo – é o quarto ciclo, entre os 25 e 35 anos de experiência, em que se chega a um patamar do desenvolvimento da carreira. “Trata-se menos de uma fase distinta da progressão na carreira do que de um estado ‘de alma’ que se encontra nos estudos empíricos efetuados com os professores de 45-55 anos” (Huberman, 1992). Este estado de alma pode caracterizar-se por uma atitude de *serenidade e distanciamento afetivo* ou de *conservadorismo e lamentações*.

A serenidade se expressa na diminuição da vulnerabilidade diante da avaliação dos demais, na reconciliação entre o “eu ideal” e o “eu real”, isto é, na aceitação de si mesmo e na celebração com o que se foi capaz de fazer até aqui e com o que ainda se pode fazer. É uma sensação de confiança que dispensa dos docentes desta fase, de certa forma, de gastar energias em ativismo e investimentos e lhes permite “deixar-se conduzir um pouco”, o que significa ser mais tolerante e mais espontâneo em situações de sala de aula. O distanciamento afetivo é um fato criado mais pelos alunos (Huberman e Schapira, 1986 apud Stürmer, 2004).

O conservantismo e as lamentações, em alguns estudos aparecem como uma sequência da fase da serenidade. (Huberman, 1992), O fato é que os professores conservadores chegam lá por vários caminhos (um questionamento mais prolongado, na sequência de uma reforma estrutural que fracassa ou diante de uma reforma a qual se opõem) quando conservadores manifestam esta característica por maior rigidez e dogmatismo, por

uma prudência acentuada, por uma resistência firme às inovações, por uma nostalgia do passado, entre outros.

A fase do desinvestimento/preparação para a aposentadoria – o quinto e último ciclo da carreira profissional que se desenvolve entre os 35 e 40 anos de experiência. Esta etapa está fortemente marcada pela preparação para a aposentadoria e pelo progressivo abandono das responsabilidades profissionais. A retirada pode ser serena ou amarga.

No primeiro caso fala-se de um enfoque positivo decorrente da serenidade da etapa anterior. No segundo caso, o enfoque é negativo, marcado pelo desencantamento pelas experiências passadas ou pelas frustrações ainda vivenciadas nesta etapa.

As experiências de vida e o ambiente sociocultural são obviamente ingredientes-chave da pessoa que somos, do nosso sentido do eu. De acordo com o ‘quanto’ investimos o nosso ‘eu’ no nosso ensino, na nossa experiência e no nosso ambiente sociocultural, assim concebemos a nossa prática.

Assim, as histórias de vida dos professores têm-se constituído atualmente em matéria estudada não apenas pela educação, mas pela psicologia, pelas ciências sociais, pela história, entre outras ciências, o que revela que essas histórias ganharam status de cientificidade. De acordo com Nóvoa (2000), existem outras pertinências que dão sentido ao desenvolvimento de modalidades de investigação e de formação que se relacionam com as dimensões pessoais e profissionais que se juntam às razões científicas. E, de fato, é isso que estabelece a cientificidade exigida nas pesquisas educacionais.

Mas outro aspecto ainda torna a questão do desenvolvimento profissional particularmente relevante para os professores: é frequente atribuir-se à prática profissional efeitos negativos sobre as suas atitudes e práticas. Quando se trata de professores principiantes, os primeiros contactos com a docência são muitas vezes apontados como responsáveis por uma reorientação no sentido de atitudes, crenças e práticas de natureza mais autoritária e conservadora, diminuindo ou eliminando os efeitos supostamente benéficos da formação inicial (Skipper & Quantz, 1987). Quando se trata de professores mais experientes, com 20, 30, ou mesmo mais anos de serviço, estes são muitas vezes citados como exemplos de mentalidades rígidas, autoritárias ou mesmo cínicas, fechadas numa prática rotineira e obstinadamente resistentes à mínima ideia de mudança (Huberman, 1989b). A confirmação destas ideias comuns e, se tal for o caso, o esclarecimento dos processos subjacentes, e das formas de prevenir tanto quanto possível os seus efeitos negativos, são questões extremamente importantes a estudar no âmbito do desenvolvimento profissional dos

professores.

Nesse sentido, Freire (1987) destaca que é natural do homem ter consciência de si e do mundo que o cerca, para entender a sua realidade histórica, necessita de posicionar-se historicamente, apropriar-se da superação dos problemas que terá que enfrentar. A educação, portanto, dará suporte para que os indivíduos tenham dimensões significativas da sua realidade.

A trajetória social é um reflexo sobre a prática profissional uma vez que compreender como cada pessoa desenhou sua identidade é uma maneira de descobrir os diversos caminhos traçados pelo indivíduo. Neste sentido, “formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações. Ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história e, sobretudo o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos” Neste cenário, a interação dos diversos fatores que traçam os percursos da vida a todo o momento é modificada e em constante processo de formação (Moita, 1995, p. 115).

O docente deve estar inserido no conjunto de competências profissionais, entre elas, a forma de saber se relacionar em sociedade, caracterizado por uma grande complexidade do ponto de vista emocional. “Os docentes vivem em um espaço carregado de afetos, de sentimentos e de conflitos” (Tardif, 2009, p.229).

Nesta perspectiva, o sucesso profissional resultará na promoção do envolvimento com a profissão escolhida de modo a aperfeiçoar condições de desenvolvimento humano, prevenção à saúde e do bem-estar docente. Sendo assim, a saída da crise é considerada um período de renovação, associado à inovação, mudança e progresso (Tardif, 2009).

Deste modo, Souza (2004) afirma que as modificações evidentes na sociedade brasileira contribuem para a compreensão de aspectos que envolvem a prática pedagógica e formação continuada. No primeiro momento, a prática pedagógica pode ser considerada como parte de um processo social e de uma prática social maior. Envolvendo a dimensão educativa não apenas na esfera escolar, mas na dinâmica das relações sociais que produzem aprendizagens, que produzem o “educativo”. Já em um segundo momento, a prática pedagógica expressa às atividades rotineiras que são desenvolvidas no cenário escolar. As atividades planejadas têm o intuito de possibilitar a transformação, tanto o individual como profissional. É preciso substituir a pedagogia e saberes pré-fixados por uma pedagogia de perguntas e do acessamento de informações. Portanto, é preciso que o educador seja um intelectual comprometido em romper com a reprodução de velhos conceitos e velhas fórmulas

educacionais, renovando conhecimentos e a criação das condições para que esta ocorra e seja colocada em prática.

Na visão de Souza (2004), o mundo escolar e nele as práticas pedagógicas está interligada com as relações sociais que marcam a sociedade brasileira, como, por exemplo, a exclusão, desigualdade social e relações de poder e de alienação. O cotidiano é organizado de forma fragmentada e homogênea, embora carregado de heterogeneidades.

Desta forma, o nosso dia a dia é marcado por “correria constante entre a casa, a escola e o centro de formação elimina, muitas vezes, a possibilidade de autênticos percursos de formação pautados por ritmos e tempos próprios” (Nóvoa, 1995, p.8)

Na visão de Nóvoa (2001), os primeiros anos de prática pedagógica vão determinar o envolvimento do educador com a profissão que escolheu e a busca pelo saber acompanhará por toda sua trajetória profissional, pois é na instituição educacional que as decisões pedagógicas devem ser tomadas e estimuladas pelos próprios docentes. “Precisamos reconhecer, com humildade, que há muitos dilemas para os quais a resposta do passado já não serve e a do presente ainda não existem. Ser professor do século XXI é reinventar um sentido para a escola, tanto do ponto de vista ético quanto cultural” (Nóvoa, 2002, p.18). Segundo o autor, a formação continuada configura um processo contínuo, pelo qual o professor constrói a sua identidade profissional iniciando sua trajetória profissional ainda na universidade onde através da atividade acadêmica na área específica de conhecimentos esta experiência é transmitida e aprimorada, sob a forma de produção de saberes, constituindo-se um perfil identitário assumido pelo profissional como professor. É importante que a formação inicial e contínua deve ser repensada mediante exercício da reflexão crítica, tendo em vista que o próprio trabalho docente tendo como base saberes que reflitam na constituição da identidade docente, um profissional produtor de ciência, baseado em conceitos e princípios éticos do processo pedagógico. Vale salientar, que as experiências docentes refletem em saberes e ensinamentos que vão sendo concebidas e articuladas através das histórias de vida de cada pessoa e da trajetória profissional.

Mais do que qualquer outra categoria profissional, a situação atual dos docentes da escola primária no Brasil teve uma ampla crítica desfavorável pela mídia e pela produção acadêmica. Seja do ponto de vista da origem social, do grau de instrução obtido ou ainda das condições de trabalho, o reconhecimento da diversidade social e cultural existentes entre os docentes aumenta as dificuldades do debate que cerca a sua imagem social e pública. Por um lado há a desvalorização proveniente da passagem para a escola de massa e da

democratização do ensino, acarretando a perda do prestígio ligada à posse de um saber inacessível à maioria da população. Por outro lado, a imagem continua sendo positiva, pelo menos no plano simbólico, pois se deposita sobre os docentes a expectativa e a responsabilidade social de um futuro melhor (Nóvoa, 1988).

Para Nóvoa (2001), é difícil dizer se ser professor, na atualidade, é mais complexo do que foi no passado, porque a profissão docente sempre foi de grande complexidade. Hoje, os professores têm que lidar não só com alguns saberes, como era no passado, mas também com a tecnologia e com a complexidade social, o que não existia no passado. Isto é, quando todos os alunos vão para a escola, de todos os grupos sociais, dos mais pobres aos mais ricos, de todas as raças e todas as etnias, quando toda essa gente está dentro da escola e quando se consegue cumprir, de algum modo, esse desígnio histórico da escola para todos, ao mesmo tempo, também, a escola atinge uma enorme complexidade que não existia no passado. Hoje em dia é, certamente, mais complexo e mais difícil ser professor do que era há 50 anos, do que era há 60 anos ou há 70 anos. Esta complexidade acentua-se, ainda, pelo fato de a própria sociedade ter, por vezes, dificuldade em saber para que ela quer a escola. A escola foi um fator de produção de uma cidadania nacional, foi um fator de promoção social durante muito tempo e agora deixou de ser. E a própria sociedade tem, por vezes, dificuldade em ter uma clareza, uma coerência sobre quais devem ser os objetivos da escola. E essa incerteza, muitas vezes, transforma o professor num profissional que vive numa situação amargurada, que vive numa situação difícil e complicada pela complexidade do seu trabalho, que é maior do que no passado. Mas isso acontece, também, por essa incerteza de fins e de objetivos que existe hoje em dia na sociedade.

1.3. Identidade Docente

Ao nascer cada indivíduo inicia a sua construção identitária, processo este que se (re)constrói ao longo da vida (Dubar, 1991).

Segundo Dubar a identidade do professor constrói-se a partir da relevância que cada profissional dá a sua própria atividade docente, através de valores, atuação no mundo, das representações de vida, saberes, sentimentos, expectativas presentes no seu cotidiano, com as relações estabelecidas enquanto seres como um todo, dentro das escolas, sindicatos e também as relações entre os próprios professores. “A identidade é o produto de sucessivas socializações, sendo construída na infância e reconstruída no decorrer da vida, ele depende tanto dos juízos dos outros quanto de suas próprias orientações e autodefinições.”(Dubar,

2005, p.105)

Toda profissão afirma uma *identidade* e esta, por sua vez, "não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço em construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mesma dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor"(Nóvoa, 1996).

Neste mesmo entendimento Bauman, (2005, p.17) diz que:

"Tornamo-nos conscientes de que o pertencimento e a identidade não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos, para toda vida, são bastante negociáveis e revogáveis, de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorrem, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade."

O autor considera que ao tentar identificar o processo que origina a identidade do professor deve-se perceber, portanto, a indissolúvel união existente entre o professor *como pessoa* e o professor *como profissional*. As implicações dessa identificação são óbvias: não se pode exigir que um professor ofereça além das possibilidades e limites pelos quais foi educado. Não é possível que "*jogue fora as suas crenças*" e que "*liberte-se da especificidade do seu caráter*" quando realiza as suas atividades docentes. Trata-se de pensar sobre como determinados modos de ser pessoa relacionam-se ao exercício da profissão.

Deste modo, Dubar (2005) afirma que o *habitus* é um sistema de disposições duradouras e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações firmemente estabelecidas do caráter moral que orienta nossos sentimentos e desejos em uma situação e, como tal, a nossa conduta. Isto significa que o agente social dentro do que foi abordado sobre socialização, vai construindo um sistema de disposições, ou seja, atitudes para perceber o meio em que se insere funcionando como princípios inconscientes de sua ação e reflexão. Na concepção de Dubar (2005), afirma que:

"A identidade não é mais do que o resultado simultaneamente estável e provisório, individual e colectivo, subjectivo e objectivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, em conjunto, constroem os indivíduos e as instituições." (p. 105).

Diante do exposto, o desenvolvimento pessoal e profissional do docente é um processo complexo a partir do momento que o agente se posiciona em relação a múltiplas e, por vezes, situações contraditórias. Uma vez que essa multiplicidade e contradições repercutem em seus valores morais e crenças que nos situam em diferentes contextos criados

nas instituições sociais e nos vários campos científicos. Levando a construção de sua trajetória social e profissional. Neste sentido, as identidades profissionais dos docentes, é uma das dimensões de sua identidade social, uma construção ao mesmo tempo individual e social, não se reduzindo apenas a formação profissional (Dubar, 2005).

Para Ramalho, Nuñez e Guthier (2003), O processo de busca de uma identidade profissional para a docência como parte dos processos de profissionalização está relacionado com a auto-imagem, a autobiografia e as representações que os professores fazem de si mesmos e dos outros no seu grupo profissional. As representações que eles tem sobre sua atividade profissional, sobre sua formação e sobre as condições do exercício da atividade profissional são componentes do conhecimento profissional. Sendo assim, é necessário serem conhecidos e assumidos por eles próprios, quando se propõem a participar de forma ativa da produção de novas identidades profissionais.

Esta abordagem permite compreender as interações entre dois conceitos importantes nesta formação do eu pessoal e eu profissional que são as várias identidades. De acordo com Nóvoa (1995), a identidade pessoal remete à percepção subjetiva que um sujeito tem da sua individualidade; inclui noções como consciência de si, definição de si. Já a identidade profissional, atravessa a vida profissional, desde a opção por uma profissão até a sua concretização em espaços institucionais em que a profissão se desenrola. Essa identidade é a soma das experiências feitas, das decisões tomadas, das práticas desenvolvidas, dos momentos de certezas e incertezas e do caminho escolhido a ser seguido como profissão.

Para Berger e Luckmann (1985), a identidade se configura como um elemento chave da subjetividade e da sociedade, formando-se e sendo remodelada através dos processos e relações sociais. As identidades são singulares ao sujeito e produzidas à partir de interações do indivíduo, da consciência e da estrutura social na qual este está inserido, sendo a “identidade um fenômeno que deriva da dialética entre um indivíduo e a sociedade” (p. 230).

Este processo se dá desde cedo quando o indivíduo adota papéis e atividades das outras pessoas que lhe parecem significativas, adquirindo sua identidade subjetiva, ou seja, a identidade se mantém, modifica e remodela-se em uma dialética entre o “eu/outros” (Mogone, 2001, p.16). De acordo com Vianna (1999) a identidade pode ser definida essencialmente como algo subjetivo, sendo a identidade “o conjunto de representações do eu pela qual o sujeito comprova que é sempre igual a si mesmo e diferente dos outros” (Vianna, 1999, p. 51). Considerando esta definição pode-se afirmar que a identidade individual não é mais algo estático, mas sim que é um processo em constante mudança, fornecendo relações entre a

experiência individual e a vida social.

É possível perceber que alguns autores concordam sobre a definição do termo identidade e com relação ao processo de construção da mesma. Segundo Mogone (2001, p.19), trabalhando com os conceitos de identidade a:

“[...] um processo de mudança e alteridade, onde os papéis sociais assumidos vão sendo tecidos de acordo com os contextos sociais, podem ser negociados entre os atores envolvidos no processo de identificação, mas não são, de forma nenhuma, uma característica estática ou acabada.”

Tendo como fio condutor a formação da *práxis* profissional, está diretamente relacionada a sua identidade pessoal e consequentemente na forma como este se insere na sua própria história de educador; Tardif, (2006) aponta entretanto a relação dos docentes com os saberes não se reduz a uma função de transmissão dos conhecimentos já constituídos. Sua prática integra diferentes saberes, com os quais o corpo docente mantém diferentes relações. Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais.

“(...) Nas culturas tradicionais, os comportamentos passados influenciam grandemente os comportamentos atuais. Assim, numa sociedade tradicional aprende-se a ensinar observando os professores e tentando simplesmente reproduzir o comportamento destes. Mas a tradição afeta também o futuro; a repetição permite definir ou pelo menos delinear a complexidade do futuro. Baseando-se no passado para definir o futuro, um docente não precisa pesar nem improvisar cada ação” (Tardif, 2009, p.29).

A identidade pessoal só se torna narrativa se for relatada. É no e através do “relato de si próprio” que o si íntimo, reflexivo se torna uma história, uma génese e até mesmo uma cronogénese que implica um significado subjectivo do tempo, de si como história. Já não é o tempo cronológico, linear, que se pode medir e que interessa mais, nem se quer o tempo cronométrico, qualitativo, vivido, factual, mas sim o tempo da memória activa, produto de sentido ao mesmo tempo numa direcção (linha de vida) e dum significado (compreensão dialógica). Encontrar uma intriga numa narração é compreender e enunciar, num determinado momento da sua existência, qual é o laço entre as diversas experiências, de diversos campos vividos por “si próprio”, mas também de diversos momentos da sua história a “si”. A identidade narrativa é uma construção, em situação, por um sujeito, dum agenciamento das suas experiências significantes (Dubar, 1999).

Nesta perspectiva Nóvoa (2000), considera que;

“Apesar de todas as fragilidades e ambiguidades, é inegável que as histórias de vida têm

...dado origem a práticas e reflexões extremamente estimulantes, fertilizadas pelo cruzamento de diversas disciplinas e pelo recurso a uma grande variedade de enquadramentos conceptuais e metodológicos.” (Nóvoa, 2000, p.19).

Precisamos vincular as discussões sobre identidade a todos aqueles processos e práticas que tem perturbado o carácter relativamente “estabelecido” de muitas populações e culturas: os processos de globalizações, os quais eu argumentaria coincidem com a modernidade (Hall, 1996), e os professores de migração forçada (ou “livre”) que tem se tornado um fenómeno global do assim chamado mundo colonial. As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuam a manter uma certa correspondência. Elas tem a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “ de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “ como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. Elas tem tanto a ver com a invenção da tradição quanto com a própria tradição, a qual elas nos obrigam a ler não como uma incessante reiteração, mas como “ o mesmo que se transforma” (Gilroy, 1999): não o assim chamado “ retorno as raízes”, mas uma negociação com as nossas “rotas”.

Sacristán (1999), considera a definição cultural da função do professor, determinada pelas necessidades sociais que a educação deve dar resposta. Dessa forma, o autor destaca que o debate social sobre a educação constrói diferentes exigências em relação à função docente, pois a evolução em que a sociedade se encontra acarreta cada vez mais atividades e responsabilidades a serem cumpridas pela escola e mais aspirações educativas a serem assumidas pelos professores.

De acordo com Moita (1995) “A construção de si próprio é um processo de formação [...] compreender como cada pessoa se formou é encontrar as relações entre as pluralidades que atravessam a vida”(p. 114).

Segundo Castells (2008) a construção social da identidade é marcada por relações de poder apresentando três formas e origens, são elas: identidade legitimadora sendo introduzida por instituições dominantes com o objetivo de expandir sua influencia sob os atores sociais como um conjunto de organizações e instituições, bem como “uma série de atores sociais estruturados e organizados, que, embora às vezes de modo conflitante, reproduzem a identidade que racionaliza as fontes de dominação estrutural” (p. 24). A segunda forma é a identidade de resistência, sendo criada por atores que se encontravam de alguma forma

desvalorizados e estigmatizados, construindo uma resistência coletiva e desta forma, definitiva na constituição dos limites de resistência. E a terceira e última forma é a identidade de projeto, onde constroem uma nova identidade redefinindo sua posição na sociedade em busca da transformação da estrutura social. Sendo assim, remete no projeto de vida diferente expandindo o desejo de transformação da sociedade (Castells, 2008).

Deste modo Dubar (2005), reconhece que a tarefa do professor na construção da identidade consiste na produção de conhecimentos e criação das condições para que este ocorra. O trabalho docente constitui uma prática social transformadora da realidade educacional partindo da inter-relação com o aluno, os saberes e a escola no cotidiano do seu trabalho. Dessa forma, o processo de construção das identidades sociais e profissionais estaria em relacionar as identidades de si e para o outro. Envolvendo a maneira pela qual atores sociais se identificam uns com os outros e constroem simultaneamente uma imagem de si.

Tudo isso ocasiona a indefinição da real função do professor, pois as exigências frente à profissão abrangem aspectos de ensino-aprendizagem, de cuidados à infância, de higiene, de saúde, de administração escolar, de respeito e trabalho com os diferentes contextos sociais, econômicos e culturais, bem como com as diferentes estruturas familiares de hoje. Podemos considerar que os professores, em certos momentos, assumem o papel de psicólogos, médicos, enfermeiros, assistentes sociais, e mesmo de pai e mãe. Assumir a profissão docente hoje é um desafio, pois além desta indefinição em suas funções, Sacristán (1999) destaca que o professor não detém a exclusividade na responsabilidade de suas ações educativas, devido às influências políticas, econômicas, culturais e à desprofissionalização do professorado. É importante todo o profissional da educação ter consciência sobre as suas práticas para agir frente a elas. Isso permite a formação de um conjunto de características específicas do ser professor, que devem ser contextualizadas, abrangendo o pedagógico, o profissional e o sócio-cultural. Assim, não é fácil definir o conceito de “ser professor”, visto que a prática docente abrange essas diferentes dimensões e é determinada por várias instâncias: o coletivo social dos professores; o prestígio relativo da profissão; a posição social do professor.

Tavares (2008), afirma que a “identidade profissional se submete ao princípio da racionalidade limitada, na medida em que as matrizes constitutivas de natureza inconsciente ou as lógicas mais conscientes de decisão são influenciadas pela posição do indivíduo no contexto em que se insere, mas também pela sua experiência passada” (p. 97).

Neste sentido, a construção da identidade profissional docente é fortemente

influenciada pelo projeto educacional do Estado, performatizada por um discurso legal, expresso por meio de parâmetros, regulamentos, manuais, portarias, discursos públicos, projetos e programas de formação. As mudanças e as reformas educativas reestruturam o trabalho docente e imprimem suas marcas no trabalho e na profissão docente (Lawn, 2000). Diante do exposto, Lawn (2001, p. 120.) defende que “o Estado cria novos tipos de professores para as novas orientações da política educativa, originadas em diferentes períodos deste século, têm sido as principais formas pelas quais a identidade do professor tem sido construída e mantida”.

A construção do conceito de identidade obedece a uma dupla transação, onde inclui uma transação biográfica ou subjetiva, além da objetiva e relacional (Dubar, 2005). A transação biográfica se estabelece no indivíduo consigo próprio, entre o que tem sido (identidade herdada) e o que quer ser (identidade visada). A transação objetiva estabelecer-se entre o indivíduo e aqueles com os quais contacta diretamente ou indiretamente, pessoas específicas ou contextos, permitindo ou não a realização das identidades visadas. O desencontro entre a identidade visada e a identidade oferecida (atribuída) dá origem a acomodações ou a assimilações com vista ao desfazer desse desencontro. As acomodações traduzem-se na mudança individual para a adaptação ao contexto; as assimilações levam à mudança do contexto em função das perspectivas individuais (Silva & Lopes, 2009).

Neste sentido, Tardif (2002) afirma em seu discurso sobre construção da identidade que:

“(...) o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola.” (p.11)

Segundo o autor a *práxis* profissional está interligada ao processo de construção da identidade profissional levando em consideração as mudanças que ocorrem e afetam as relações no processo de ensino e aprendizagem e nas lutas e conflitos que permeiam a construção da identidade profissional.

“Nas culturas tradicionais, os comportamentos passados influenciam grandemente os comportamentos atuais. Assim, numa sociedade tradicional aprende-se a ensinar observando os professores e tentando simplesmente reproduzir o comportamento destes. Mas a tradição afeta também o futuro; a repetição permite definir ou pelo menos delinear a complexidade do futuro. Baseando-se no passado para definir o futuro, um docente não precisa pesar nem improvisar cada ação.” (Tardif, 2009, p.29).

Nóvoa (1995) discute a importância da reflexão e papel desempenhado pelo docente.

Sendo este profissional autônomo, com um pensamento crítico-reflexivo que proporciona ao mesmo uma forma de pensar independente, facilitando o seu processo de autoformação docente. Enfatizando o papel do professor reflexivo como um elemento constitutivo da formação profissional.

Dubar (1997) concebe identidade como resultado do processo de socialização, que compreende o cruzamento dos processos relacionais (ou seja, o sujeito é analisado pelo outro dentro dos sistemas de ação nos quais os sujeitos estão inseridos) e biográficos (que tratam da história, habilidades e projetos da pessoa). Para ele, a identidade para si não se separa da identidade para o outro, pois a primeira é correlata à segunda: reconhece-se pelo olhar do outro. Porém, essa relação entre ambas é problemática, pois não se pode viver diretamente a experiência do outro, e ocorre dentro do processo de socialização. O autor afirma que a "identidade nunca é dada, é sempre construída e a (re) construir, em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos durável" (Dubar, 1997, p. 104). Essa afirmação o aproxima de Ciampa (1987), quando diz que a identidade se constrói na e pela atividade.

A identificação vem do outro, mas pode ser recusada para se criar outra. De qualquer forma, a identificação utiliza categorias socialmente disponíveis (Dubar, 1997).

O processo de constituição da identidade, para Dubar (1997), que prefere falar em formações identitárias, visto entender que são várias as identidades que assumimos, se constitui em um movimento de tensão permanente entre os atos de atribuição (que correspondem ao que os outros dizem ao sujeito que ele é e que o autor denomina de identidades virtuais) e os atos de pertença (em que o sujeito se identifica com as atribuições recebidas e adere às identidades atribuídas). Enquanto a atribuição corresponde à identidade para o outro, a pertença indica a identidade para si, e o movimento de tensão se caracteriza, justamente, pela oposição entre o que esperam que o sujeito assuma e seja e o desejo do próprio sujeito em ser e assumir determinadas identidades. Logo, o que está no cerne do processo de constituição identitária, segundo o autor, é a identificação ou não identificação com as atribuições que são sempre do outro, visto que esse processo só é possível no âmbito da socialização.

Dubar (1997) sintetiza a constituição das formas identitárias a partir da ocorrência de dois processos: o relacional e o biográfico. O primeiro diz respeito à identidade para o outro, em que as transações assumem um caráter mais objetivo e genérico; enquanto o biográfico corresponde à identidade para si, cujas transações são mais subjetivas, e compreende as identidades herdadas e identidades visadas. Desse modo, os processos relacional e biográfico

concorrem para a produção das identidades. A identidade social é marcada pela dualidade entre esses dois processos e a dialética estabelecida entre eles é o cerne da análise sociológica da identidade para esse autor.

Para Dubar (1997), Compreender como se reproduzem e se transformam as identidades sociais implica elucidar os processos de socialização pelos quais elas se constroem e se reconstroem ao longo da vida. A dimensão profissional das identidades adquire uma importância particular. Por ter se tornado um bem raro, o emprego condiciona a construção das identidades sociais; por passar por mudanças impressionantes, o trabalho obriga a transformações identitárias delicadas; por acompanhar cada vez mais as evoluções do trabalho e do emprego, a formação intervém nessas esferas identitárias por muito tempo além do período escolar.

Também da perspectiva da Sociologia, mas com foco na pós-modernidade, Bauman (2005) define identidade como autodeterminação, ou seja, o eu postulado. Para ele, as identidades comumente referem-se às comunidades como sendo as entidades que as definem. Existem dois tipos de comunidades: as de vida e destino, nas quais os membros vivem juntos em uma ligação absoluta, e as comunidades de ideias, formadas por uma variedade de princípios. A questão da identidade só se põe nas comunidades do segundo tipo, onde há a presença de diferentes ideias e, por isso, também a crença na necessidade de escolhas contínuas.

Identidade se revela como invenção e não descoberta; é um esforço, um objetivo, uma construção. É algo inconcluso, precário, e essa verdade sobre a identidade está cada vez mais nítida, pois os mecanismos que a ocultavam perderam o interesse em fazê-lo, visto que, atualmente, interessa construir identidades individuais, e não coletivas. Esse fato, contudo, é recente. O pensar sobre se ter uma identidade não ocorre enquanto se acredita em um pertencimento, mas quando se pensa em uma atividade a ser continuamente realizada. Essa ideia surge da crise do pertencimento (Bauman, 2005).

A essência da identidade constrói-se em referência aos vínculos que conectam as pessoas umas às outras e considerando-se esses vínculos estáveis. O habitat da identidade é o campo de batalha: ela só se apresenta no tumulto. Não se pode evitar sua ambivalência: ela é uma luta contra a dissolução e a fragmentação, uma intenção de devorar e uma recusa a ser devorado. Essa batalha a um só tempo une e divide, suas intenções de inclusão e segregação misturam-se e complementam-se (Bauman, 2005).

Na modernidade líquida, há uma infinidade de identidades à escolha, e outras ainda

para serem inventadas (Bauman, 2005). Com isso, só se pode falar em construção identitária enquanto experimentação infundável.

Da mesma perspectiva que Bauman, mas identidade cultural, Stuart Hall (2006) apresenta o conceito do que denomina "identidades culturais" como aspectos de nossas identidades que surgem de nosso "pertencimento" a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. O autor entende que as condições atuais da sociedade estão "fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais". (p. 9) Tais transformações estão alterando as identidades pessoais, influenciando a ideia de sujeito integrado que temos de nós próprios: "Esta perda de sentido de si estável é chamada, algumas vezes, de duplo deslocamento ou descentração do sujeito" (Hall 2006, p. 9). Esse duplo deslocamento, que corresponde à descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos, é o que resulta em "crise de identidade".

Hall cita o crítico cultural Kobena Mercer, para quem "a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza" (Mercer, 1990, apud Hall, 2006, p. 43).

Segundo Hall (2006), há três diferentes concepções de identidade que se relacionam às visões de sujeito ao longo da história. A primeira é denominada *identidade do sujeito do Iluminismo*, que expressa uma visão individualista de sujeito, caracterizado pela centração e unificação, em que prevalece a capacidade de razão e de consciência. Assim, entende-se o sujeito como portador de um núcleo interior que emerge no nascimento e prevalece ao longo de todo seu desenvolvimento, de forma contínua e idêntica. Já a segunda, a *identidade do sujeito sociológico*, considera a complexidade do mundo moderno e reconhece que esse núcleo interior do sujeito é constituído na relação com outras pessoas, cujo papel é de mediação da cultura. Nessa visão, que se transformou na concepção clássica de sujeito na Sociologia, o sujeito se constitui na interação com a sociedade, em um diálogo contínuo com os mundos interno e externo. Ainda permanece o núcleo interior, mas este é constituído pelo social, ao mesmo tempo em que o constitui. Assim, o sujeito é, a um só tempo, individual e social; é parte e é todo.

Por último, apresenta a concepção de *identidade do sujeito pós-moderno*, que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas formada e transformada continuamente, sofrendo a influência das formas como é representado ou interpretado nos e

pelos diferentes sistemas culturais de que toma parte. A visão de sujeito assume contornos históricos e não biológicos, e o sujeito adere a identidades diversas em diferentes contextos, que são, via de regra, contraditórias, impulsionando suas ações em inúmeras direções, de modo que suas identificações são continuamente deslocadas. Frente à multiplicidade de significações e representações sobre o que é o homem na pós-modernidade, o sujeito se confronta com inúmeras e cambiantes identidades, possíveis de se identificar, mas sempre de forma temporária. Logo, o sujeito pós-moderno se caracteriza pela mudança, pela diferença, pela inconstância, e as identidades permanecem abertas. Apesar desta visão de sujeito soar como perturbadora, visto seu caráter de incerteza e imprevisibilidade resultante do deslocamento constante, segundo Hall (2006), ela tem características positivas, pois se, de um lado, desestabiliza identidades estáveis do passado, de outro, abre-se a possibilidade de desenvolvimento de novos sujeitos. Foram muitos os fatos e aspectos que influenciaram essa mudança de entendimento do sujeito ao longo da história e que continuam a provocar transformações no momento atual, em que adventos como a globalização imprimem uma nova dimensão temporal e espacial na vida dos sujeitos.

Para Hall (2006), identidades correspondentes a um determinado mundo social estão em declínio, visto que a sociedade não pode mais ser vista como determinada, mas em contínua mutação e movimento, fazendo com que novas identidades surjam continuamente, em um processo de fragmentação do indivíduo moderno. Assim, assinala que estaria ocorrendo uma mudança no conceito de identidade e de sujeito, já que as identidades modernas estão sendo "descentradas", ou seja, deslocadas e fragmentadas e, como consequência, não é possível oferecer afirmações conclusivas sobre que é identidade, visto tratar-se de um aspecto complexo, que envolve múltiplos fatores.

Dubar (1997) focaliza a identidade no trabalho, enfatizando o eixo relacional pelo estudo do papel das instituições em sua constituição, localizando as forças que atuam em sua produção também de uma perspectiva dialética em que a identidade equivale a um processo de tensão permanente entre o individual e o social. Já Bauman (2005) e Hall (2006) situam a identidade na pós-modernidade, que Bauman denomina de modernidade líquida, na qual a fixidez dá lugar à incerteza, as identidades do passado são sobrepostas pelas possibilidades de futuro e o sujeito se caracteriza como descentramento e deslocamento permanente. Não obstante, há que se notar que os quatro concebem identidade como complexa, inacabada, resultando do processo constante de tensão entre o sujeito histórico e as condições materiais em que vive. Portanto, identidade como síntese de uma tensão dialética jamais findável.

Por hora, parece pertinente assumir a definição de Stuart Hall (2006): não é possível oferecer afirmações conclusivas sobre o que é identidade, visto tratar-se de aspecto complexo, que envolve múltiplos fatores.

CAPÍTULO 2:

DESENHO METODOLÓGICO

2.1. Objetivos

2.1.1. Objetivo Geral

Compreender as concepções dos professores quanto a profissionalização docente a partir das suas histórias de vidas

2.1.2. Objetivos Específicos

- Conhecer as concepções do professor a cerca da sua identidade profissional e como se reflete na sua experiência de vida escolar.
- Identificar o processo de construção da identidade profissional do educador.
- Comparar as concepções dos docentes em diferentes etapas da vida profissional.

2.2. Delineamento do Estudo

A pesquisa qualitativa verifica uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números (Minayo, 2007)

Segundo Godoy (1995), a pesquisa qualitativa busca: "... compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo" (p.58).

Laville e Dione (1999, p. 34) entendem o pesquisador enquanto alguém que seja capaz de perceber um problema no seu contexto social, cultural ou político enquanto ser desejante de compreendê-lo e, ao mesmo tempo em busca de possíveis soluções, desenhando, assim, uma ideia sobre as explicações, ou seja, hipótese que precisam ser validadas, ou não, através das conclusões apropriadas via observações, tanto na teoria quanto na prática. Assim, uma hipótese precisa ser testada e dela tecerem-se conclusões:

“tudo depende, ainda e sempre, do problema examinado e das intenções da pesquisa. Mas é certo que se deve levar em conta o explícito, pois as intenções e vontades declaradas são a porta de entrada do não dito. Quando se transpõe esta porta cumpre fazê-lo com muita prudência crítica” (p. 218)

Portanto, segundo Minayo, o nível da realidade encontrado na pesquisa qualitativa não é passível de quantificação, ou seja:

“o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que

corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, 1993, p.22).

A pesquisa qualitativa tem particularidades em suas diferentes formas de coletas de dados, como afirma Trivinos (1995, p.131): “a pesquisa qualitativa não segue sequência tão rígida das etapas assinaladas para a pesquisa quantitativa”. O recolhimento de informações pode modificar a trajetória da pesquisa como destaca o autor que no relatório final da pesquisa “a fundamentação teórica não existe como um capítulo separado. Ela serve para dar apoio, às idéias que vão surgindo no desenvolvimento da investigação”, onde a análise dos dados se dá de forma indutiva.

Para Gonzalez (2002), denota-se por parte do autor, um grande envolvimento emocional e afetivo com as questões que aborda. Aliás, todas as citações das entrevistas realizadas estão envoltas numa atmosfera de emoção, às quais o leitor não consegue ficar indiferente.

A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (Lakatos et al, 1986).

Nesta perspectiva Minayo(1998), considera que:

“(...) considerar o sujeito de estudo [como] gente, em determinada condição social, pertencente a determinado grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados. Implicaria também considerar que o objeto das ciências sociais é complexo, contraditório, inacabado, e em permanente transformação.” (p.22)

2.3. Tipo de Pesquisa

Na abordagem qualitativa encontrava-se a história de vida e serve para captar o que acontece na intersecção entre o individual e o social e permite que elementos do presente interajam com elementos do passado.É um olhar retrospectivo na vida e permite uma visão total do conjunto tornando possível uma visão mais aprofundada do momento passado (Soares, 1994).

“Diante de um contexto educativo e social mutável e complexo, o docente deve tornar-se um prático reflexivo capaz de adaptar-se a todas as situações de ensino pela análise de suas próprias práticas e seus resultados. Deve refletir sobre a questão do sentido das ações que efetua, interrogar-se sobre suas próprias concepções , sobre o que faz e por que o faz.” (Tardif & Lassard, 2009, p.72)

2.4. Método Escolhido

Queiroz (1988) coloca a história de vida no quadro amplo da história oral que também inclui depoimentos, entrevistas, biografias, autobiografias. Considera que toda história de vida encerra um conjunto de depoimentos e, embora tenha sido o pesquisador a escolher o tema, a formular as questões ou a esboçar um roteiro temático, é o narrador que decide o que narrar. A autora vê na história de vida uma ferramenta valiosa exatamente por se colocar justamente no ponto no qual se cruzam vida individual e contexto social. Neste mesmo sentido Minayo(1993,p.11), propõe que:

“propõe a subjetividade como fundante do sentido e defende-a como constitutiva do social e inerente ao entendimento objetivo. Esta corrente não se preocupa de quantificar, mas de lograr explicar os meandros das relações sociais consideradas essência e resultado da atividade humana criadora, afetiva e racional, que pode ser apreendida através do cotidiano, da vivência e da explicação do senso comum.”

A metodologia encontrada para atender os requisitos da análise qualitativa , foi delineada e embasada no estudo de Gonzaga (2006, p.65) buscando caminhos metodológicos que contextualizaram a análise dos fragmentos das histórias de vida dos sujeitos pesquisados, no que se refere aos aspectos laborais, sociais e educativos.

“Constatamos que não há receita para a eficácia de uma boa produção em pesquisa científica, mas sim determinação, diálogos constantes com teólogos, relacionando-os a uma prática contínua e reflexiva. `uma trajetória que requer dedicação e disponibilidade de tempo, fatores que quase sempre se fazem ausentes de educadores que pretendem atrelar a pesquisa como uma prática contínua na retroalimentação dos seus referenciais identitários que os legitimam como educadores pesquisadores.” (Gonzaga, 2006, p.66).

Segundo o autor a pesquisa científica exige do pesquisador uma postura investigativa constante . baseada no diálogo ,cujo procedimento examinador se torne um exercício reflexivo e permanente e constante para perceber e apreender o imaginário coletivo dos sujeitos à partir do relato da história de vida dos educadores entrevistados e suas perspectivas iniciais no processo da socialização profissional.

E referindo-se a Serrano (1998) observa que :

“Ao se posicionar sobre histórias de vida, comenta que elas permitem obter um retrato completo dos fatos que sequenciam a vida das pessoas com a finalidade de obter seus respectivos perfis ao longo do tempo. Em tal aproximação longitudinal, a vida das pessoas pode ser desenhada para acumular, num tempo razoável, um número tal de dados diferentes, reunidos, produzirão a preponderância do evidente. Essa aproximação a longo prazo para estudar um problema contribui significativamente para o aumento da representatividade, confiabilidade e adequação de um conjunto de dados.” (Serrano, apud Gonzaga, 2006, p.80)

Nesse contexto, a relação de integração, do pesquisador com o sujeito pesquisado, se entrelaça com os fatos sociais que revelam as ações humanas e nessa interação os sujeitos são produto e produtores da história, dando legitimidade aos relatos dos sujeitos entrevistados e possibilitando ao pesquisador tecer a teia que envolve a história de vida e as experiências pessoais desses indivíduos.

“Diante de um contexto educativo e social mutável e complexo, o docente deve tornar-se um prático reflexivo capaz de adaptar-se a todas as situações de ensino pela análise de suas próprias práticas e seus resultados. Deve refletir sobre a questão do sentido das ações que efetua, interrogar-se sobre suas próprias concepções, sobre o que faz e por que o faz.” (Tardif & Lassard, 2009, p.72)

As histórias de vida são, atualmente, utilizadas em diferentes áreas das ciências humanas e de formação, através da adequação de seus princípios epistemológicos e metodológicos a outra lógica de formação do adulto, a partir dos saberes tácitos e experienciais e da revelação das aprendizagens construídas ao longo da vida como uma metacognição ou metareflexão do conhecimento de si. (Sousa, 2006, p. 25).

As relações e atitudes que os sujeitos têm com o mundo segundo Dubar (1997, p.47) sugerem que "é menos importante o trabalho efetuado que o sentido do trabalho vivido e expresso pelas pessoas estruturadas por uma dada identidade profissional".

Neste sentido, Nóvoa (1995, p.10) acerca da docência salienta: "esta profissão precisa de se dizer e de se contar: é uma maneira de compreender em toda a sua complexidade humana e científica".

Os saberes profissionais segundo Tardif (2002), são adquiridos no contexto de uma história de vida e de uma carreira profissional, ou seja, todo saber, mesmo o “novo”, se insere numa duração temporal que remete à história de sua formação e de sua aquisição. Quanto mais desenvolvido, formalizado e sistematizado é o saber, como acontece com as ciências e os saberes contemporâneos, mais longo e complexo se torna o processo de aprendizagem, o qual exige uma formalização e uma sistematização adequadas.

O autor considera que com o passar do tempo, o professor incorpora e carrega marcas da sua atividade profissional, pois grande parte do que sabe sobre o ensino e sobre sua função de professor provém de sua história de vida, ainda como aluno. Tudo leva a crer que os saberes adquiridos durante a trajetória pré-profissional serão utilizados ao longo da sua socialização profissional e no exercício do magistério.

Portanto, as histórias de vida dos docentes revelam as diversas interações em que se entrecruzam, as identidades pessoais e profissionais ao longo de sua trajetória de vida. “Ao

longo de sua história de vida pessoal e escolar, supõe-se que o futuro professor interioriza um certo número de conhecimentos, de competências, de crenças, de valores, etc.” (Tardif, 2002, p. 72).

2.5. Locus da Pesquisa

A realização da nossa investigação baseado em histórias de vida docente e o *habitus* do educador na Rede Municipal norteou as investigações empreendidas na formulação dessa pesquisa. A escola evidenciada é da Rede Municipal de Ensino da Cidade do Araripina (município brasileiro, do estado de Pernambuco, localizado no sertão do Araripe, a 780km da capital), localizada no perímetro urbano e atende crianças do ensino fundamental I, e II nos horários da manhã e tarde, como também educação de jovens e adultos no horário da noite. Os alunos são oriundos de famílias menos favorecidas sendo filhos de: trabalhadores autônomos, empregadas domésticas, profissionais liberais e alguns desempregados.

A equipe técnica é formada por gestor, assistente de direção, coordenador pedagógico e professores. A referida escola tem um projeto político pedagógico, voltado para a realidade social da comunidade escolar, com atividades pertinentes às políticas públicas e curriculares para esse segmento educacional, que funciona em um prédio próprio,. Há um pequena quadra poliesportiva, há biblioteca sala de vídeo e televisão (adaptada a uma pequena sala). Há, cozinha e banheiros. A merenda escolar é distribuída no intervalo das aulas, e os alimentos, na sua maioria são bem aceitos pelos alunos. Em termos gerais a escola atende às necessidades da comunidade escolar.

2.6. Sujeitos da Pesquisa

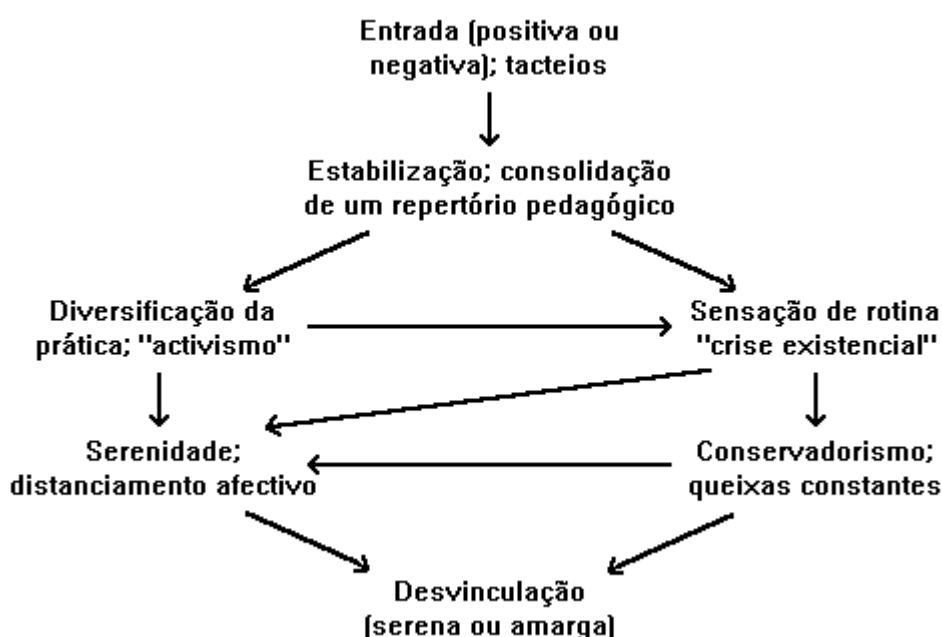
A amostra foi de 8 professoras, proporcionalmente escolhida ao número de sujeitos compreendidos em cada uma das três classes enunciadas e, dentro destas, a cada um dos grupos de idades profissionais, o que se tornou possível com a intencional e prévia organização da população de referência em função dos aludidos critérios e em consonância com as regras de amostragem (Huberman,1995).

Quando se trata de professores principiantes, os primeiros contactos com a docência são muitas vezes apontados como responsáveis por uma reorientação no sentido de atitudes, crenças e práticas de natureza mais autoritária e conservadora, diminuindo ou eliminando os efeitos supostamente benéficos da formação inicial (Skipper & Quantz, 1987). Quando se

trata de professores mais experientes, com 20, 30, ou mesmo mais anos de serviço, estes são muitas vezes citados como exemplos de mentalidades rígidas, autoritárias ou mesmo cínicas, fechadas numa prática rotineira e obstinadamente resistentes à mínima ideia de mudança (Huberman, 1989b). A confirmação destas ideias comuns e, se tal for o caso, o esclarecimento dos processos subjacentes, e das formas de prevenir tanto quanto possível os seus efeitos negativos, são questões extremamente importantes a estudar no âmbito do desenvolvimento profissional dos professores.

As fases da carreira de ensino segundo o modelo de Huberman.

Figura 1 - Ciclos de Vida Profissional dos Professores em Fases segundo Huberman, 1995



Nota. Elaborado com base em Huberman (1989a, 1989b).

2.7. Instrumentos de Coleta de Dados

Com a utilização de um gravador de voz, iniciaremos a entrevista baseada em uma conversa informal, serão lançadas perguntas através de um guião semi-estruturado, em que o entrevistado possa se sentir estimulado a falar da sua história de vida naturalmente, relatando suas experiências, expectativas e medos da sua área profissional. Baseado em suas visões de mundo e valores atribuídos a docência.

2.8. Entrevistas

De acordo com Laville e Dione (1999, p. 178), a entrevista semi-estruturada tem a vantagem de se contemplar questões abertas e aplicadas verbalmente, podendo estabelecer-se uma previsão da ordem, além da possibilidade de solicitar ao entrevistado esclarecimentos sobre algumas questões que carecem esclarecimentos (p. 188).

“A pesquisa permanece um domínio em que a imaginação deve desempenhar um papel importante: não com o fim de “inventar a realidade”, mas para melhor abordá-la, pois a partir das grandes categorias de instrumentos descritos naquilo que precedeu, tudo se torna possível. Cabe ao pesquisador imaginar e ajustar a técnica, os instrumentos que lhe permitirão delimitar o objeto da pesquisa [...] para logo partilhá-la e contribuir assim para a construção dos saberes” (Laville & Dionne, 1999, p. 191)

Segundo Laville e Dionne, (1999, p. 190) a entrevista é uma característica marcante no âmbito das ciências sociais, assim essa opção é bastante pertinente. Propõe-se a pesquisa estruturada em princípio, porque se reduz uma fraqueza da taxa das respostas, possibilita a aproximação entrevistador e entrevistado ampliando o leque dos conhecimentos das pessoas, representações, crenças, valores, sentimentos e opiniões, ao qual em Richardson (1999, p. 208) poderia ser entendido como um momento de perceber o ato realizado entre duas pessoas.

Para organizar as entrevistas semiestruturadas, tornou-se necessário a utilização de um guião que, segundo António (2002), assume duas funções principais: enquadramento – possibilita que as narrativas não percam o foco da investigação; e precisão – permitindo à entrevistadora solicitar ao narrador a informação que este não deu num primeiro momento ou expor questões para esclarecer a narrativa e facilitar o aparecimento de outras variáveis durante a entrevista.

2.9. Instrumento de Análise de Dados (AD)

O procedimento de análises de dados será pautado na metodologia de análise do discurso (AD). Através desse procedimento de interpretação das linguagens, símbolos e sentidos dos entrevistados, poder evidenciar o dito, o não dito e o silenciado de forma significativa.

“as abordagens (auto)biográficas podem ajudar a compreender melhor as encruzilhadas em que se encontram actualmente os professores e a delinear uma profissionalidade baseada em novas práticas de investigação, de acção e de formação” (Nóvoa, 2000, p. 8)

Um primeiro nível de análise do relato pode centrar-se sobre as “palavras

identitárias”, as categorias pertinentes da experiência, em cada uma das esferas da sua existência que o sujeito decide abortar. Então, pode compreender como é que o sujeito construiu subjetivamente “mundos” que tem um significado para ele e no seio dos quais ele se pode situar. (Dubar, 1999).

As formações discursivas são definidas por Orlandi (1999, p. 43) “como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito”. O dito e o não dito colocados por Orlandi (1999, p.82) trazem a tona sentidos que aparecem, que estão subtendidos quando eu faço uma afirmação (o dito) nesse sentido o dizer está intrinsecamente ligado ao não dizer então “quando se diz X, o não dito Y permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de X”. A autora afirma que existe essencialmente no dizer um não dizer fundamental.

Na perspectiva de Orlandi (1999) o silêncio constitui uma espécie de respiração da significação, isto é no silêncio que palavras buscam um recuo para que o sentido faça sentido. Mas, o silêncio e o não dito, são coisas diferentes, pois o não dito está condicionado ao que está implícito. Já o silêncio não está preso à ausência de palavras, trata-se da própria condição do sentido, atravessando as palavras, é como se guardasse um segredo que o movimento das palavras não atinge.

Para Laville e Dionne (1999), Uma das primeiras tarefas do pesquisador consiste, pois, em efetuar um recorte dos conteúdos em elementos que deverão, em seguida, ser agrupados em torno de categorias. Tais elementos vão constituir as unidades de análise, no sentido de que "...cada um desses fragmentos de conteúdo deve ser completo em si mesmo no plano do sentido" (p.216).

Segundo Tardif (2002), as narrativas ou entrevistas de histórias de vida remetem a investigação dos percursos pessoais e profissionais de docentes da educação profissional, compreendendo o percurso da vida do professor que deseja entender o outro, como também a si mesmo.

Para analisar os discursos segundo a perspectiva de Foucault (1986), precisamos antes de tudo recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e igualmente a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas- práticas bastante comuns quando se fala em fazer o estudo de um “discurso”. Para Michel Foucault(1986), é preciso ficar (ou tentar ficar) simplesmente no nível de existência das palavras, das coisas ditas. Isso significa que é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando aparecer na complexidade que lhe é peculiar. E a primeira tarefa para chegar a isso é tentar desprender-se

de um longo e eficaz aprendizado que ainda nos faz olhar os discursos apenas como um conjunto de signos, como significantes que se referem a determinados conteúdos, carregando tal ou qual significado, quase sempre oculto, dissimulado, distorcido, intencionalmente deturpado, cheio de “reais” intenções, conteúdos e representações, escondidos nos e pelos textos, não imediatamente visíveis. É como se no interior de cada discurso, ou num tempo anterior a ele, se pudesse encontrar intocada, a verdade, desperta então pelo discurso. Para Foucault(1986), há enunciados e relações que o próprio põe em funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas que estão “vivas” nos discursos.

A pesquisa identitária e a consideração contextualizada do sujeito estão agora no coração da práxis da investigação social e da reflexão educacional que envolve adultos (West, 2007).

As entrevistas semi-estruturadas, permite através de uma elaboração de perguntas previamente selecionadas e de acordo com as categorias pesquisadas, trazendo no primeiro momento com base nas narrativas dos participantes, constando um esquema da narração. Inicia-se a entrevista questionando as dimensões básicas, falando espontaneamente sobre a sua histórias de vida até o momento em que se percebeu professor, havendo abertura para o entrelaçamento de outros acontecimentos que foram emergindo gradualmente do testemunho dos participantes. Foram abordados como pontos principais a infância, a trajetória de vida, etapas da formação docente. Após esse breve conhecimento parte-se para as perguntas onde são abordados os pontos de reflexão, entre eles, como se percebe enquanto professor, o motivo da escolha pela profissão e permanência, a relação entre a vida pessoal e profissional e por fim, a relação com os colegas de profissão.

Em outro ponto das entrevistas, as participantes foram questionadas quanto aos processos de adaptação e desenvolvimento, tendo como pontos principais: as mudanças significativas em sua trajetória profissional, as mudanças que aconteceram de forma lenta e rápida e as que ainda se sucedem. Além de serem abordadas questões quanto ao investimento pessoal, formação, como acha que é enxergada a presença do professor na sociedade hoje e a quem atribui esse novo olhar.

E por fim, as entrevistas foram transcritas cuidadosamente e analisadas de forma criteriosa através do método de análise de discurso. Sendo uma construção social, não podendo ser planejada de forma individual, mas considerando seu contexto histórico-social, suas condições de produção significam ainda que o discurso reflete uma visão de mundo

construída aos seus autores e a sociedade na qual estão inseridas.

CAPÍTULO 3:

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As formações discursivas (FD) que compõem a dissertação representam o produto dos discursos das oito (8) professoras entrevistadas. Esta produção de discurso foi agrupada em 3 Formações Discursivas (FD): 3.1- Histórias de vida, 3.2- Identidade docente, 3.3 profissão docente.

3.1. Perfil das Professoras Entrevistadas

Muitas são as imagens e representações em torno do profissional da educação, as quais transmitem a idéia de que o professor deve ser uma pessoa que tem o seu perfil traçado segundo sua história de vida e identidade docente.

Antônia

Antônia tem 29 anos de idade e 6 de serviço, é casada, tem uma filha. Encontra-se na fase de estabilização. Sua formação profissional foi em Letras.

Karine

Karine tem 30 anos, 7 anos de formação e 14 de serviço, é casada, tem dois filhos, sendo um do sexo masculino e uma do sexo feminino. Encontra-se na fase de diversificação. Sua formação profissional foi em História e especialização em Gestão Escolar.

Carmen

Carmen tem 42 anos, 24 de formação e vinte de serviço, é solteira, não tem filhos. Encontra-se na fase de diversificação.

Isálida

Isálida tem 41 anos, 21 anos de formação e de serviço, é viúva, tem três filhos, sendo dois do sexo masculino e uma do sexo feminino, é formada em biologia. Assim como Karine e Carmen, encontra-se na fase de diversificação.

Maria

Maria tem 56 anos, 26 anos de formação e de serviço, casada, tem dois filhos, sendo um do sexo masculino e uma do sexo feminino. É formada em geografia e especializada em geografia geral. Encontra-se também na fase de diversificação

Kelly

Kelly tem 30 anos, 11 de serviço e 9 de formação, solteira, não possui filhos, è

formada em ciências biológicas e pedagogia. Encontra-se na fase de diversificação.

Bruna

Bruna tem 28 anos , 6 de formação e de serviço, solteira, não possui filhos, é formada em letras e especializada na mesma área. Encontra-se na fase de estabilização.

Braz

Braz tem 47 anos, 28 de serviço, é casado, tem um filho, é formado em geografia e especializado em geografia geral. Encontra-se na fase de diversificação.

Apenas quatro professores são especialistas indicando que as mesmas possuem, portanto, uma visão mais atual da produção de conhecimento, comparando com as demais professoras sem a titulação. Uma das professores possui mais de uma graduação, mostrando que também buscou expandir seus conhecimentos e as demais mesmo sem o título de pós graduadas, buscam sempre aperfeiçoamento na área de trabalho através de cursos complementares e de formação. Muitos justificaram durante as entrevistas dificuldades financeiras para seguir alguns cursos que gostariam e acreditam que a capacitação deve ser melhorada, que os sistemas de educação devem priorizar a formação dos professores, fornecendo-lhes tempo para estudos e preparação para o trabalho na docência, mostrando como sugestões modelos de países que investem nesse aprimoramento de conhecer outras culturas como suporte nas formações e cursos de aperfeiçoamento, se mostram curiosos em aprender mais, e sentem a necessidade desse tipo de investimento para que possam atuar na educação atual, em que a tecnologia faz parte do cotidiano dos alunos, e relatam que o ensino de antes, as metodologias de antes não são mais suficientes para o atual momento social em que se encontra a educação, querem ir além.

Essa realidade é apresentada por Nóvoa (2009), a desvalorização resultante da passagem para escola de massa e a democratização acarretou na perda do prestígio ligada à posse de um saber inacessível à maioria dos docentes. Tendo em vista que as más condições financeiras dificultam seu ingresso e adesão a novos saberes, que no sentido mais amplo, significa o processo de aquisição do conhecimento na sua trajetória pessoal, acadêmica e profissional, pautado pelo acúmulo de saberes que farão parte do seu referencial teórico que irá fundamentar suas ações pedagógicas e pessoais, no que se refere as suas teorias, sua crença e seu posicionamento diante da leitura do mundo onde ele se insere e o processo cultural que envolve sua história de vida.

Em relação aos Ciclos de Vida dos Professores em Fases, prevaleceu a fase da

diversificação com 6 (seis) professores, nesta fase os professores são caracterizados pelo elevado grau de motivação, dinamismo, empenhamento nas equipes pedagógicas ou nas comissões de reforma e apenas 2 (duas) encontram-se na fase de estabilização, nesta fase é notável o sentimento de uma crescente competência pedagógica que gera a sensação de segurança, confiança e conforto. O indivíduo desenvolve e investe na profissão o que contribui com a construção da sua identidade profissional (Huberman, 1995).

Trazendo a realidade em relação ao estado civil, a maioria dos professores entrevistados são casados no número de 6 (seis) professores e 2 (duas) responderam ser viúva e solteira; mostrando que embora prevaleça o casamento entre as entrevistadas, o mesmo não é visto na atualidade como prioridade a ser alcançada, uma vez que para as mulheres das classes médias e dominantes antigamente casar-se era a forma, respectivamente, de ascender na escala social ou manter a mesma posição em caso de infortúnio, mesmo que não amassem o futuro marido em relação a idade (Almeida, 1998).

A faixa etária foi dividida entre 40 e 56 anos com 4 professores, seguidos

De 28 a 30 com 4 professora.

Dessa forma Tardif, (2002), ao longo da sua história de vida pessoal e escolar, supõe-se que o futuro professor interioriza um certo número de conhecimentos, de competências, de crenças, de valores, etc, os quais estruturam sua personalidade e suas relações com os outros (especialmente com as crianças) e são reatualizados e reutilizados, de maneira não reflexiva mas com grande convicção, na prática de seu ofício. Nessa perspectiva, os saberes experienciais do professor de profissão, longe de serem baseados unicamente no trabalho em sala de aula, decorreriam em grande parte de concepções do ensino e da aprendizagem herdadas da história escolar.

3.2. Formação Discursiva (FD) - Histórias de Vida

O saber dos professores é plural e também temporal, uma vez que, como foi dito anteriormente, é adquirido no contexto de uma história de vida e da uma carreira profissional, e essa história de vida tem um impacto importante sobre a formação dos professores. Para Tardif (2002), dizer que o saber dos professores é temporal significa dizer, inicialmente, que ensinar supõe aprender a ensinar, ou seja, aprender a dominar progressivamente os saberes necessários à realização do trabalho docente. Os inúmeros trabalhos dedicados a aprendizagem do ofício de professor, colocam em evidência a importância das experiências familiares e escolares anteriores a formação inicial na aquisição do saber-ensinar. Então a

ideia de temporalidade, porém, não se limita á história escolar ou familiar dos professores. Ela também se aplica diretamente a sua carreira, carreira essa compreendida como um processo temporal marcado pela construção do saber profissional. A produção do *habitus* pode ser tanto um produto das condições objetivas, dependendo das situações vivenciadas socialmente na infância que irão influenciar totalmente em sua vida adulta, como um produto de condições subjetivas, onde a produção do *habitus* não é visto como um produto de uma condição social de origem, mas de uma trajetória social (Dubar, 2005). Neste sentido as histórias de vida constituem um conjunto único e complexo que envolve relações familiares, desenvolvimento pessoal, e o meio social e cultural no qual o indivíduo se insere.

Helíuda

Sua infância foi marcada por dificuldades principalmente com a ausência da sua mãe, tendo seu pai que trabalhar para sustentar seus filhos e educá-los sem a ajuda materna. Neste sentido, sua adolescência foi de muita responsabilidade sendo cuidada também por seus irmãos, onde sofreram muitas privações. Casou-se com 21 anos e tem uma filha.

Karine

Sua infância foi tranqüila, muito feliz, tal como Helíuda também passou por dificuldades financeiras. Passou pela adolescência sem grandes conflitos por ter uma família unida e ser a mais velha entre os irmãos. Tem uma família harmoniosa, tem uma relação muito próxima com seus pais e irmãos. Seus amigos se resumem a professores e alguns da adolescência e infância. Casou-se bem jovem aos 20 anos e tem 2 filhos.

Carmen

Sua infância foi tranquila na capital pernambucana, convive com seus familiares aqui no interior, tias e sobrinhos a quem dedica muito carinho, lembra de sua infância com boas recordações, considerava-se muito sapeca. Passou pela vida escolar sem conflitos, com ótimas notas. É solteira, tem uma condição financeira confortável.

Isálida

Sua infância foi de muitas responsabilidades e cobranças pelos pais que eram rígidos e não a deixavam brincar na rua, mas brincou bastante com seus irmãos. Relatando a adolescência, tem muita facilidade em fazer novas amizades. Ficou viúva ainda bem jovem e

cria os três filhos sozinha, com ajuda afetiva da família que é formada por 5 irmãs.

Maria

Sua infância foi “abençoada” por ser filha caçula e ter 9 irmãos para brincar e pais muito presentes na educação, todos se respeitavam muito, e mesmo tendo algumas dificuldades financeiras, eram muito E a religiosidade ajudava muito na perseverança.

Kelly

Sua infância foi muito feliz, brincou livremente com o seu irmão e algumas primas. tal como Maria sua família era muito unida. É solteira, mas pretende casar e construir uma família, pretende criar seus filhos assim como foi criado.

Bruna

Teve uma infância maravilhosa, tem ótimas lembranças das brincadeiras e vivências com a família. Seus pais são separados, mas tem uma convivência. A relação familiar é muito intensa e tem muitos amigos.

Braz

Sua infância foi muito boa. Relata que brincava muito na rua e em casa com seus irmãos e vizinhos. Sua adolescência foi uma época de novas experiências através de saídas com grupos de amigos. É casado e tem um filho.

Durante a análise e discussão dos resultados, foram identificados alguns pontos marcantes:

Os momentos relacionados a infância, Helúda, Karine, Carmen, Maria e Bruna, respectivamente representadas no quadro (2) passaram por algumas necessidades financeiras, e alguns dilemas de pais separados, mas que conseguiram ver nos estudos uma saída para conseguir melhorar de vida. Se admitirmos que o saber dos professores não provém de uma fonte única, mas de várias fontes e de diferentes momentos da história de vida e da carreira profissional, essa própria diversidade levanta o problema da unificação e da recomposição dos saberes no e pelo trabalho. (Tardif, 2002)

Quadro 1 - Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Histórias de Vida”.

FD: Histórias de Vida	
Professoras	Depoimentos
Heliúda	“uma infância difícil a minha, eu não fui, não tive... não fui uma criança criada com regalias, ao contrário, eu fui uma criança criada com muita dificuldade, dificuldade mesma financeira da minha família, eu sou como o povo chama, eu sou a rapa do tacho, eu já peguei uma fase muito difícil e fui uma criança que não tive minha mãe presente, fui criada só pelo meu pai, e... meu estudo sempre foi em escola pública, sempre estudei em escola pública, é... mais... sempre me empenhando pra passar de ano... pra... eu sabia que ali estava a minha segurança de vida futura, eu sabia que eu dependia daquilo, e que eu dependia só de mim, pra poder eu conseguir chegar aonde eu cheguei.”
Karine	“- minha infância... eu acho que eu curti bastante... (risos) como toda criança... adora brincar, estudar... é passei por problemas com relação ao financeiro, mas meu pai e minha mãe eles nos educaram né... com todas as dificuldades eles conseguiram é que os três filhos se formassem...”
Carmen	“Minha infância foi maravilhosa, mas eu era uma peste (risos) eu era tão... eu apanhei tanto quando era criança... olhe de cipó, de corda de fio de macarrão de cadeira de correia de pneu de chinelo... porque eu era muito danada... muito danada... muito ruim assim. Minha mãe dizia direto você vai ter um filho pra você ver... tem que ser igual a você pra você ver como você é trabalhosa. Eu era muito danada mas eu tive uma infância muito boa, eu brinquei muito, na época não tinha televisão na minha casa, não tinha televisão, era muito difícil na época...”
Maria	“- A minha infância foi maravilhosa... é um sonho que jamais eu vou apagar... sou filha casula de uma família grande, meus pais tiveram dez filhos cinco homens e cinco mulheres, eu sou a caçula das mulheres e graças a Deus tive uns pais exemplares que educaram os filhos catequizou... criou todos eles de uma forma bem dinâmica”.
Bruna	- minha infância eu considero uma infância muito boa por que eu vivi, eu brinquei muito... é... fiz o que tinha vontade de fazer, tinha muita liberdade pra isso... então eu considero uma boa fase da minha vida, tenho boas lembranças da infância...
Kelly	“eu tive infância! (risos) ah... foi uma infância muito saudável... brinquei muito com os meus primos, como eu tenho só um irmão, eu tive uma infância muito aventureira, onde todas as meninas brincavam de bonecas, eu estava lá subindo em árvores e aprendendo a atirar de baladeira... então foi uma infância maravilhosa que eu quero permitir que os meus filhos tenham o mesmo, a mesma experiência e vivam realmente o que a criança tem que viver...”

Fonte: Entrevista realizada (2013).

Com relação à família já Isálida e Braz tiveram pais bem rígidos e não tiveram problemas financeiros, mesmo sendo oriundos de famílias simples, consideram que a infância foi muito prazerosa.

Quadro 2 - Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Histórias de Vida”.

FD: Histórias de Vida	
Professoras	Depoimentos
Isálida	“- Minha infância consideravelmente normal... tive irmãos... brincava... não tinha aquele, na época aquela questão de televisão, era brincadeiras normais com amigos, brincadeiras. Eu considero minha infância uma infância feliz... ”.
Braz	“Eu acho que o reflexo de como eu me vejo hoje provavelmente foi da minha infância... minha infância, foi uma infância muito boa, eu talvez até começando pela própria base de alimentação... de... começando de ser criança, pelo fato mesmo de ser criança... talvez eu tenha brincado de carrinho até os quinze anos, coisas que não se ver mais hoje... então eu tive uma infância completa tanto do lazer e quanto no afeto da família e no estudo, então da minha infância eu não tenho nada a reclamar”.

Fonte: Entrevista realizada (2013).

Com relação aos laços familiares na infância Bruna, mesmo não convivendo com seu pais, relata que teve uma infância muito bem vivida, tem facilidade em fazer novas amizades. Contudo, sendo muito seletivas quando o assunto é relacionamento.

Quadro 3 -Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Histórias de Vida”.

FD: Histórias de Vida	
Professoras	Depoimentos
Bruna	“- minha infância eu considero uma infância muito boa por que eu vivi, eu brinquei muito... é... fiz o que tinha vontade de fazer, tinha muita liberdade pra isso... então eu considero uma boa fase da minha vida, tenho boas lembranças da infância...

Fonte: Entrevista realizada (2013).

Em quase todas as formulações sobre discurso Foucault refere-se ao enunciado. Discurso como “número limitado de enunciados para os quais podemos definir de conjuntos de condições de existência” ou como “domínio geral de todos os enunciados”, prática regulamentada dando número dando conta de um certo número de enunciados- São alguns deles (1986, p.90 e 135). A ideia contida nas expressões “ condições de existência”, “domínio”, “ grupo individualizável” e “ prática regulamentada”, usadas nas definições anteriores, é básica para entendermos a definição de enunciado como “ função de existência” a qual se exerce sobre unidades como a frase, a proposição ou o ato de linguagem. O enunciado em si não constituiria também uma unidade, pois ele se encontra na transversalidade das frases, proposições e atos de linguagem: ele é “sempre um acontecimento, que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente”.

3.3. Formação Discursiva (FD) – Identidade Docente

De modo geral, a profissão docente segundo Amélia Lopes (2008), é vivida como um trabalho de profunda exigência ética, social e psicológica: as referências às capacidades que é necessário mobilizar nas práticas educativas quotidianas incidem na responsabilidade, na conscientização social, na comunicação, no dinamismo, na atualização de conhecimentos profissionais, na implicação psicológica, na solidariedade, na compreensão, na atenção, no carinho, na paciência, etc. Não se estranha, por isso, que à definição de um perfil humanamente tão exigente corresponda a explicitação de frustrações, descontrolo e desânimo.

A idealização sobre uma escola que constitua um contexto educativo global, um espaço de prazer e de comunicação e no qual as crianças encontrem os apoios que escasseiam na família distancia-se do mundo complexo e contraditório, feito de tensões, de emoções e de angústias, que é inferido pelos discursos das professoras sobre os seus cotidianos profissionais.

Precisamos vincular as discussões sobre identidade a todos aqueles processos e práticas que tem perturbado o carácter relativamente “estabelecido” de muitas populações e culturas: os processos de globalização, os quais, eu argumentaria, coincidem com a modernidade (Hall, 1996).

Helíuda

Iniciou sua vida profissional, logo após a sua conclusão no magistério, passou por muitas dificuldades durante o seu curso de graduação, com o nascimento da sua filha surgiram mais responsabilidades, mas com a ajuda do seu esposo e da família conseguiu se dedicar aos estudos e ingressou na rede pública municipal após sua aprovação no concurso público. Acredita que desde sua vida escolar ela já sabia que queria ser professora, pois tinha uma irmã na mesma profissão e além dessa também admirava seus professores, principalmente os de língua portuguesa.

Karine

Ainda aos 16 anos, iniciou sua vida docente em uma pequena escola particular, da qual tem boas recordações, antes mesmo da formação já se sentia atraída pela sala de aula, relata ter tido bons professores dos quais tem boas recordações de incentivo e positividade para a escolha da sua profissão. Acredita que caiu meio que de “paraquedas” na sala de aula, ainda sem muita noção, mas se apaixonou pelo ofício, mesmo com as dificuldades

encontradas adora o que faz. Ingressou no ensino público municipal com a sua aprovação em concurso público.

Carmen

Sua primeira experiência da sala de aula não foi boa, fez seus estágios em escola particular da capital e quando foi selecionada para o ensino público se viu muito assustada devido às condições físicas e perfil da escola, relata também ter tido bons professores, mas chegou a abandonar a profissão por dois anos. Logo em seguida ingressou em uma escola municipal do interior, e com a ajuda dos outros docentes foi conseguindo colocar em prática seus conhecimentos escolares do magistério e em seguida se viu com uma identidade docente produtiva e capaz, trabalha hoje também em colégio particular e se ver madura e tranquila na docência.

Isálida

Cursou o ensino do magistério por determinação da família, pelo fato de não haver outro curso de educação superior na cidade naquela época. Mesmo nutrindo admiração e respeito pelos seus professores não se sentia feliz em cursar o magistério até meados do curso, após as disciplinas de prática pedagógica ficou encantada com as metodologias na área de exatas e hoje exerce com muita dedicação a sua profissão docente na área. Trabalha também em escola particular e ingressou na escola municipal também por meio de concurso público.

Maria

Desde criança já nutria uma admiração pela docência, pois como Heliúda, Maria também tinha uma irmã que era professora e a mesma a levava para participar de atividades pedagógicas ainda cedo. Foi difícil seu processo de formação no magistério, pois coincidiu com o período de nascimento dos seus dois filhos, só podendo assim ingressar no ensino superior vinte anos depois.

Kelly

Ainda no seu período escolar nas séries iniciais sempre foi muito aplicada, conseguindo assim no ensino fundamental II uma bolsa de estudos para uma escola particular, onde de forma mais completa ela se viu ainda mais apaixonada pelo conhecimento, e durante essa trajetória nutria por alguns professores uma imensa admiração, se sentindo assim atraída pela profissão docente. Sempre muito dedicada, já concluiu duas graduações, uma especialização e se prepara para ingressar no mestrado, já assume maiores compromissos

como projetos educacionais na rede municipal, na qual ingressou por meio de concurso público.

Bruna

Tendo o perfil de dedicação muito parecido com o de Kelly quanto à dedicação aos estudos, a Bruna também foi sempre muito elogiada pelos seus professores, e oriunda de uma família pobre, pais separados, sempre viu desde muito cedo na educação uma saída para galgar dias melhores, sentindo-se sempre muito atraída por conhecimento, ainda criança já pensava em ser professora e diferente de muitos, não teve incentivo da família para a escolha profissional, pois sua mãe sempre acreditou que ela podia ser mais e em uma profissão melhor. Como alguns de seus professores sempre torcia para que fosse além da docência, porém essa seja a sua profissão de escolha, na qual se encontra como ser humano e sente-se realizada.

Braz

Desde aluno já se via apaixonado pelas atividades esportivas, e mesmo tendo outras oportunidades de conseguir outras formaturas estudando na capital como os seus irmãos, preferiu permanecer na sua terra natal e fazer o que mais gostava que era trabalhar com esporte, alcançou seu nível superior através da faculdade de formação de professores com graduação e especialização na área de geografia geral, e utilizou sempre os conhecimentos da área estudada para trabalhar com projetos de incentivo ao esporte escolar, o qual acredita trabalhar bem a disciplina como um todo na vida do aluno. Alcançando logo em seguida o título de treinador, sempre se percebeu muito estimulado em ensinar, em acreditar no aprendizado e crescimento do aluno.

Alguns pontos marcantes foram identificados durante a análise e discussão dos resultados

Quanto questionados pelo início da vida docente, e em que momento se perceberam com identidade de professor nas atividades em sala de aula, alguns professores como relataram não iniciaram na profissão por escolha própria, que aconteceu devido as necessidades encontradas na época, pela formação que era unicamente oferecida na sua cidade, sendo (2) deles relataram que só depois conseguiram a identidade docente de fato. Já outros, se sentia encantados pela docência devido a alguns bons professores, por nutrir muita admiração, sendo (4) e sendo (2) por já ser estimulado por algum parente pertencente à docência, e assim já tinham amor a profissão desde infância.

Segundo Amélia Lopes (2008), a análise dos discursos das professoras sobre as práticas escolares permitiu-nos compreender as suas concepções sobre a infância e inferir o seu desdobramento em dois seres distintos: as crianças e os alunos; permitiu-nos, ainda, compreender quer as perturbações de natureza emocional e moral dessa duplicidade quer a incapacidade profissional para fazer cumprir os objetivos da escolarização de massas. Percebe-se, também, nos seus discursos, uma profunda discrepância entre a escola idealizada e a escola recepcionada, sendo esta referida como uma realidade complexa e geradora de sofrimento.

Quadro 4 -Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Identidade Docente”.

FD: Identidade Docente	
Professoras	Depoimentos
Helíuda	“È... quando eu comecei a cursar o ensino médio, por u ter uma irmã que também é professora inclusive formada na mesma área que eu. Ela foi de certa forma me induzindo a gostar daquilo também, pelo fato de ela ter sido minha professora... Eu fui vendo a paixão com que ela trabalhava... e gostei me identifiquei, gosto de falar, gosto de me expressar e a partir daquele momento eu decidi que eu iria me formar em professora..
Karine	“- minha trajetória... iniciei em sala de aula cursando o magistério né... então conclui o magistério, iniciei, dei continuidade com a minha graduação em história, concluindo a graduação, a minha pós em gestão escolar e em psicopedagogia e agora estou na minha complementação em pedagogia”. ” é que essa paixão de ensinar veio da minha professora da quarta série”.
Carmen	“e fui trabalhar como professora numa escola do estado numa periferia, na Cabanga, um bairro lá bem... Uma turma de terceira série, a escola tinha tido uma alagamento então as salas foram divididas ao meio com compensado, eu passei dois dias... cheguei em casa me acabando de chorar e disse a minha mãe que nunca mais eu entrava numa sala de aula... foi muito ruim minha experiência aí um ano depois... pegando experiência... tive muita ajuda de outros professores... e aí fui começando realmente a me apropriar dos, do ambiente escolar... dos meios de trabalhar com criança... aí fui me encontrado... era outra dinâmica... os alunos era outro comportamento... então foi muito tranquilo”.
Isálida	“- Na época eu tinha assim um certo temor com o professor, a gente não tinha como argumentar então o professor era o dono do saber, então eu era apenas aquele aluno que acatava, não contestava muito, não era um aluno contestador... , agora quando eu fui para o magistério, que é o normal médio atual eu sentia uma admiração justamente na parte ligada as didáticas... ... e me deixava assim extasiado a forma como ele mostrava a gente como seria né... eu criava um mundo de fantasia... eu vou fazer isso... aquela teoria que eles passavam era um encanto, não era bem a realidade de quando a gente chega na prática, mais, principalmente quando era a didática da matemática, que eu acredito que por sinal foi por isso que eu me voltei para essa área, por conta dos professores de didática que me deixavam um pouco encantada com isso.”

Maria	“com essa vontade mesmo... um entusiasmo de enfrentar mesmo a sala de aula... e sempre me identifiquei em trabalhar com séries iniciais, por que você pega crianças, onde é um alicerce que você tem o domínio próprio para trabalhar com aquelas crianças... e você tem aquele amor, até como que seja seus próprios filhos e vai buscar o melhor pra eles... eu me sentia feliz com minha professora, gostava dela queria assim aquele... eu sentia um amor de mãe... era uma pessoa muito amável...”
Kelly	“Eu acho que nos três primeiros meses... naquele momento de preparação pedagógica em que você tem montar todo o passo a passo do processo que tu acabou de assumir... então a ficha cai naquele momento. medrosa... por que é uma experiência que você tem que tomar conta de várias vidas... e de várias situações acadêmicas que vierem a surgir por ventura... mas o suficiente pra entender que eu estava na profissão que iria me fazer feliz... que me faz feliz né... foi uma identidade de imediato positiva... é tanto que a experiência vivenciada neste cinco primeiros anos é o que me possibilitou está onde eu estou hoje, mais segura e assumindo responsabilidades e compromissos maiores com ações maiores e partindo pra luta mesmo, como professor como docente.”
Bruna	“...como aluna eu sempre fui tida como aluna exemplar, sempre gostei muito de estudar, geralmente os professores gostavam muito de mim... é... eu acredito que até por essa admiração e respeito que eu tinha pela figura do professor...” “Desde a infância eu já admirava é... minha madrinha que é professora... achava interessante o trabalho que ela fazia... a maneira como ela se expressava... é... algumas professoras também... por admirar essas pessoas eu tinha vontade de ser professora também.”
Braz	“- é... na verdade eu atuei na maior parte da vida como professor de educação física ou mesmo treinador né... mesmo tendo cursado geografia, na verdade meu aprendizado veio é... quando atleta ou como aluno, foi uma coisa que me identifiquei”.

Fonte: Entrevista realizada (2013).

Amélia ainda considera que a ideia de aluno que emerge da análise não corresponde à entidade abstrata e homogênea que a escolarização pretendeu criar, antes nos revela um conceito difuso e pluridimensional; por um lado, admite-se a idiossincrasia e a diversidade dos alunos, mas, por outro, explicitam-se intenções de fazer convergir as suas atitudes com modos de trabalho escolar padronizados. O trabalho escolar é referido com contornos de exterioridade relativamente à vida das crianças, como algo que lhes é exterior e estranho e relativamente ao qual os professores sentem dificuldades em as motivar.

Segundo Nóvoa (1995), o processo de construção desta identidade profissional se sustenta em adesão, ação e autoconsciência. A adesão está vinculada a princípios e valores, adoção de projetos como um investimento nas potencialidades das crianças. A ação está na escolha das melhores maneiras de agir, estão presentes decisões profissionais e pessoais e a de autoconsciência embasado no processo de reflexão que o professor tem sobre a sua própria ação. Desta forma, a identidade não deve ser vista como um dado adquirido, propriedade ou produto. Neste sentido, ser professor envolve múltiplas faces como o engajamento da formação e informação permanentes, coerência profissional e pessoal que devem ser o

resultado de suas buscas, aspirações e desejos de agir contextual e coerentemente na educação de qualidade.

Na década de 70 vários autores começaram a procurar “desvendar o universo profissional dos professores, por referencia a um contexto social, em que se entrecruzam as vertentes pessoal e interpessoal, e através da análise interpretativa do discurso por eles elaborado” (Lusuita, 1989, in Gonçalves, 2000, p. 145). Riseborough (1989, in Sarmiento, 2002, p. 34) e Goodson, (1992, in Sarmiento, 2002, p. 34) afirmam que “para saber o que é ser professor é necessário conhecer a vida dos professores”. Segundo Goodson (1992, in Sarmiento, 2002, p. 34) “as experiências de vida e o Background” são obviamente ingredientes-chave da pessoa que somos, do sentido que temos de nós”. Para Sarmiento (2002, p. 34)

“A vida de um professor será a intersecção entre a sua história de vida e a história da sociedade em que se move, histórias nas e das quais o actor e autor, pelo que acender á vida dos professores, será acender aos contextos sociais, históricos e culturais em que se insere. O estilo de vida dos professores dentro e fora da escola, as identidades e a cultura dos mesmos será influenciada pelos grupos sociais a que pertencem. O professor será actor social ativo na construção da sua identidade e das suas práticas, partilhando desse processo de construção com outros professores.” (p. 34)

Para Tardif (2002) é precisamente por que as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas.

3.4. Formações discursivas (FD)- Profissão Docente

Para Tardif (2002), Quanto menos utilizável no trabalho é um saber, menos valor profissional parece ter. Nessa ótica os saberes oriundos da experiência de trabalho cotidiana parecem constituir o alicerce da prática e da competência profissionais. Ensinar é mobilizar uma ampla variedade de saberes, reutilizando-os no trabalho para adaptá-los e transforma-los pelo e para o trabalho. A experiência de trabalho, por tanto, é apenas um espaço onde o professor aplica saberes, sendo ela mesmo saber do trabalho sobre saberes, em suma: refletividade, retomada, reprodução, reinteração daquilo que se sabe naquilo que se sabe fazer, a fim de produzir sua própria prática profissional.

Segundo os relatos nas entrevistas, a maioria dos professores consideram que as competências relacionadas ao cargo de professor, vai um pouco além dos conhecimentos que devem ser adquiridos em formação, alguns consideram que temos hoje uma nova realidade social, em que a figura do professor representa um profissional ainda desvalorizado sem

reconhecimento e em contrapartida com mais atribuições no seio escolar:

Helíuda

Relata que os pais estão delegando somente à escola a responsabilidade de educar seus filhos, onde muitos já nem os respeitam mais, assim fica o professor com a bagagem mais pesada em ter que administrar todas as inversões de valores que não foram trazidos do seu meio familiar social nenhuma noção de respeito e muito menos da importância da educação para suas vidas.

Karine

Considera que o professor hoje, deve estar além do que preparado para dar aulas, ele deve estar pronto para atender uma demanda de “filhos” que não os teme, nem os respeita, e isso se ver maior escala em crianças maiores que já passaram do tempo de aprender a ler e escrever, e não enxergam a escola e a educação com seriedade.

Carmen

Sente-se mais experiente no que diz respeito às suas competências, diz que professor também é psicólogo, é pai, é mãe, é dentista e embora compreenda que a cada dia elas aumentam mostra que o tempo de executar as atividades, parece diminuir com tantas novas atribuições, o que torna muitas vezes a profissão docente bastante cansativa.

Isálida

Relata que as competências relacionadas ao cargo de ser professor hoje, está sendo um fator preocupante, ela considera até muitas vezes infundadas, em que está se cobrando o que não houve formação para, tanto com relação às tecnologias, como em critérios de avaliações baseadas em sistemas de aprovações.

Maria

Maria considera que a principal competência hoje na educação é doação, o amor pelo que faz, para conseguir seguir adiante com novos modelos de alunos e de escolas, de pais e até mesmo de gestores. Relata que o professor hoje não impõe mais respeito somente pela sua figura em si na sociedade, mas que sofre bastante com o novo perfil social da desvalorização.

Kelly

Avalia a educação hoje como um momento de preparação contínua, ela considera que os professores hoje devem estar em formação continuada sempre para conseguir andar lado a lado com o novo quadro de informações que temos. E com a nova realidade social em que nos encontramos, pautadas por grandes desafios.

Bruna

Relata que em muitos momentos se sente perdida com tantas novas atribuições, e a principal delas é a de tornar a aula interessante para quem não quer assisti-la. As novas exigências da educação que vê no professor um profissional responsável direto tanto pelo sucesso, como pelo fracasso escolar. Mesmo em pouco tempo de docência já dar para perceber as mudanças que vem atravessando no meio escolar, considerando que os pais, não só do ensino público, mas também das redes particulares, não tem mais tempo de educar seus filhos.

Braz

Considera que muitas das novas competências que a educação hoje delega as escolas, como os valores em sua integridade maior, são respostas do novo momento social em que nos encontramos, de pais ausentes, ou mesmo mais permissivos, mostra que a questão da disciplina em si cobrada nas atividades esportivas são reflexos desse novo momento.

Analisando os resultados alguns pontos identificados na discussão

Os discursos das professoras realçam as dificuldades e as frustrações sentidas na intencionalidade instrutiva da sua ação, o que é justificado pela referência a obstáculos centrados nas características dos alunos e em incapacidades nos domínios do saber e das competências profissionais. Talvez, por isso, se saliente a dimensão maternal em detrimento da dimensão profissional.(Lopes, 2002)

Amélia, ainda considera que as transformações sociais, políticas, econômicas e científicas das últimas décadas perturbaram a matriz ideológica de sustentação da subjetivação moderna, dando origem a um estado de crise das instituições e, por isso também, dos processos de escolarização e das significações que lhes estão associadas.

Quadro 5 - Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Profissão docente”.

FD: Profissão docente	
Professoras	Depoimentos
Helíuda	.” , mas eu quero ser um multiplicador de conhecimentos, eu quero viver novas experiências, eu quero ta ali na frente tendo e sendo vista como uma pessoa importante por que o aluno ele lhe vê dessa forma...” “... Mas se você não tiver amor, por ser professor, você não entendeu o que é que significa ser professor... não adianta você ter graduação... pós-graduação... não adianta você se especializar em nada. Se você não entregar a alma praquilo não adianta.”
Karine	“como professora... ah acho que são inúmeras né, professor ele é... tem inúmeras atribuições... é pai, é mãe é palhaço, é psicólogo... (risos).” “é a questão da relação da família, que a família estar deixando grande , a maior parte da responsabilidade o ato de educar para escola, então não tem como... tem a educação doméstica e a educação conteudista... e foi tudo jogado para a escola...”
Carmen	“Ministrar aula né... eu sou polivalente de todas as disciplinas... que mais? ahh...(risos) não ele é dentista, psicólogo, médico, mãe, pai... Hoje em dia o professor ele tem que ter essa... ele tem que ter já é uma necessidade. Tanto aqui que eu trabalho na escola pública e particular. E na pública aí é que você precisa ter mais esse olhar... as vezes até banho a gente dá, compra remédio pra piolho... eles, muitos deles só a nós como professores...”
Isálda	“eu aprendi como me comunicar com os alunos... eu aprendi como tratar o pai... como ver o aluno, não somente como aquele agente de aprendizagem, mas como ser humano, eu acho que essa aprendizagem a gente vai adquirindo aos poucos é tanto que quando eu me observo é... faço uma análise de quando eu iniciei pra agora, a gente só nota que há realmente uma melhoria eu procuro não mostrar esse lado negro que sempre já vem ali com aluno, então eu procuro fazer com que aprenda de uma forma mais prazerosa... é o aprender a ser a fazer... a questão dos valores... os valores que os alunos não tem, os objetivos... eles não tem objetivos, eles não tem metas né... isso dificulta”
Maria	“ai Jesus... o professor hoje ele além de ser professor ele é pai, ele é mãe, ele é palhaço... ele é psicólogo, ele é TUDO! Que diz assim de respeito a responsabilidade e compromisso com o ser humano... a passar assim uma transparência para o aluno, que está preparando um cidadão para o futuro. Então você tem que ter todo esse aspecto. é... hoje em dias os pais não tem mais assim... uma educação familiar e ele criam os filhos aí de todo jeito e leva pra sala de aula e o professor é pra ser pai, e pra ser mãe e educar... e fazer aquela criança ter aquele alicerce que deveria ter em casa... que são é... a educação do berço que não tem, as crianças hoje em dia estão muito assim aleatórias...”
Kelly	“é um leque por que a gente tem várias propostas dentro da área pedagógica e as funções geralmente são essas... de orientações mesmo... de investigação e de levar o aluno a também ser um investigador pesquisador... - Eu acredito que o professor ele tem que primeiramente, gostar do que faz por que é uma profissão de doação, de sacrifícios...”
Bruna	“- È... são muitas... tem gente que, inclusive, coloca o professor agora na função de família, na função de psicólogo de vez em quando de médico... mais na minha concepção nos estamos ali tanto para... com aquele papel ainda de instruir de certa

	forma, né de fazer com que competências e habilidades sejam desenvolvidas... né que o aluno utilize essas habilidades e competências pra, tanto para dar procedimentos aos estudos como para vida... mas também de certa forma na função de educador... por que não tem como dizer que nós convivemos com os alunos e não influenciemos de alguma forma... digamos que aquela convivência serve apenas para instruir, pra passar conhecimentos... ... Embora seja uma realidade diferente, uma sociedade que percebe digamos assim os estímulos de forma totalmente diferente do que a gente tinha naquela época.”
Braz	“...repassar os conteúdos e além de repassar é o que me deu muita... muito aprendizado na minha profissão a mais foi aprender com o próprio aluno... sempre se tem alguma experiência, fazer alguma experiência com os alunos e aprender com eles mesmo, no geral na formação, tanto na formação esportiva, como na formação da própria personalidade.

Fonte: Entrevista realizada (2013).

Todavia, vale salientar que esses saberes sozinhos não permitem representar o saber profissional, pois a experiência do trabalho do trabalho se constitui numa fonte de conhecimentos e de aprendizagens na construção dos saberes profissionais no decorrer de sua carreira.

Os saberes adquiridos quando na socialização escolar tem um peso importante na compreensão da natureza dos saberes, do saber fazer, do saber ser que serão mobilizados e utilizados na socialização profissional. Dessa forma entende-se que uma parte importante da competência profissional dos professores tem raízes em sua história de vida. Segundo Codo e Mesezes (2002), educar é um ato de reconstruir os laços entre o passado e o futuro. Já Tardif enfatiza que o desenvolvimento do saber profissional é associado tanto às suas fontes e lugares de aquisição quanto aos seus momentos e às fases de construção.

Tardif (2002) acredita que esse processo esteja ligado também a socialização profissional e ao que muitos autores chamam de “choque com a realidade”, “choque de transição”, ou ainda “choque cultural”, noções que remetem ao confronto inicial com a dura realidade do exercício da profissão, à desilusão e ao desencanto dos primeiros tempos de profissão e, de maneira geral, à transição da vida de estudante para a vida mais exigente de trabalho.

É na relação entre a teoria e a prática que o professor constrói o saber docente, refletindo sobre os conteúdos trabalhados, a metodologia utilizada, sua relação com os alunos no cotidiano escolar inserido no sistema social, político, econômico e cultural. O conhecimento produzido pelo especialista, sem passar pela prática, chega ao educador como um conhecimento produzido e legitimado por outro: a experiência docente é o espaço gerador e produtor de conhecimentos, na medida em que Ghedin (2002, p. 135) afirma.

“Fundar e fundamentar o saber docente na práxis (ação-reflexão-ação) é romper com o

“modelo tecnicista mecânico” da tradicional divisão do trabalho e impor um novo paradigma epistemológico capaz de emancipar e “autorizar” não só ao educador, mas olhando-se em si à própria autonomia, possibilitar a autentica emancipação dos educandos, não sendo mais um agente formador de mão-de-obra para o mercado, mas, o arquiteto da nova sociedade, livre e consiente do seu projeto político.” (p. 35)

O autor considera que professor deveria ter como ponto de partida os conceitos intuitivos e os conhecimentos que os alunos trazem da sua experiência de vida para o cotidiano na sala de aula, reconhecendo e compreendendo os conceitos que estão sendo, gradativamente, construídos, sistematizando-os com referência teórica articulada a manifestação de saberes, expressa pelos alunos nos diferentes níveis de evolução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre a identidade profissional do educador é um ponto de grande relevância para os questionamentos que envolvem a educação, uma vez que ser professor é interagir com o outro e com o meio no qual está inserido, produzindo e transmitindo de uma forma dinâmica os saberes na educação. Saberes estes que são narrados e discursados através das histórias de vida das professoras entrevistadas, permitindo confrontar as histórias e responder as questões que permeiam as trajetórias de vida pessoal e profissional e as indagações propostas acerca da qualificação e formação desses profissionais que influenciam na construção de sua identidade docente.

Todas as mudanças sociais ocorridas nos últimos tempos também influenciam a vida pessoal e profissional dos professores, colocando-os novos desafios.

No âmbito desse contexto os elementos contemplados na pesquisa consistiram em conhecer a realidade social do educador e os caminhos evolutivos na construção das identidades profissionais de 8 (oito) professoras da escola pertencente a Rede Municipal de Ensino da Cidade de Araripina-PE, que atende crianças do ensino fundamental I, cuja equipe técnica é formada por gestor, vice gestor, assistente de direção, coordenador pedagógico e professores.

A escolha pela instituição em questão se deu pela facilidade de acesso e por desenvolver um projeto político pedagógico voltado para a realidade social da comunidade escolar, com atividades pertinentes às políticas públicas e curriculares para esse segmento educacional. O único critério por mim estabelecido foi que a escola deveria ser da Rede Municipal de Araripina-PE e deveria ofertar o ensino fundamental I do 1º e 2º ciclos.

Procedemos a um levantamento do número de professores na escola selecionada levando em consideração o tempo de serviço letivo na Rede Municipal de Ensino e a existência de professores em todas as fases de experiência profissional. Logo em seguida foram esclarecidos quanto aos objetivos da pesquisa e a confirmação da sua participação, procedemos com a entrevista cujas perguntas visam uma primeira aproximação com a questão das histórias de vida. Consistindo em uma entrevista semi-estruturada, onde todas as falas foram gravadas e foi assinada uma carta convite comprovando a participação de forma espontânea.

A conclusão desta pesquisa está baseada em análises e discussões dos resultados:

Com relação ao sexo prevaleceu o feminino, uma faixa etária que variou de 41 a 60 anos e prevalência entre os docentes de casados e especialistas na área de educação. Foi

observado entre os discursos das entrevistadas um conhecimento bastante pertinente sobre o tema em estudo “A construção de Identidades profissionais docentes: Relatos de Histórias de Vida”, além de uma boa formação para atuarem no ensino e um tempo de serviço que variou de 6 a 20 anos de experiência profissional. Neste sentido, Castells (2008) afirma que a construção da identidade é “a fonte de significado e experiência de um povo” (p. 22).

Sendo assim, o indivíduo interage todo momento com o meio do qual está inserido, encontrando respostas para suas potencialidades e fraquezas, com o objetivo de investimento no seu crescimento e mudanças sejam elas profissionais e/ou pessoais.

Deste modo, o eu pessoal e profissional docente são construídos de forma progressiva mediante suas vivências na sociedade e suas escolhas profissionais. Investigamos inicialmente alguns aspectos gerais do docente e de sua profissão, buscando a compreensão da construção de suas identidades profissionais baseados nas histórias de vidas.

Em relação à formação discursiva “trajetórias de vida”, muitos dos entrevistados passaram por dificuldades financeiras durante a infância e adolescência, além de problemas de convivência entre os familiares. Com relação à sociabilidade, a maioria dos entrevistados tem dificuldades em conquistar novas amizades, e apontam que o fato se deve às duplas jornadas de trabalho, sobrando pouco tempo para o convívio e lazer. Contudo, muitos dos acontecimentos acabaram influenciando na identidade pessoal e posteriormente na formação da identidade profissional. Diante do exposto podemos concluir que a construção da identidade passa por um processo complexo que envolve sua história de vida seja ela pessoal ou profissional. Contudo, segundo Nóvoa (1995), o processo de construção do eu pessoal e profissional necessita de tempo para refazer identidades e assimilar mudanças.

A identidade docente foi outra formação discursiva que demonstrou através dos depoimentos que muitas das entrevistadas ingressaram na rede municipal de ensino através de concurso público, e acreditam que a vida pessoal influencie na vida profissional uma vez que levam muito de sua forma de ser para o trabalho.

No que diz respeito à formação discursiva “profissão docente”, os entrevistados afirmam a necessidade da valorização da educação na vida social, vista como mudanças significativas em sua trajetória o crescimento e amadurecimento profissional como ponto importante a ser mencionado, além da busca por novos conhecimentos. Os professores entrevistados acreditam que o investimento pessoal reflita de alguma forma em sua vida profissional uma vez que só investir em novos conhecimentos contribui para o aperfeiçoamento e desenvolvimento do docente, nas suas mais variadas vertentes e dimensões

pessoal e profissional. Estes investimentos estão em leitura, revistas, cursos de extensão e especialização sempre em busca por novos conhecimentos. Diante do exposto, a formação continuada é vista pelas entrevistadas de má qualidade, com palestrantes sem qualificação e o conteúdo muitas vezes não atinge as expectativas e necessidades dos docentes.

Podemos concluir com base no objetivo geral que as histórias de vida das entrevistadas remetem através dos seus discursos suas lembranças e como se deu o processo de construção das identidades pessoais e profissionais. Demonstrando que o docente é um indivíduo inserido numa sociedade heterogênea e complexa, construindo suas identidades pessoais e profissionais através da interação com o social como um ser plural e reflexivo e da relação com o seu próximo remetendo assim, a construção da sua própria identidade.

Acreditamos que é necessário refletirmos sobre o ofício docente, colocando em pauta nesta reflexão o tempo de mudanças em que estamos, ressaltando a fase da carreira em que o professor se encontra, as relações entre os profissionais docentes e o percurso profissional de cada professor.

Em uma reflexão de conclusão fica evidente que a criatividade docente voltada para a inovação, pode ser uma forma muito eficaz para mudanças, transformações, que os professores podem realizar, alargando fronteiras do convencional, introduzindo ou combinando novos fatores na prática docente.

Assim também percebemos que a identidade e formação docente ao longo de toda trajetória de vida são referências para o entendimento e influência da prática pedagógica efetivada cotidianamente no âmbito escolar, contribuindo para a ampliação dos conhecimentos que versam sobre o tema proposto “Histórias de vida: A concepção dos professores acerca da profissionalização docente”.

Compreendendo que não há pesquisas completas, recomenda-se a consideração desta em estudos acadêmicos futuros, debates, como em quaisquer atividades ligadas à área educacional que envolva o tema proposto, trazendo assim novos conhecimentos em torno do mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, J.S. **As lutas femininas por educação, igualdade e cidadania**. Revista Brasileira. de Est. pedag, Brasília, v.81, n.197, p.5-13, 2000.
- _____. **O ciclo de vida profissional dos professores**. In NÓVOA. A. (ed.). *Vidas* 1985. Acesso em 19 de fev.2010.
- BAUMAN, Zygmunt, 1925- **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi; tradução, Carlos Alberto Medeiros.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar., 2005.
- Vida de Professores**. Porto: Porto Editora, 1992. p.31- 61. de vie de l'enseignant secondaire. *Les Sciences de l'Éducation*, n. 3, p. 3- 14, des Sciences de l'Education (54), Université de Genève, 1989. Disponível em: http://www.tvebrasil.com.br/salto/entrevistas/antonio_novoa.htm
- BRÁS, J., GONÇALVES, M.. **Os saberes e poderes da reforma de 1905**. Revista Lusófona de Educação, América do Norte, 13, Jul. 2009. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/560>>. Acesso em: 02 Apr. 2014.
- BENITES, L.C, Neto, S.S. **Os saberes docentes e a prática pedagógica nas tendências de ensino da Educação Física**. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006. Disponível: <http://www.efdeportes.com/efd103/docentes.htm> Acesso: 08 Dez, 2013.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n17/a10n17.pdf>>. Acesso em: Mai. 2013.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases**. [S.l.], 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm>. Acesso em: 16 jan. 2013.
- BRZEZINSKI, Iria. **Profissão professor: identidade e profissionalização docente**. Brasília: Plano Editora, 2002.
- BURNIER, S, CRUZ, R.M.R, DURÃES, M.N, PAZ, M.L, SILVA, A.N, SILVA, I.M.M. **Historias de vida de profesores: el caso de la educación profesional**. Rev. Bras. Educ. vol.12 no.35 Rio de Janeiro May/Aug. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782007000200013 Acesso em: 20 Nov. 2013 as 20h 10min.
- CASTELLS, MANUEL. **O poder da identidade – A era da informação: economia, sociedade e cultura**. [S. l.]: Paz e terra S/A, vol. 2, 6. ed., 2008.
- CONCEIÇÃO, C., SOUSA, .. **Ser professor hoje. O que pensam os professores das suas competências**. Revista Lusófona de Educação, América do Norte, 20, aug. 2012. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/2939/2214>>. Acesso em: 28 Mar. 2014.
- COIMBRA, M., MARQUES, A., MARTINS, A.. **Formação e supervisão: o que move os professores?**. Revista Lusófona de Educação, América do Norte, 20, aug. 2012. Disponível em:

<<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/2936>>. Acesso em: 31 Mar. 2014.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais** São Paulo: Atlas, 2001.

DUBAR, Claude. **A Crise das Identidades: A interpretação de uma mutação**. Edições Afrontamento. Porto.PT, 2006.

DUBAR, Claude. **A Socialização: Construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

_____. **A Crise das Identidades. A interpretação de uma mutação**. Porto, Edições Afrontamento, 2006.

_____. **Formação, trabalho e identidades profissionais**. In: CANÁRIO, Rui. (Org.). **Formação e situações de trabalho**. Porto : Porto Editora, 1997.

ESTEVES, L.. Pedro Francisco González (2002). **O movimento da Escola Moderna: um percurso cooperativo na construção da profissão docente e no desenvolvimento da pedagogia escolar**. Porto: Porto Editora. Revista Lusófona de Educação, América do Norte, 9, Jul. 2009. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/649>>. Acesso em: 31 Mar. 2014.

ESTRELA, Maria Teresa; ESTRELA, Albano. **A análise de necessidades na formação de professores**. Porto. Porto Editora, 1993.

FOUCAULT(org.) **Foucault: a critical reader**. New York; Basil Blackwell. 1986

FERNANDES, Cleudemar. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários às práticas educativas**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, M.T.A. **A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora**. Cad. Pesqui. no.116 São Paulo July 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742002000200002&script=sci_arttext Acesso em: 26 Dez, 2011.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

GARCIA, Maria M. Alves, et al. **As identidades docentes como fabricação da docência**. Universidade Federal de Pelotas, São Paulo, v. 31, n.1, p. 45-56, jan./abr. 2005.

GIDDENS, Anthony. **Anthony Giddens e as consequências da modernidade**. [S.l.], 2003. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br>> Acesso em: Mai. 2010.

GODOY, ARILDA S., **Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades**, In Revista de Administração de Empresas, v.35, n.2, Mar./Abr. 1995^a, p.57-63. Pesquisa qualitativa - tipos fundamentais, In Revista de Administração de empresas, v 35, n 3 Mai/Jun. 1995b, p. 20-29.

- GOMES, A. A. **A construção da identidade profissional do professor: uma análise de egressos do curso de Pedagogia.** VI CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 2006. Disponível: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/590.pdf>> Acesso: 20 fev. 2011.
- GONÇALVES, Nadia G.; GONÇALVES, Sandro A. **Pierre Bourdieu: educação para além da reprodução.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- GONÇALVES, José Alberto M. **A carreira das professoras do ensino primário.** In: NÓVOA, A (Org.). **Vidas de professores.** Portugal, 1995, p 141-169.
- GONZAGA, Amarildo Menezes. **A Pesquisa em Educação: um desenho metodológico centrado na abordagem qualitativa.** In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. (Orgs.). **Pesquisa em educação.** São Paulo: Loyola, 2006.
- GOODSON, Ivor F. **Dar voz ao Professor: As histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional** In: NÓVOA, A (Org.). **Vidas de professores.** Portugal, 1995, p 63-78.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOLLY, M.L Investigando a vida Profissional dos Professores: Diários Bibliográficos. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores.** Porto: Porto Editora, 2ª edição. 1995 b.
- HUBERMAN, Michael. **Tendências gerais do ciclo da vida dos professores.** In: Nóvoa, Antonio (Org.). **Vida de professores.** Portugal: Porto, 1999.
- HUBERMAN.M. **O Ciclo de vida Profissional dos Professores.** In: NÓVOA, A (Org.). **Vidas de professores.** Portugal, 1995, p. 31-61.
- LAVILLE, Christian; Dionne, Jean (1999). **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** (Tradução de Heloísa Monteiro e Francisco Settineri). Porto Alegre: Artes Médicas; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. ISBN 978-85-7307-489-5.
- LAWN, M. **Os Professores e a Fabricação de Identidades.** Currículo sem Fronteiras, v.1, n.2, p. 117-130, Jul/Dez 2001. Disponível: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol1iss2articles/lawn.pdf>> Acesso: 20 fev. 2011.
- _____. Os professores e a fabricação de identidades. In: NÓVOA, Antonio & SCHRIEWER, Jürgen. (Orgs.). **A difusão mundial da escola.** Lisboa: Educa, p. 69-84, 2000.
- LELIS, I. **A construção social da profissão docente no Brasil: uma rede de histórias.** In: TARDIF, M, LESSARD, C (Org). O ofício de professor. Petrópoles-RJ, Editora Vozes, 2008.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências educacionais e profissão docente.** São Paulo: Editora Cortez, 2ª edição, 2001.
- LOPES, A. **A construção de identidades docentes como constructo de estrutura e dinâmica sistémicas: argumentação e virtualidades teóricas e práticas.** Revista de currículo e formação do professor. Portugal: Universidade de Porto, 2008.

Disponível em: <<http://www.ugr.es/~recfpro/rev113COL1port.pdf>> Acesso em: 20 fev. 2011..

LÜDKE, M; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986

MARCELO GARCÍA, C. **Estudio sobre estrategias de inserción profesional en Europa**. *Revista iberoamericana de educación*, n.19 jan/abr 1999. Acesso: [www. campus-oei.org/oeivirt/rie19a03.htm](http://www.campus-oei.org/oeivirt/rie19a03.htm), 20/12/2013

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MINAYO, M. C. S. – 1992/1994) **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec/ABRASCO.

MONTEIRO, A.M.F. Professores entre saberes e práticas. *Educação e Sociedade*. v. 22, n. 74. Campinas, abr. 2001. Acesso: [www. scielo.br](http://www.scielo.br), 17/01/2004.

MOITA, Maria da Conceição. **Percursos de formação e de trans-formação**. In: NÓVOA, A (Org.). **Vidas de Professores**. Portugal: Porto, 1995, p. 111-140.

MORAES, Elizabeth Silvia (Org). **Currículo e formação docente: um diálogo interdisciplinar**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

NÓVOA, António. **Os professores e o “novo” espaço público da educação**. In: TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude (Orgs.). **O ofício de professor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p.217-233.

NÓVOA, António. **Os professores e as histórias da sua vida**. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2ª edição 1995 p. 11–30

_____. **Os Professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas**. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 25, n. 1, jan./jun.1999. Disponível em:<<http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Scheme/Vol02Num03Editorial.pdf>> Acesso em: 02 abr. de 2011.

_____. **Os professores e as histórias da sua vida**. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2000. p. 11–30

NÓVOA, António. **O professor pesquisador e reflexivo (2001)**. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/entrevistas/antonio_novoa.htm> Acesso em 19 de fev. 2010.

NUNES, Célia Maria Fernandes. **Saberes Docentes e Formação de Professores: um breve panorama da pesquisa brasileira**. *Revista Educação & Sociedade*, São Paulo, ano XXII, n. 74, p.27-42, abr. 2001.

OLIVEIRA, Z. M. R.; et al. **Construção da identidade docente: relatos de educadores de educação infantil**. *Cadernos de Pesquisa*., São Paulo, v.36, n. 129, p. 547-571, sept./dec. 2006. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n129/a0336129.pdf> > Acesso: 20 fev. 2011.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios & procedimentos**. 6 ed. São Paulo: Pontes, 2005.

_____. **Análise do Discurso: princípios & procedimentos**. São Paulo: Pontes, 1999.

- PACHECO, José Augusto de Brito. **Formação de Professores: teoria e prática**. Braga: Universidade do Minho, mai. 1995.
- PEREIRA, A., SIMON, A., MORAIS, A., LOPES, C., DINIZ, D., SOARES, G., PALMA, H., NASCIMENTO, L., MARTINS, M., REITZ, M., DIAS, M., SANTOS, M., CICHOSKI, M., GONÇALVES, M., MORGADO, N., SOUZA, N., LEITE, O., BORGES, P., VIEGAS, P., ANDRADE, W.. Dissertações de Mestrado. Revista Lusófona de Educação, América do Norte, 6, Oct. 2009. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/856>>. Acesso em: 01 Mar. 2014.
- PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente**. São Paulo: Cortez, 1999.
- PIMENTA, Selma Garrido; GUEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um processo**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- QUEIROZ, M.I. **Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”**. In: VON SIMSON (Org.) **Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, 1988.
- QUEIROZ, C.M. **Configuração teórica da Análise do Discurso (AD) de linha francesa**. Webartigos.com, 2009. Disponível: <http://www.webartigos.com/artigos/configuracao-teorica-da-analise-do-discurso-ad-de-linha-francesa/17917/> Acesso: 08 Dez, 2011.
- SERRANO, Gloria Perez. **Investigación cualitativa**. Retos e Interrogante: Técnicas y análisis de datos. Madrid, La Muralla, 1998.
- SETTON, M.G.J. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea**. Revista Brasileira de Educação, maio/jun/jul/ago n 20, 2002.
- SILVA, Jocileia. I.P. **A docência e seus conflitos**. Web artigos, 2011. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/58985/1/A-docencia-e-seus-conflitos/pagina1.html>>
- Acesso: 02 abr de 2011 as 16h.
- SILVA, Eliane. P, CHAKUR, Cilene. R. S. L. **A Tomada de Consciência da Crise de Identidade Profissional em Professores do Ensino Fundamental**. Revista eletrônica de psicologia e epistemologia genéticas, vol. 2, n. 3 – Jan-Jul/2009. Disponível em: <<http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Scheme/Vol02Num03Editorial.pdf>> Acesso: 02 abr 2011 as 16h: 22min
- SILVA, Fernando. M. F. R.; LOPES, Amélia. **Saberes Profissionais e Identidades dos Professores de Economia: reflexões exploratórias**. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009. Disponível: <<http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/congreso/Xcongreso/pdfs/t4/t4c115.pdf>> Acesso: 20 fev. 2011.
- SOUZA, E.R. **No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. Cad. Pagu no.17-18 Campinas 2002.

- SOUZA, M.A. **Prática Pedagógica: Conceito, Características E Inquietações**. Iv Encontro Ibero-Americano De Coletivos Escolares e Redes de Professores que fazem investigação na sua escola. Universidade Tuiuti Do Paraná, 2004.
- SPINDOLA, T; SANTOS, R.S. **Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?)**. Rev Esc Enferm USP 2003; 37(2):119 26.Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v37n2/14.pdf> Acesso em 08 Dez, 2011.
- TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O Ofício de Professor. História, perspectivas e desafios internacionais**. 3 ed. Editora Vozes, 2009.
- _____. **O Trabalho Docente . Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.
- _____. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.
- TAVARES, D. **Escola e identidade profissional: o caso dos técnicos de cardiopneumologia**. Lisboa, Portugal, Sísifo / Revista de Ciencias da Educação, n . 6, mai / ago 2008. Disponível em: <<http://sisifo.fpce.ul.pt/?r=18&p=97>> Acesso em: 20 fev. 2011.
- TEODORO, António (Org.) **Educar, promover, emancipar**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2001.
- VALLE, Ione Ribeiro. **Da “identidade vocacional” à “identidade profissional”: a construção de um corpo docente unificado**. Perspectiva, Florianópolis, v.20, n. Especial, p.209-230, jul./dez.2002.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Profissão Docente: novos sentidos, novas perspectivas**. São Paulo, Papirus. 2008.
- WACQUANT, L. Esclarecer o Habittus. **EDUCAÇÃO & LINGUAGEM ANO 10, n. 16, p. 63-71, jul-dez. 2007.**
- ZABALZA, A. *Diários de aula*. Porto: Porto Editora, 1994.

APÊNDICES

APÊNDICE 1



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO Pesquisador: Ana Rachel Cantarelli

GUIÃO DE ENTREVISTA

Prezado entrevistado:

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo compreender a concepção do professor e sua vida docente baseado nas histórias de vidas e identidade do profissional. Não há respostas corretas ou incorretas, no entanto, faz-se necessária franqueza absoluta nas respostas para que possamos obter resultados significativos. Os dados serão mantidos em sigilo e somente utilizados nesta pesquisa.

Agradecemos desde já sua atenção e participação.

Q1. Identificação do Entrevistado:

- Idade
- Gênero
- Tempo de formação
- Tempo de atuação
- Curso de graduação
- Série/ano que atua

Q2. Conhecimento acerca da profissão docente

* Quando iniciou sua vida profissional ?

* Em que momento da sua vida se percebeu professor?

- Fale sobre a sua trajetória de aprendizagem na vida docente.

Q3. Informações acerca da formação e história de vida

Fale um pouco da sua vida escolar ainda como aluno(a). Como você se percebia com relação ao professor?

Ao relacionamento e estímulo da família?

- Qual a influencia da sua graduação no atual campo de trabalho?
- Você teve formação específica para atuar nesta função?

Q4. Atribuições na escola

- Quais são as atribuições da sua função?
- Quais as principais dificuldades no exercício da sua função?

Q5. Competências relacionadas ao cargo

- Quais as competências necessárias para exercer a sua função?
- Como seria a trajetória apropriada para formação na sua função? O que mudaria?
- Qual a sua interação com relação ao desestímulo na vida docente, como convive com isso?

Q6. Questões identitárias

Fale um pouco da sua infância, sua trajetória de vida

- Como você se vê hoje? Um bom profissional?
- Sente-se empolgado pela educação, pela docência?
- Qual foi o seu melhor momento na sua trajetória de professor? Fale sobre ele, como se sentiu...
- E qual o pior... ou piores... pensou em desistir alguma vez? Como se sentiu?
- Você acha que a presença do professor na sociedade hoje, está sendo enxergada de forma diferente? A que atribui esse novo olhar?
- Descreva como você se percebe em relação aos outros colegas de profissão? Em outras etapas de vida docente...
- Como você percebe o olhar do professor acerca das suas atribuições?
- O que diria a quem está iniciando na profissão docente?

APÊNDICE 2



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Pesquisador: Ana Rachel Pires Cantarelli Santos

CARTA-CONVITE E TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS PROFESSORES

Prezado Professor,

Vimos por meio desta, convidar-lhe a colaborar da presente pesquisa, através de três observações que serão realizadas em dia e horário pré-agendados. Tudo o que for dito, registrado ou escrito será utilizado para fins científicos, assegurando seu anonimato. O objetivo geral desta é compreender a concepção do professor e sua vida docente baseado nas histórias de vidas e identidade do profissional.

Consentindo a presença em sua sala de aula, qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento, poderá entrar em contato com pesquisador, residente na Rua Lídio Marinho Muniz Falcão, Araripina-PE, pelos telefones (87) 9912-5949 / ou pelo e-mail rachel.cantarelli@gmail.com. Desta forma, agradecemos antecipadamente a colaboração neste estudo. Ressaltamos que os resultados gerais obtidos através da presente pesquisa lhe serão enviados oportunamente, através de correio eletrônico. Não haverá riscos, nem desconfortos, nem custos de qualquer natureza, nem receberá pagamento nem gratificações pela sua participação. Poderá interromper sua participação a qualquer momento sem qualquer penalização ou prejuízo.

Caso esteja de acordo em participar da pesquisa, gostaria que assinasse o presente documento em duas vias de igual conteúdo e forma, ficando uma em minha posse.

Araripina, ____ de _____ de 2013.

Ana Rachel Pires Cantarelli Santos
Pesquisador Responsável

Professor

E-mail

APÊNDICE 3

TRANSCRIÇÕES.

ENTREVISTA 1

Eu- Prezado entrevistado; essa entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo compreender a concepção do professor e sua vida docente baseado nas histórias de vidas e identidade do profissional. Não há respostas corretas ou incorretas, no entanto faz-se necessária franqueza absoluta nas respostas para que possamos obter resultados significativos. Os dados serão mantidos em sigilo e somente utilizados nesta pesquisa. Eu sou Ana Rachel Pires Cantarelli Santos, pesquiso sobre as HISTÓRIAS DE VIDA: A CONCEPÇÃO DO PROFESSOR ACERCA DA PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE.

Agradecemos desde já sua atenção e participação.

Eu- Identificando o entrevistado. Qual é sua idade?

Heliúda- 29 anos

Eu- sexo?

Heliúda- feminino

Eu- tempo de formação?

H- 6 anos

EU- tempo de atuação na profissão?

H- 6 anos também.

Eu- Curso de atuação?

H- letras.

Eu- série em que atua?

H- quinto ano.

Eu- Agora nós vamos conversar um pouco sobre os seus conhecimentos acerca da profissão docente. Quando iniciou sua vida profissional

H- Em 2008, após a minha formação eu já comecei trabalhando já.

Eu- Em que momento da sua vida você se percebeu professor?

H-È... quando eu comecei a cursar o ensino médio, por eu ter uma irmã que também é professora inclusive formada na mesma área que eu. Ela foi de certa forma me induzindo a gostar daquilo também, pelo fato de ela ter sido minha professora... Eu fui vendo a paixão com que ela trabalhava... e gostei me identifiquei, gosto de falar, gosto de me expressar e a partir daquele momento eu decidi que eu iria me formar em professora.

Eu- Muito bem... Fale um pouco da sua vida escolar, ainda como aluna. Como se percebia em relação ao seu professor existia alguma admiração?

H- Existia, como todo aluno, sempre tem aqueles professores que você gosta mais, e aqueles que você gosta menos né? Tinha uma admiração maior pelos professores de língua portuguesa. Porque desde então eu começava a perceber que eu tinha um... não era domínio, mas um maior identificação pela língua portuguesa, gostava, gosto dos tramites do vai e vem de como pode ser feito... de essa letra tem que ser colocada em tal lugar e se não for assim a frase fica incorreta... eu gosto de...

Eu- Desse processo?

H- Desse processo da língua portuguesa.

Eu- Ok. Com relação ao relacionamento da sua família veio algum estímulo para docência?

H- Veio como eu citei anteriormente né, meu estímulo foi... é minha irmã que ainda é professora nos tempos atuais.

Eu- E qual é a influencia da sua graduação no seu atual campo de trabalho? Você se encontra?

H assim é... como eu sou formada em letras, mas eu sou professora como chamam polivalente eu ensino em todas as disciplinas...

Eu- das séries iniciais?

H- Isso das séries iniciais.

Eu- Mas você teve uma formação específica para atuar nessa função? Na polivalente?

H- Específica não, é porque o que eles chamam de específica é o magistério né?

Eu-Isso.

H E Eu não fiz magistério, eu cursei científico.

Eu-ok.

Eu- È... E quais são as atribuições do professor? Ele é só professor?

H- (risos) não na escola em que eu ensino, lá eu não sou só professora, por ser uma escola da zona rural, uma escola pequena, não existe diretor, não existe um coordenador fixo e não existe secretaria, então lá a gente faz mais que ser professor... a gente também faz outras funções, a gente também tem outras funções, tanto eu como os outros professores também.

Eu- certo.

Eu- E quais são as principais dificuldades no exercício da sua função?

H- Ah... as principais dificuldades eu acho que é conseguir trazer os pais pra o contexto que a gente vive hoje, por que você pegar um pai que não é alfabetizado letrado... é complicado de explicar pra ele qual é o objetivo principal do meu filho estar ali estudando... O que que aquilo vai mudar na vida dele. Essa pra mim, é a parte mais difícil, é trazer os pais pra junto da escola, pra junto da sala de aula.

Porque hoje em dia se Vê... O que é que se tem mais hoje? Só pai que só cobra os resultados... mas esses pais não se importam de como seus filhos estão vivenciando aquilo em sala de aula, vivenciando o dia-a-dia, vivenciando as disciplinas diárias, os conteúdos diários... não se preocupam com isso: se o filho se dar melhor em matemática ou em português, eles não estão preocupados com isso, eles querem os resultado final. Não interessa se o filho foi melhor em português ou matemática... se tem que melhorar mais em ciência ou geografia, então pra mim essa é sim a maior dificuldade, trazer os pais pra junto.

Eu- E você atribui essa dificuldade ao não conhecimento dos pais com relação a importancia da educação...?

H- é. Com certeza, não existe, existe assim, eles dão importância, mas dão importância assim, sem identificar qual foi o foco principal mesmo. Ele dão importância assim: “Eu quero que meu filho tenha uma vida melhor”, mais trilhando que caminho? Entendeu? Eles não identificam que nessa trilha existe outros porém, outros obstáculos, não é só colocar o menino na escola. Existe, se o menino está realmente aprendendo... se está existindo aprendizado... se o professor está realmente contribuindo pra aquela criança, então por conta desse não entendimento aprofundado do que é educação, então essa é a maior dificuldade.

Eu- Ok

Eu- E com relação as competências relacionadas ao cargo: Quais são as competências necessárias para exercer a sua função? O que você acha que o professor tem que ter para ser realmente professor?

H- primeiramente amor, é a primeira coisa. Por que a capacitação... o curso... a sua graduação e sua pós-graduação você vai correndo atrás... Mas se você não tiver amor, por ser professor, você não entendeu o que é que significa ser professor... não adianta você ter graduação... pós-graduação... não adianta você se especializar em nada. Se você não entregar a alma praquilo não adianta.

Eu- E como seria a trajetória apropriada pra formação na sua função?

H- A trajetória,

Eu- sim... assim o que mudaria? Como seria a trajetória apropriada o professor devia ver mais algo sobre afetividade.

H- Eu acho que primeiro você tem que realmente se identificar, não dizer assim, “vou ser professor por que só tenho isso” você deve entender assim “Eu quero ser professor, por que eu quero ser um, não é um divisor, mas eu quero ser um multiplicador de conhecimentos, eu quero viver novas experiências, eu quero tá ali na frente tendo e sendo vista como uma pessoa importante por que o aluno ele lhe vê dessa forma... e você primeiro ter certeza do que você quer, segundo: se capacitar para isso né... E eu acho assim, que se você no ato do trabalho vê que não se identifica com aquilo, por favor pare! Por que vai estar só... é...

Eu- atrapalhando a vida dos alunos?

H- é... você não vai estar gravado na memória da vida dos alunos, como eu tenho alguns professores... vão ser professores que vai lhe... vai desestimular o aluno... e o aluno vai dizer... Deus me livre de ser professora, por conta da sua postura, então se você não gosta do faz... muda, muda sua trajetória

Eu- qual sua interação com relação ao desestímulo na vida docente? Como convive com isso?

H- minha interação com relação ao desestímulo...?

Eu- Como você atua quando se sente assim... um pouco desestimulada? Com as consequências do dia-a-dia... com a não valorização... como você convive com isso?

H- Francamente... eu pendo em alguns alunos que eu tenho, eu pendo em alguns alunos que... a forma e que eles estão ali todos os dias... você vê que eles querem aprender, você vê que eles lhe tratam como uma peça importante na vida deles... Então quando eu penso que é pouco... Francamente, eu não penso em desistir, eu posso até, como diz a história mudar de área mais nessa outra área eu também queria ensinar.

Eu- mas você se sente por vezes desestimulada?

H- Algumas vezes o sistema em si, muitas vezes lhe desestimula, eu não sou a favor a alguns sistemas de aprovação e reprovação, eu não sou de acordo, e isso, as vezes me desestimula, por que você sabe que aquilo... Você que vive na sala de aula com o aluno e as vezes você vê ali no dia-a-dia que aquele aluno não se encontra em condições... E você ser obrigada a passar(aprovar) o aluno, botar o aluno para uma série seguinte, que você sabe que aquele aluno vai ter um prejuízo futuro. Então mais por conta do sistema você tem que mandar ele pra série seguinte, e isso me deixa um pouco desgostosa, mas aí eu penso em alguns alunos meus e aí eu volto a ter aquela força de vontade.

Eu- Fale um pouco da sua infância, a sua trajetória de vida, como você se vê hoje?

H- Levando em consideração da onde eu sai, é eu me vejo hoje uma vencedora, por que, para alguns pode não significar nada, mas pra mim o status de um menino passar e disser assim” professora! Olha ali a minha professora, eu gosto da minha professora”, pra mim eu me sinto

vencedora, levando em consideração o tanto de obstáculo que eu tive pra chegar aonde eu cheguei.

Eu- Fale um pouco da sua infância:

H- uma infância difícil a minha, eu não fui, não tive... não fui uma criança criada com regalias, ao contrário, eu fui uma criança criada com muita dificuldade, dificuldade mesma financeira da minha família, eu sou como o povo chama, eu sou a rapa do tacho, eu já peguei uma fase muito difícil e fui uma criança que não tive minha mãe presente, fui criada só pelo meu pai, e... meu estudo sempre foi em escola pública, sempre estudei em escola pública, é... mais... sempre me empenhando pra passar de ano... pra... eu sabia que ali estava a minha segurança de vida futura, eu sabia que eu dependia daquilo, e que eu dependia só de mim, pra poder eu conseguir chegar aonde eu cheguei.

Eu- Certo. Você sente-se empolgada por a docência, pela educação?

H-Como eu falei em uma pergunta anterior, é... me sinto empolgada em partes... em outras partes não... as vezes desestimula. Algumas coisas desestimulam, a gestão... uma escola que você está que o convívio com os outros colegas não é bom... não lhe satisfaz e algumas pequenas coisas que você não se empolga tanto, mas no geral, no contexto geral é mais empolgação do que não empolgação.

Eu- Qual foi o seu melhor momento na sua trajetória de professora? Fale um pouco sobre ele, como se sentiu?

H- Meu melhor momento com certeza foi quando eu fui aprovada no concurso (risos) ali pra mim foi o prego batido do que eu realmente queria, até porque um ano antes eu parei, parei assim: foquei mais em estudar com o objetivo de eu vou passar naquele concurso, só depende de mim, então o meu melhor momento foi sim com certeza quando eu passei no concurso público.

Eu- E qual o pior, ou piores? Pensou em desistir alguma vez? Como se sentiu.

H- O pior momento da minha trajetória de professor... meu pior momento foi quando, eu tive que... lhe dar com dois alunos complicados socialmente, que quando eu fui entrar na sala de aula, as pessoas e os outros professores disseram que eu fosse com cuidado... que era uma turma muito complicada, que tem dois meninos assim... assim... assim... difíceis, bem difíceis.

Eu- seria atitudes violentas?

H- Isso com atitudes violentas que todo professor que chegava eles faziam jeito de botar pra fora, que ou era do jeito que eles queriam ou não era de jeito nenhum, foi o pior momento, mas em contrapartida...

Eu- Como você se sentiu nesse momento?

H- nesse momento eu me senti fragilizada... aquela que comigo vai ser igual?

Eu- Você estava recebendo uma bagagem sócio-afetiva e emocional que já vinha de casa em um processo avançado sem educação...

H- Isso e era considerado uma turma difícil, e com ênfase nesses dois alunos que colocava todo professor pra correr, então a minha situação foi complicada de chegar ali e eu não sou uma pessoa grande de tamanho mesmo... de tamanho sou baixa, magra, então as vezes isso pode lhe parecer frágil né... mais aí de contrapartida eu conquistei esses alunos, daí outros professores me perguntaram o que foi que eu fiz pra que essa turma gostasse tanto de mim?

Eu- essa conquista foi baseada no respeito? Você plantou afetividade também pra esses alunos.

H- é, primeiro eu cheguei mostrando pra eles que eu não estava ali pra competir com eles, eu

estava ali para dividir o conhecimento com eles, eu lembro bem que essa foi minha primeira frase, e em segundo eu era uma pessoa que eu iria respeitá-los então eu gostaria que me tivessem respeito também... e que eu estava ali para ser professora amiga deles... e disse que eles poderiam contar comigo com relação a sala de aula... então aí eu acho que eles foram me olhando de maneira diferente e viram que eu poderia ser mais amiga, do que uma inimiga deles se assim eles consideravam os outros, que eu não sei.

Eu- Você acha que a presença do professor na sociedade hoje, está sendo enxergada de forma diferente?

H- Francamente eu acho que não. Eu acho que antigamente era muito mais valorizado a presença do professor, antigamente assim contam os mais velhos que quando você dizia que era professor você era basicamente... era a mesma coisa de dizer que era um coronel na época... mas hoje em dia eu não vejo dessa forma... não vejo...

Eu- então a presença do professor na sociedade hoje ta sendo diferenciada por antes era mais respeitosa?

H- sim, hoje o respeito não é tanto quanto antigamente... e não é como deveria ser...

Eu- A quem você atribui esse olhar, por que hoje é enxergado, é o professor é enxergado desse jeito... você atribuiria a quem essa mudança?

H- Olhe a minha concepção de acordo com o meu ponto de vista, como já disse o professor hoje não tem mais total autonomia de aprovar e reprovar o aluno em todas as disciplinas como era antigamente, então as vezes o aluno... ele não se compromete naquele ano letivo e tem outros que se comprometem... e no final do ano você dizer que tanto faz A ou B passou... aquele aluno que se comprometeu, ele não vai valorizar o ensino e automaticamente ele não vai valorizar o professor. Eu atribuo ao sistema.

Eu- ao sistema educacional atual?

H- ao sistema educacional atual... e também eu atribuo também um pouco a parte social...é isso.

Eu- Existe a distorção de valores na sociedade em que os pais não conseguem mais ter o respeito como deveria dos seus filhos...

H- isso também por conta dessa distorção, hoje se você fizer um levantamento a maioria dos pais... é de dez pais três conseguem assinar o seu próprio nome e assim não conseguem ajudar seu filho no para casa... numa tarefa de casa em que o professor passe para casa. Então isso de certa forma atinge a desvalorização, por uma coisa sou chegar e dizer para a minha filha vamos olhar as tarefas de casa e sentar com ela e fazer, então ela já cresce... ela já visualiza ali uma preocupação da minha parte de eu é importante pra ela e de que eu respeito o que o professor mandou para casa... porque se o professor mandou é porque precisa ser feita... porque vai ser importante para você, pelo menos assim que eu repasso para minha filha. Ah o professor mandou para casa, então vamos fazer, se a professora mandou é porque precisa ser feito. Então como não existe esse acompanhamento e por conta do sistema educacional... o professor não é visto mais hoje em dia como era visto antigamente.

Eu- Descreva como você se percebe em relação aos outros colegas da profissão... em outras etapas da vida docente. Como você se percebe com relação a esses companheiros de trabalho?

H- Olhe é muito difícil falar da gente principalmente quando você vai ter que se comparar a alguém, mas assim na maioria, aos professores que eu tenho acesso, que eu convivo, até eu sou tachada como professora metida entre aspas, a certinha, eu me considero compromissada com aquilo que eu me propus a fazer, é assim que eu me considero. Mas é isso eu tenho compromisso, e por outras pessoas eu sou tachada assim a certinha...

Eu- e essas outras pessoas seriam as que tem mesmo compromisso?

H- assim, na minha concepção eu não considero como menos compromisso, considero assim, deixa passar determinadas coisas, que assim...

Eu- faz vista grossa para determinadas coisas

H- isso, tem uma coisa pra fazer, pra preencher, aí eu preencho depois... tem passar agora a situação didática... aí não eu passo na outra semana... então, porque um professor, infelizmente ou felizmente. Felizmente pra uns ou infelizmente pra outros não é só sala de aula, tem as questões burocráticas pós sala de aula, e que eu vejo que muito não se comprometem, não se... deixa pra depois, deixa passar... pega carona... esse tipo de coisa que eu costumo assim, o máximo que eu posso fazer é solicitar uma ajuda, eu posso chegar para um colega meu e... ô estou precisando de ajuda em tal e tal coisa, em tal momento no diário, tu pode me ajudar? Como é isso? Assim? Assim? Eu pergunto, eu não tenho isso comigo não, pergunto mesmo, eu peço ajuda mesmo, não tenho essa burocracia comigo não.

Eu- O que diria para quem está iniciando na profissão docente?

H- abra seu coração, por que se você pensando em questões financeiras... status... não é por isso. Você tem que realmente de coração, para as coisas boas e para as coisas ruins também. Por que você ensinar num momento bom quando sua turma é maravilhosa e você não tem problemas, tudo beleza. Mas se você pegar uma turma complicada e você não tiver amor por o que você faz... Você vai chegar um momento em que você vai encontrar uma barreira muito grande no caminho, você não vai conseguir é... traçar estratégias pra é... mudar, mudar aquilo, você não vai conseguir se você não tiver amor por o que você faz.

Eu- Em resumo; você gosta de ser professor?

H- demais!!!

Eu- se vê largando a profissão?

H- Como eu falei, eu pendo em fazer outro curso, porque também me identifico com outro curso, mas acho que desse curso vou ser professora do curso.

Eu- qual seria esse outro curso.

H- Eu tenho um sonho, e me vejo fazendo direito, mas também para lecionar na área de direito. Acho interessante, tudo que argumenta... tudo que se pode argumentar instigar... falar do meu ponto de vista... eu estou aí para, eu quero, acho que é por isso que eu não gosto muito das ciências exatas, por que as ciências exatas tem um cálculo correto, tem que chegar ao resultado x, então eu gosto mais das ciências humanas que eu posso trabalhar possibilidades.

Eu- Ok muito obrigado pela entrevista, foi muito importante para minha pesquisa e espero que suas contribuições levem para outros professores, ajudar a compreender a concepção do professor acerca da profissionalização docente.

APÊNDICE 4

TRANSCRIÇÃO

ENTREVISTA 2

Eu- Prezada entrevistada: esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo compreender a concepção do professor e sua vida docente baseado nas histórias de vidas e identidade do profissional. Não respostas corretas ou incorretas, no entanto, faz-se necessário franqueza absoluta nas respostas para que possamos obter resultados significativos. Os dados serão mantidos em sigilo e somente utilizados nesta pesquisa. Eu sou Ana Rachel Pires Cantarelli Santos, pesquiso sobre histórias de vida, a concepções dos professores acerca da profissionalização docente.

Eu- qual sua idade?

B- 30 anos

Eu- Seu nome?

B- Bruna Karine

Eu- tempo de formação?

B- tempo de formação... (?) deixa eu lembrar agora... pausa. Bom vamos lá sete anos de formação mas como professora a quatorze anos.

Eu- Qual seu curso de graduação?

B- História.

Eu- série em que atua?

B- No fundamental 1 segundo ano

Eu- Agora vamos falar dos conhecimentos acerca da sua profissão docente. Quando iniciou sua vida profissional?

B- Nossa, eu tinha 16 anos, iniciei numa escola particular, caí de para-quedas numa sala de infantil II, mas como eu já tinha uma base de conhecimento por conta das aulas de reforço, não tive tanta dificuldade.

Eu- Em que momento da sua vida se percebeu professor?

B-Quando iniciei as aulas de reforço.

EU- fale sobre sua trajetória de aprendizagem na vida docente. À vontade... pode falar à vontade.

B- minha trajetória... iniciei em sala de aula cursando o magistério né... então conclui o magistério, iniciei, dei continuidade com a minha graduação em história, concluindo a graduação, a minha pós em gestão escolar e em psicopedagogia e agora estou na minha complementação em pedagogia, concluindo agora em maio.

Eu- fale um pouco da sua vida escolar, ainda como aluna, como você se percebia com relação ao professor?

B- Uma aprendente contínua, que tanto o professor aprende com aluno, como o aluno aprende com o professor.

Eu- Mas existia uma admiração pelo professor?

B- Com certeza... tanto é que essa paixão de ensinar veio da minha professora da quarta série, Dona Cristina, Cristina Modesto.

Eu- Ao relacionamento e estímulo da família... Houve estímulo da sua família para estar nessa profissão?

B- Era uma paixão do meu pai que eu fosse professora...

Eu- Era mesmo... e ele justificava porque?

B- achava bonito... a profissão de estar repassando o conhecimento.

Eu- Qual a influencia da sua graduação no atual campo de trabalho?

B- A eu me informei em história né... estou na coordenação também de programas e projetos, e nesse, na coordenação dos projetos a gente trabalha também com a questão da história da escola, dos professores, da comunidade em si né... como foi a trajetória daquela comunidade entorno da escola... desde o início da escola até agora o que é que mudou... e hoje a gente não pode chegar na escola e trabalhar com o nosso alunado da mesma forma... com a mesma estrutura do tempo dos nossos avós.

Eu- Você teve formação específica para atuar nessa função?

B- Não como coordenadora de programas e projetos não, também foi como para-quedas, foi um convite...

Eu- e você se identificou?

B- Me identifiquei foi o primeiro que eu fui convidada a coordenar.

Eu- Quais as atribuições da sua função... Como professora?

B- Contribuições como professora... ah acho que são inúmeras né, professor ele é... tem inúmeras atribuições... é pai, é mãe é palhaço, é psicólogo... (risos).

Eu- E quais as principais dificuldades no exercício da sua função?

B- Eu acho que o primeiro é a questão da relação da família, que a família estar deixando grande, a maior parte da responsabilidade o ato de educar para escola, então não tem como... tem a educação doméstica e a educação conteudista... e foi tudo jogado para a escola... então eu creio que essa relação da família com a escola seja a principal, principal problemática.

Eu- Agora falando das competências relacionadas ao cargo, quais as competências necessárias para exercer a sua função, o que o professor deve ter pra ser professor?

B- Eu acho que em primeiro lugar amor, se ele não tiver amor pelo que ele faz né... se ele estiver em uma sala de aula apenas pelo lado financeiro não, ele pode sair de lá! Porque não vai ter resultado, não vai ter proveito né, da mesma forma que é... que a gente enxerga muito hoje em dia, pessoas que, com formação em outras áreas estando em sala de aula educando né... nós temos engenheiros em sala de aula, nós temos até médicos, agora um professor ou outra pessoa, com outra função ela não pode chegar num hospital e realizar uma cirurgia, eu creio que... é isso.

Eu- Com relação a sua formação e sua função, na sua trajetória você mudaria alguma coisa?

B- Repita por favor?

Eu- Como seria a trajetória apropriada pra formação na sua função, o que mudaria com relação a que você teve?

B- Eu creio que a questão da formação dos professores né, por exemplo na graduação que deixa muito a desejar, deveria haver uma maior capacitação desses professores... por que a gente aprende mais fora da sala de aula né, no caso eu como aluna do que a própria profissão.

Eu- Você relaciona isso é, quanto a relação na sua graduação você aprende muito o teórico, ou que falta o teórico?

B- que falta o teórico.

Eu- qual a sua interação com relação ao desestímulo na vida docente? Como convive com isso?

B- ao desestímulo na vida?

Eu- na vida docente, você enquanto professora. Como você convive com esse desestímulo, tanto seu como de seus colegas.

B- é triste a gente ver por que é uma profissão não, que deveria ser tão valorizada e ela não é né... se a gente analisar todas as demais profissões elas passam pelo, pela mão do professor, e é uma profissão que a gente vê que hoje é muito desvalorizada, então a gente encontra muitos colegas que as vezes estão bem desmotivados, nós também as vezes estamos desmotivados né... mas por exemplo, quando chega aquele aluno que no início do ano a gente percebeu que ele tinha uma dificuldade, uma determinada dificuldade e ao término do curso, quando ele evoluiu tanto, estão aquilo ali vale mais do que o nosso próprio salário né...

Eu- Como você se vê hoje um bom profissional?

B- Eu me vejo uma boa profissional...

Eu- Sente empolgada pela educação, pela docência?

B- Com certeza, mais a gente tem que buscar né... é visualizar de outro ângulo, que se a gente for focar a nossa profissão como docente é... destacando toda a problemática que está ao nosso entorno a gente não consegue sair do local que a gente está né... a gente tem que mudar o ângulo e enxergar de uma outra forma, ver as coisas boas que estão acontecendo e que irão acontecer também por que se não...

Eu- Qual foi o seu melhor momento na sua trajetória de professor? Fale sobre ele, como se sentiu?

B- Foi quando eu ministrei aula na educação de jovens e adultos, por que eu vi tantos, tantos idosos, tantas pessoas da terceira idade com aquela fome, aquela ansiedade de aprender e fazendo um paralelo com aqueles adolescentes que estão com todo gás né... e não quer nada com a vida, então aquela fome de aprender insaciável que eles tinham tanto é que muitos deles foram cursar uma faculdade... concluíram a faculdade... e isso pra mim foi belíssimo...

Eu- E qual o pior, ou piores momentos? Pensou em desistir alguma vez? Com se sentiu?

B- pensei em desistir e desisti...(risos)

Eu- sério?

B- sério, quando passei por uma escola particular, que a gente sabe né que a particular ela não valoriza tanto o professor como deveria, ela coloca em primeiro plano a família né... creio que por conta que a família está pagando né para aquela criança estar estudando naquela determinada escola então eles estão em primeiro plano, mesmo o professor estando com razão a escola ela não dá razão ao professor, ela dá razão a família, então isso me tirou o estímulo muito... foi muito assim... foi muito trabalhoso, cansativo estressante e eu pedi pra sair da escola.

Eu- você se sentiu...

B- desmotivada, desvalorizada.

Eu- Você acha que a presença do professor na sociedade hoje está sendo enxergada de forma diferente? A que atribui isso.

B- Já... Já melhorou bastante né... essa, essa valorização do professor na sociedade, mas eu creio que precisa melhorar ainda mais, ele é enxergado como aquela peça chave no ensino-aprendizagem só que, quando a gente se depara com o lado político, eles vão impondo barreiras né... por exemplo a gente vê a educação integral hoje em dia né... deu um avanço muito grande, iniciou na década de trinta continuando na década de cinquenta na década de oitenta... parou retomou agora no ano dois mil, em dois mil e sete, tínhamos a frente uma grande mestra que era Jacqueline Mo e por conta da política né, desses entraves políticos ela

entregou também o cargo, então por conta de perseguições, quando a coisa estar andando aí vem aquela barra, aquela barreira e aí impede que ela avance...

Eu- E essa barreira é a política envolvida na educação?

B- A política partidária, enquanto a política estiver envolvida assim dentro da educação, ela não avança como já ouvimos né depoimentos de políticos dizendo que a partir do momento em que a sociedade, ela se tornar uma sociedade crítica ela vai reclamar, ela vai impor mais, e a política não vai ter é... o político não vai ter essa... como posso usar a palavra ele não teria tanto acesso...

Eu- não monopolizaria será?

B- exatamente.

Eu- descreva como você se percebe em relação aos outros colegas de profissão? Até mesmo em outras etapas da vida docente; Como você se compara com outros profissionais da área?

B- Eu vejo muitos que estão... são diplomados né, eu tenho colega de trabalho que tem mestrado, mas quando a gente... é não é por que ela tem diploma de mestrado que ela é melhor do que os outros né... então nós estamos todos no processo de evolução, então diploma ele não certifica de fato conhecimento... né, então eu vejo que pessoas que tem o nível escolar menor que eu mas tem o conhecimento de vida de mundo muito maior...

Eu- Saber lidar com as pessoas, com o outro?

B- exatamente.

Eu- Como você percebe o olhar do professor acerca das suas atribuições. Como você acha que é enxergada pelos outros professores?

B- hum... agora déia me ver... como?

Eu- Isso, como você percebe o olhar dos outros professores acerca das suas atribuições? Como você acha que é enxergada pelos outros professores?

B- Eu acho que por conta da desmotivação de muitos né, eles não se enxergam como essa peça fundamental para sociedade.

Eu- E o que diria para quem estar iniciando na profissão docente? Qual seria a sua mensagem?

B- minha mensagem...

Eu- baseado na sua história de vida.

B- Que realmente ele esteja, exista amor pelo que ele faz, ele ter amor pela profissão... porque é... a caminhada é muito árdua a gente encontra barreira indescritíveis e se você não tiver amor pelo que você faz você vai desisti... você não chega nem na metade do caminho... então em primeiro lugar é ter amor , persistência, ter foco naquilo que você vai fazer...

Eu- fale um pouco da sua infância... da sua trajetória de vida... como foi a sua infância?

B- minha infância... eu acho que eu curti bastante... (risos) como toda criança... adora brincar, estudar... é passei por problemas com relação ao financeiro, mas meu pai e minha mãe eles nos educaram né... com todas as dificuldades eles conseguiram é que os três filhos se formassem... estão no mercado de trabalho hoje formados... vamos dizer que numa situação financeira bacana... é não é aquela que gostaria de ter mais é a média, tem como se sustentar e dar uma vida confortável a sua família.

Eu- Com relação ao elo do seu pai e sua mãe com você, era uma boa convivência?

B- uma ótima convivência. Até hoje... é andar de mãos dadas... abraçar, beijar

Eu- Muito obrigado aqui encerramos a entrevista em áudio.

APÊNDICE 5

TRANSCRIÇÃO

ENTREVISTA 3

EU- Prezada entrevistada: esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo compreender a concepção do professor e sua vida docente baseado nas histórias de vidas e identidade do profissional. Não respostas corretas ou incorretas, no entanto, faz-se necessário franqueza absoluta nas respostas para que possamos obter resultados significativos. Os dados serão mantidos em sigilo e somente utilizados nesta pesquisa. Eu sou Ana Rachel Pires Cantarelli Santos, pesquiso sobre histórias de vida, a concepção dos professores acerca da profissionalização docente.

Eu- Qual sua idade?

C- 42anos

Eu- Qual seu nome?

C- Carmen Sandra

EU- tempo de formação?

C- Eu me formei... magistério ou faculdade? Ou tudo?

Eu- tudo.

C- Deixa eu ver 90... é 24 anos.

Eu- E o tempo de atuação?

C- vinte.

Eu- Qual o curso de sua graduação?

C- Letras

Eu -Qual a série ou ano que atua?

C- primeiro ano do ensino fundamental

Eu- agora vamos ver alguns conhecimentos acerca da sua profissão docente. Quando iniciou a sua vida profissional?

C- quando idade ou...?

Eu- quando você começou a trabalhar como professora.

C- Vixe Maria eu tinha... 19... vinte anos.

Eu- ainda sem a formação?

C- Não eu já era formada, já tinha o magistério.

Eu- Em que momento da sua vida vida se percebeu professora mesmo?

C- Eu acho que uns... três anos depois que eu estava trabalhando. Porque logo no início eu achava que não ia ser professora aí depois com o passar do tempo eu vi que era aquilo mesmo que eu gostava de fazer e estou até hoje.

Eu- Fale sobre a trajetória de aprendizagem na vida docente... no início, o que lhe fez desencantar assim no primeiro momento?

C- No início, minha primeira experiência foi numa turma de primeira série, numa escola pública. Eu fiz meu magistério numa escola particular, meu estágio em escola particular no Recife, quer dizer numa capital e passei numa seleção na GRE no Recife e fui trabalhar como professora numa escola do estado numa periferia, na Cabanga, um bairro lá bem... Uma turma de terceira série, a escola tinha tido uma alagamento então as salas foram divididas ao meio

com compensado, eu passei dois dias... cheguei em casa me acabando de chorar e disse a minha mãe que nunca mais eu entrava numa sala de aula... foi muito ruim minha experiência aí um ano depois... foi que eu comecei a trabalhar também na rede estadual com mini contrato em turmas de pré-escola, aí que eu fui pegando experiência... tive muita ajuda de outros professores... e aí fui começando realmente a me apropriar dos, do ambiente escolar... dos meios de trabalhar com criança... aí fui me encontrado.

Eu- Aí você se viu professora...

C- foi mais no comecinho mesmo eu achava que não ia pra frente não... eu era muito nova também, eu me formei com 19 anos era muito imatura.

Eu- Agora algumas informações da formação com base na sua história de vida. É fale um pouco da sua vida escolar ainda como aluno... como se percebia com relação aos seus professor...

C- Eu tive bons professores, toda, assim toda minha trajetória escolar eu fiz em escolas públicas, só vim fazer particular já magistério porque eu trabalhava e... era a noite e só tinha a noite a escola próximo a minha casa, o que me empurrou para o magistério na verdade foram as circunstâncias... eu comecei a trabalhar... aí a escola é próxima a minha casa... aí eu tinha que estudar a noite e os curso que tinha era magistério e contabilidade como eu não tinha nenhuma atração por contabilidade fui para o magistério... então eu sempre tive bons professores, tenho uma ótima recordação da minha infância na escola... da minha adolescência... então isso já me dá uma... um certo conforto com relação aos professores.... e na época a escola do estado tinha outra... era outra dinâmica... os alunos era outro comportamento... então foi muito tranquilo.

Eu- Na sua infância você percebia alguma admiração pelo professor... pela identidade do professor? Ainda quando criança você recorda?

C- Eu tinha professores que eu gostava muito, não... mais a partir da quinta série, do primeiro ao quarto ano eu não me recordo bem não. Agora a partir da quinta série eu me recordo bem de muitos professores chegar... eu lembro da minha professora de português; minha letra era horrível... horrível... horrível. Ela mandou fazer uma redação e me chamou e disse; “olhe seu texto está excelente... suas idéias são muito boas... mas sua letra está horrível, vamos ajeitar essa letra e comprou um caderno de caligrafia pra mim e aí eu fui ajeitando a letra... eu lembro muito disso porque marcou bastante...

Eu- Você não viu como desestímulo porque primeiro ela pontuou as qualidades...

C- Foi ela chegou e disse que minha redação estava boa, ela corrigiu muitos erros de português... era muito assim... é Antonieta o nome dela... ela chamava a gente de um por um pra mostrar os erros de português... o que tinha errado...

Eu- Você acredita que você carrega um pouco dessa postura hoje? Com os seus alunos.

C- Eu acho que sim... eu sou muito exigente e eu tive professores exigentes... e isso me melhorou muito por que eles sempre chegavam e diziam você pode, então apague e faça de novo, então eu tenho muito isso, de estar exigindo dos meus alunos que façam o melhor.

Eu- Com relação ao estímulo da família, houve pra sua formação?

C- Houve, minha mãe sempre foi muito de... mais meu pai sempre foi muito de dizer assim estude pra você não depender de ninguém quando você for adulta, estude pra você se formar ter o seu emprego... é tanto que hoje eu tenho tudo que meu pai dizia né... (risos) então sempre a gente teve muito isso de não faltar aula, minha mãe não deixava faltar aula por besteira... só se tivesse muito doente, se tivesse meio doente ainda ia...

Eu- mas com relação a profissão docente mesmo alguém da sua família disse pra você ser professor... que admirava...

C- Não, não, não tem nenhum professor na minha família assim que eu... nem meus tios... minhas tias a maioria nem tinha assim profissão definida né... eram doméstica e tudo... foi... eu fui meio que empurrada assim e acabei me apaixonando.

Eu- Você se encontrou....

C- isso.

Eu- Qual a influencia da sua formação com seu atual campo de trabalho? Você se remete hoje ao seu campo de trabalho com relação ao que você recebeu na sua graduação...

C- é ajuda bastante né... por que você... a experiência conta muito né... e o que você estuda durante a sua... no período que você está em sala de aula parece que você tá se capacitando... procurando formações e tudo... mais com certeza o que eu estudei... ainda tem coisas que eu vou buscar no magistério, na faculdade nem tanto.

Eu- Você teve formação específica para atuar no que você está hoje... alguma especialização?

C- Tive o magistério e por conta do outro trabalho (particular) então a gente sempre tem... então eu fiz o pro-formação, pro-letramento, que foi específico para português e matemática, estou fazendo agora o pedagógico também, então a gente sempre tem...

Eu- Acerca da profissionalização docente: Quais são as atribuições da sua função?

C- Ministrar aula né... eu sou polivalente de todas as disciplinas... que mais?

Eu- você acha que o professor hoje ele faz só isso na docência...?

C- ah... (risos) não ele é dentista, psicólogo, médico, mãe, pai... Hoje em dia o professor ele tem que ter essa... ele tem que ter já é uma necessidade. Tanto aqui que eu trabalho na escola pública e particular. E na pública aí é que você precisa ter mais esse olhar... as vezes até banho a gente dá, compra remédio pra criança... eles, muitos deles só a nós como professores...

Eu- E você abraçou essa identidade hoje, esse conjunto de atividades no seu perfil?

C- é minha filha você vai sendo levado... e quando você vê está achando natural tudo isso... é as vezes é... até pra você ser só professor, você termina sendo um pouco seco, porque não tem como... até porque para quem trabalha com crianças na faixa de idade que eu trabalho que é 6,7 anos então a criança já chega com aquela... contando “tia hoje meu pai bateu na minha mãe” e você tem que parar pra dar atenção... pra ouvir, pra conversar, orientar, então não tem como você ser aquela pessoa tão rígida de ser só professor.

Eu- quais as principais dificuldades no exercício da sua função?

C- Tempo... que a gente vive muito corrida, então o tempo é muito curto. Muita informação agora, então você não tem mais tempo pra nada... termina atropelando uma coisa na outra. Poderia colocar o salário que também a gente sabe que é uma profissão muito desvalorizada... então a falta de apoio da família, a falta de valorização do trabalho do professor dificulta demais... o desinteresse dos alunos, o excesso de informações que ele tem na escola, termina sendo um pouco desinteressante o professor tem que se virar em muita coisa.

Eu- Antônio Nóvoa um autor português, ele afirma em uma entrevista citada pela revista de educação que “hoje o professor tem que ensinar a quem não quer aprender” ele mostra isso como o novo quadro da educação atual, você concorda?

C- é mais ou menos por aí viu... é você ensinar mesmo a quem não quer aprender, eu não diria nem quem não quer aprender, por que tem casos também, mas o professor ele tem que ensinar de uma forma diferente... o que muitos alunos já sabem... mostrar a utilidade daquilo, hoje o aluno chega na escola e as vezes ele sabe coisas que você não sabe... ele chega e diz tia tem uma coisa de informática, um dia deixei um aluno meu na sala da coordenação e o celular da diretora lá tocou e ela sem entender... e ele foi logo falando tem que desbloquear porque é

toushi... ela parou pra ver e ficou olhando para o menino... (risos) então a criança hoje já vem com muitas informações, e realmente ele tem que ensinar mesmo...

Eu-Com relação as competências relacionadas ao cargo, quais são hoje, as competências necessárias para exercer a função de professor?

C- ter a formação, ter a qualificação e ter a vontade... porque o professor mesmo, a gente sabe que tem muita gente que tem muita formação, mas que não tem a... não é a vontade é a... como é que eu diria... o gosto de ensinar. O pessoal diz fulaninho ali não deu pra nada... mas vai ser professor. Olhe isso não dar certo você tem que realmente gostar e se preparar para ser bom.

Eu- Qual seria a trajetória apropriada pra formação na sua função... O que mudaria? Mudaria algo? Muitos acreditam que durante a formação, até mesmo no magistério, algumas disciplinas deixam a desejar? De forma que houve mais o teórico ou a prática? Você acha que deveria mudar alguma coisa no processo?

C- faz tanto tempo que eu me formei... (risos) eu acho que fica assim, a questão da prática ela é muito distante do conteúdo, da teoria, talvez se tivesse um pouco mais de prática já no início... talvez fosse melhor a profissão, até mesmo para o professor saber se quer ser professor ou não.

Eu- ter mais contato com a vivência?

C- isso ter mais contato com a vivência...

Eu- Qual sua interação com relação ao desestímulo na vida docente... como convive com isso?

C- Olha eu não sei... não saberia te dizer assim... eu nunca fiquei destimulada... até essa semana eu estava conversando com uma pessoa sobre isso, muito nova ela, começou a pouco tempo e já estava dizendo que não aguentava mais a sala de aula, mais eu nunca tive esse problema assim... eu gosto da escola, do meu trabalho, as vezes a gente fica cansado, que né... você fica cansado... cansa dar aula é muita preocupação, você fica... tem muita perturbação de pai que cobra e não ajuda, enfim... mas desestimulada não, mesmo com o salário que é bem... agora já está um pouco melhor, mas eu nunca fiquei... eu saberia te dizer como lidar com isso, é tanto que eu procuro sempre evitar qualquer pensamento nessa linha...

Eu- Você é muito positiva?

C- assim é profissão que eu tenho, então se eu perder o estímulo... eu tenho que amar mesmo, se não teria que desistir de mim.

Eu- Com base nas questões identitárias, analisando a identidade, eu gostaria que você falasse da sua infância. Sua trajetória de vida...

C- Minha infância foi maravilhosa, mas eu era uma peste (risos) eu era tão... eu apanhei tanto quando era criança... olhe de cipó, de corda de fio de macarrão de cadeira de correia de pneu de chinelo... porque eu era muito danada... muito danada... muito ruim assim. Minha mãe dizia direto você vai ter um filho pra você ver... tem que ser igual a você pra você ver como você é trabalhosa. Eu era muito danada mas eu tive uma infância muito boa, eu brinquei muito, na época não tinha televisão na minha casa, não tinha televisão, era muito difícil na época... então, o que eu tinha pra fazer era brincar, eu brincava demais, eu subia em pau de sebo, andava em cima dos muros das casas, de uma casa pra outra, subia em árvores, eu era virada, foi muito bom, ótimas lembranças... tirando as pias (risos).

Eu- Como você se vê hoje? Um bom profissional?

C- Eu me vejo. As vezes... tem as suas dificuldades né... tem as falhas... você tem que está fazendo...

Eu- mas em resumo...

C- acho que sim até pelas respostas que eu tenho dos alunos, como dos pais. Todo início de ano perguntam se eu vou ser mesmo a professora...

Eu- sente-se empolgada pela educação... pela docência hoje?

C- Sinto, mas eu lamento assim por conta da educação de hoje, porque infelizmente eu vejo muito os pais, eles deixam os filhos muito abandonados, por conta de trabalharem o dia todo... meu pai também trabalhavam mais sempre que chegavam em casa era aquele negócio de saber o que eu fiz o que não fiz e tal... hoje em dias os pais não tem mais esse cuidado, eu vejo as crianças assim, eles não tem mais uma infância tão boa... infelizmente... é computador, é notebook, celular, TV a cabo e você não sente mais felicidade... você não sente... as vezes a gente leva um menino pra brincar num passeio em sítio e parece coisa de outro mundo...

Eu- apreciar o simples...

C- é eles não tem assim...

Eu- Qual foi o seu melhor momento assim na sua trajetória de professor? Fale sobre ele como se sentiu?

C- Qual foi o meu melhor momento... rapaz eu acho que o meu melhor momento foi é agora... deixa-me ver assim... quando eu passei no concurso foi bom por que me deu uma segurança né... eu fiquei bem feliz, quando eu fui convidada para trabalhar no particular meu trabalho foi visto em outra escola do município então fui convidada, mas agora eu acho que estou bem melhor que alguns anos atrás pela maturidade... pela experiência... então eu já consigo resolver certos dilemas com mais tranquilidade... até as meninas... ano passado uma aluna minha caiu e cortou o queixo... não essa machucou o nariz... e eu encontrei uma professora que era nova na escola vinha desesperada com ela na escola... ali eu me vi á anos atrás... eu disse não, pode colocar ela no chão... com outra tranquilidade... é tanto que quando foi depois a professora disse ave Maria! Você é muito fria! Muito calma! E eu disse menina eu já vi tanto menino cair que estou bem acostumada... (risos) então você vai ficando mais tranqüila pra resolver os conflitos, esse é meu melhor momento.

Eu- E qual o pior ou piores... pensou em desistir alguma vez? Como se sentiu?

C- Quando eu comecei, como já falei anteriormente foi terrível... e geralmente quando tem problema com algum pai, ou alguns pais de alunos que eu vejo assim que escola se posiciona do lado do pai... eu fico revoltada. Ás vezes eu digo vou deixar de ser professora mas passa...

Eu- é só o momento...

C- é só o momento mesmo.

Eu- Você acha que a presença do professor na sociedade hoje está sendo enxergada de outra forma diferente? A que atribui esse novo olhar?

C- Eu acho que ainda estão tentando... mais ainda... acho que antigamente o professor era mais valorizado, hoje ele tá menos, até uma pessoa chegou essa semana, semana passada e disse “professor meu filho passou em odontologia!” professor hoje eu acho que é uma profissão em extinção” eu disse é acho engraçado que todo dentista, médico também vão entrar em extinção... ela disse porque? Eu respondi é se não vai mais ter professor, quem vai dar aula para o dentista se formar e virar dentista? Ela disse é se for pensar desse jeito... então ainda é... eu acho que talvez mais pra frente melhor... mas eu acho que ainda está muito desvalorizado.

Eu- Com relação ao respeito antes um professor entrava sem alar de aula e temiam, tinham que ficar em silêncio e hoje o professor tem que se desgastar mais, então dentro desse processo o fator social mudou hoje a figura do professor na sociedade?

C- com certeza. Eu vejo dessa desvalorização da profissão em si por que muita gente acha que o professor não tem valor nenhum... estar ali pra ser... não sei nem o quê... e a questão da educação né que... os pais educavam os filhos antigamente para respeitar os mais velhos, então se respeitava no geral, não só a figura do professor, mas todos assim, eu ainda chamo as pessoas de senhora... mesmo sem conhecer... e hoje em dia não tem mais isso, você crianças que bate na mãe, bate no pai e nem ligam... então essa falta de educação, essa falta de respeito veio da não educação.

Eu- Descreva como você se percebe com relação aos outros colegas de profissão, até em outras etapas da vida docente, professor que seja mais novo, que seja mais velho. Como você se ver com relação a eles?

C-é as vezes... não tem como né... você estar ali vendo o profissional e quando faz alguma coisa que você não concorda... eu penso será que eu já fiz isso...? da mesma forma quando você faz alguma coisa que é elogiada você pensa será que eu já fiz isso... eu vou fazer assim agora... então você sempre tem essa comparação, mas de uma maneira geral eu me vejo bem, nem me diminuo nem me elevo, eu acho que todos nós temos os nossos altos e baixos como qualquer profissão.

Eu- E como você percebe o olhar dos outros professores acerca das suas atribuições? Como você acha que eles lhe enxergam?

C- eles acham que eu sou metida... (risos) porque eu sou muito exigente e eu sou muito bem humorada e é difícil você chegar e me encontrar triste... então muita gente é... acha que eu sou meio chata, meio metida...

Eu- Você acha que o seu desempenho as vezes chega a incomodar quem não está afim de fazer da forma correta...

C- Qualquer pessoa né... não vou me colocar porque eu não sou cem por cento, eu cometo muitos erros eu acho que é normal todos nós comentemos... mas quando um profissional se destaca em qualquer profissão então sempre vão ter aqueles que né... vão tentar diminuir ou falar até... porque muitas vezes ele não quer fazer mesmo... e oê tá ali... você chega a um determinado patamar que você está ali por que teve que subir degrau por degrau... e tem gente que quer chegar em cima voando de para-quedas aí não dar tem que subir...

Eu- Finalizando... O que diria a quem estar iniciando na profissão docente hoje, qual seria sua mensagem para quem pensa em ser professor hoje... a iniciar a carreira docente.

C- Seja persistente... tenha paciência... muita paciência por que é bem... eu acho que assim a paciência e a persistência são duas coisa que você tem que ter...

Eu- Mais você diria que vale a pena?

C- vale sim, com certeza vale, quando você faz uma escolha profissional você tem que ir até o fim... e sempre vale a pena, agora você tem que saber se realmente gosta... se você gosta e você quer aquilo ali vale a pena demais... embora o salário não seja essas coisas toda... mas eu... pelo menos eu estou muito satisfeita. Então acredito que a pessoa tenha persistência, tenha paciência e seguir em frente.

Eu- Huberman fala sobre as etapas da vida docente, e ele coloca em cada uma dessas etapas o sentimento de cada uma, então você diria que hoje você venceu o desencantamento do início...?

C- é eu já tive nesses outros períodos... então eu acredito que sim... estou sim eu ainda me vejo fazendo tudo que eu fazia no início de arrumar sala, arrumar material... separar tudo... então eu ainda me vejo nesse mesmo encantamento, eu , eu lembro quando eu comecei a trabalhar aqui a uns dezessete anos... eu perdi as contas mas por aí assim... a á unas aos atrás

eu fiz uma decoração muito bonita na sala e uma professora chegou e disse “ah você está fazendo isso, porque começou agora, quero ver daqui a cinco anos” e aquilo ficou na minha cabeça, de eu nunca me deixar... porque ela falou com um amargo tão grande que aquilo penetrou assim em mim... eu nunca vou fazer assim... por que no dia que eu senti aquele amargo eu desisto da profissão, então sempre que eu estou arrumando a sala eu me lembro dela e penso... “eu ainda não desisti”

Eu- e a cada ano mais bonita...

C- é sim...

Eu- aqui eu faço as considerações finais agradeço a sua participação e quero saber se tem algo que não foi perguntado e você gostaria de falar? Você está colaborando com outros professores, não somente com a profissão docente mas com identidade que muitos permeiam a profissão sem ter ainda essa identidade. Então agradeço em nome da universidade. Obrigado

C- não... falamos tudo...espero que tenha sido útil... (risos) eu que agradeço.

APÊNDICE 6

TRANSCRIÇÃO

ENTREVISTA 4

Eu- Prezada entrevistada: esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo compreender a concepção do professor e sua vida docente baseado nas histórias de vidas e identidade do profissional. Não respostas corretas ou incorretas, no entanto, faz-se necessário franqueza absoluta nas respostas para que possamos obter resultados significativos. Os dados serão mantidos em sigilo e somente utilizados nesta pesquisa. Eu sou Ana Rachel Pires Cantarelli Santos, pesquiso sobre histórias de vida, a concepção dos professores acerca da profissionalização docente.

Eu- Qual sua idade?

Isa- 41 anos

Eu- Qual seu nome?

Isa- Isálida

Eu- Qual o tempo de serviço?

Isa- Na escola particular eu já tenho 21 anos e na escola pública 17

Eu- O tempo de formação?

Isa- de formação é... conta a parte do magistério?

Eu- conta.

Isa- Então se conta a partir do magistério são 21 anos.

Eu- Qual o curso da sua graduação?

Isa- biologia

Eu- E as séries em que atua?

Isa- É... sexto e sétimo e oitavo ano na área de matemática na escola particular e na escola pública eu trabalho como intinerancia que é o atendimento especializado em alunos com deficiência.

Eu- Alguns conhecimentos acerca da sua profissão docente. Qual iniciou sua vida profissional? Você tinha que idade?

Isa- Eu tinha 19 anos a completar 20.

Eu- Em que momento da sua vida se percebeu realmente professor?

Isa- Eu acredito que quando eu iniciei realmente... enquanto eu estava na sala de aula como aluno, eu ainda não estava querendo ser, mas no momento que eu entrei numa sala de aula eu já me identifiquei...

Eu- Já assumiu o personagem...

Isa- Exatamente.

Eu- Fale sobre a sua trajetória na vida docente... a vontade o que você aprendeu mais durante a sua vida docente?

Isa- Eu acredito que a aprendizagem como professor a gente adquire realmente na prática, então eu aprendi desde o início, quando eu iniciei na escola particular com a direção da escola... eu aprendi como me comunicar com os alunos... eu aprendi como tratar o pai... como ver o aluno, não somente como aquele agente de aprendizagem, mas como ser humano, eu acho que essa aprendizagem a gente vai adquirindo aos poucos é tanto que quando eu me

observo é... faço uma análise de quando eu iniciei pra agora, a gente só nota que há realmente uma melhoria

Eu- vai lapidando...?

Isa- exatamente eu costumo até dizer que muitas coisas que eu fiz no início da carreira eu até me envergonho por que eu não sabia o que estava errando nessa época né... e a gente vai... e é justamente com a prática que há essa aprendizagem o amadurecimento do professor né...

Eu- Algumas informações acerca da sua história de vida. Fale um pouco da sua vida escolar, ainda como aluna, como se percebia com relação ao seu professor?

Isa- Na época eu tinha assim um certo temor com o professor, a gente não tinha como argumentar então o professor era o dono do saber, então eu era apenas aquele aluno que acatava, não contestava muito, não era um aluno contestador.

Eu- Mas você nutria algum tipo de admiração pelo professor no decorrer do processo... em nenhum momento você percebeu uma admiração?

Isa- Nas séries iniciais não, agora quando eu fui para o magistério, que é o normal médio atual eu sentia uma admiração justamente na parte ligada as didáticas...

Eu- Aos conhecimentos pedagógicos...

Isa- isso... e me deixava assim extasiado a forma como ele mostrava a gente como seria né... eu criava um mundo de fantasia... eu vou fazer isso... aquela teoria que eles passavam era um encanto, não era bem a realidade de quando a gente chega na prática, mais, principalmente quando era a didática da matemática, que eu acredito que por sinal foi por isso que eu me voltei para essa área, por conta dos professores de didática que me deixavam um pouco encantada com isso.

Eu- Eles lhe passava uma idéia de educação possível?

Isa- Possível... exatamente com coisas básicas com ações pequenas e dariam resultados

Eu- Com relação ao estímulo da família... Houve alguma influencia da família para o seu profissional de hoje?

Isa- Eu não diria estímulo mais uma tipo que uma obrigação você vai fazer isso... é tanto que eu não escolhi fazer o normal médio... eu não escolhi fazer faculdade e quando eu iniciei foi uma falta de opção você só vai fazer isso...

Eu- a sua família...

Isa- a minha família que eu morava com minha mãe e avó...

Eu- E qual o argumento que eles usavam para isso?

Isa- O argumento era que eu já era de uma família de professores e aqui não tinha outra opção na época, aqui só tinha faculdade de formação de professores e a condição financeira não dava.

Eu- Qual a influencia da sua graduação como seu campo de trabalho, existe uma influencia direta?

Isa- Não, eu não vejo assim... porque minha graduação embora a biologia ela entre mais pra o lado... eu posso dar aula também de matemática, mais eu fui influenciada mais por conta do magistério, quando eu iniciei nas séries iniciais, eu já iniciei dando aula de matemática, quando terminei a minha graduação eu permaneci na área por que eu me identifiquei, nunca dei aula de biologia.

Eu- Mais você teve formação específica para atuar nesse campo, matemática?

Isa- Não, só cursos complementares mesmo de formação.

Eu- acerca ainda da profissionalização docente. Quais são as atribuições da sua função,

como professora hoje?

Isa- Minhas atribuições? Seja mais específica.

Eu- enquanto ser professor, quais são as atribuições de ser professor hoje... as suas?

Isa- a minha atribuição acredito eu né... que é fazer com que o meu aluno consiga adquirir o conhecimento necessário para a série de uma maneira clara, de uma maneira mais objetiva, procuro não fazer com que ele sinta que o aluno geralmente na área de matemática ele tem uma certa aversão então eu procuro não mostrar esse lado negro que sempre já vem ali com aluno, então eu procuro fazer com que aprenda de uma forma mais prazerosa... é o aprender a ser a fazer...

Eu- Os quatro pilares...

Isa- Isso os quatro pilares.

Eu- Quais são as principais dificuldades no exercício da sua função?

Isa- Eu acho que está em controlar... a questão dos valores... os valores que os alunos não tem, os objetivos... eles não tem objetivos, eles não tem metas né... isso dificulta, enquanto eu estou com um objetivo que eu procuro mostrar a eles o objetivo, mas hoje em dia a família está deixando um pouco de lado esses valores e o aluno acaba se perdendo pra eles o melhor é aquilo que vem fácil, são as tecnologias são as festas e acaba não dando valor ao conhecimento propriamente... ao conhecimento escolar.

Eu- Com relação as competências do professor, quais são as competências necessárias para exercer a sua função? Você acha que pode estar em falta em outros professores...

Isa- Assim eu acho que, eu acredito que muitos professores eles estão no papel do professor com um amplo conhecimento teórico, mas o que está faltando um pouco é essa parte prática e humana do professor é compreender o aluno como ser e não apenas aquele que esta ali na sala, ele não é só aquele objeto, ele é um ser com personalidade própria... e o professor que tem o conhecimento que acha que pode repassar esse conhecimento, ele tem que perceber o aluno como esse ser e modificar a partir disso a sua forma de agir.

Eu- Como seria a trajetória apropriada pra formação do professor? Você acha que deveria mudar alguma coisa no processo da formação do professor?

Isa- Eu acho... na formação eu acredito que o professor, ele deveria ter mais momentos práticos, mais momentos em sala de aula, mais momentos de convivência com outros professores também... por que o que a gente percebe é que ele trás, como eu já disse antes ele traz uma teoria grande e ele entra numa sala de aula depois com um sonho, como eu entrei também, com aquele sonho... e a gente ver quando chega na prática que aquilo ali não é a verdade... então ele tem que ter esse contato com a verdade do dia a dia de uma sala de aula pra realmente saber se é isso que ele quer, e o que ele deve fazer se permanecer nessa profissão, o que ele deve fazer para ser um bom professor, um bom profissional.

Eu- Você acha que o professor ele sai hoje da formação e ele recebe a sala de aula ainda como uma “caixinha de surpresa” ?

Isa- Eu acho que sim...

Eu- com o misto de... angustia e satisfação onde predomina ou o encantamento ou desencantamento já no primeiro momento?

Isa- Eu assim... pensando no professor que sai de uma formatura, professorem Araripina né, na nossa realidade, eu vejo que algumas pessoas que estão saindo atualmente eles chegam na sala de aula e ver como uma “caixinha de surpresa” mas eles não ver... não estão lá na profissão querendo mudar algo, querendo mudar essa turma que ele recebe, eles estão mais impulsionado por o dinheiro embora seja pouco né...

Eu- Pela oportunidade em si...

Isa- Pela oportunidade de estar ali... e por isso eu acho que muitos estão despreparados.

Eu- qual sua interação com relação ao desencantamento, ao desestímulo na vida docente... como convive com isso? Sente-se desestimulada as vezes?

Isa- é... há momentos... não tem como a gente manter sempre um padrão... sempre se mostrar aquele professor motivado, contente e feliz... tem certos momentos que a gente dar uma queda... e principalmente quando chega o final do ano que o professor faz aquela análise; O que é que eu estou fazendo aqui com os meus alunos, eu tento pelo menos eu faço isso... que que eu fiz aqui? Eu passei o ano todo, me dediquei... eu conversei com os meus alunos, eu procurei entender... e mesmo assim eu não consegui chegar ao meu objetivo final. Então são conflitos.

Eu- Então esse desestímulo vem relacionado ao resultado... resultado do meu trabalho... é isso?

Isa- não é só resultado enquanto nota, mais um resultado enquanto a modificação do aluno, aquele aluno que iniciou dessa forma e eu não consegui modificar a forma dele... tanto na aprendizagem dele, como ele enquanto pessoa, não consegui mudar algumas atitudes dele... por que não é só o conhecimento conteudista mas a forma dele agir... alguns princípios e valores que ele não estava recebendo... que a gente ver também se consegue modificar... eu me sinto as vezes um pouco frustada... mas geralmente isso é quando chega o final do ano. Quando é início de ano tem aquela empolgação eu vou conseguir, vou mudar minha turma, meio do ano também... aí quando chega de setembro em diante parece que eu não vou conseguir não...

Eu- Não tem mais tempo pedagógico pra isso...

Isa- é...

Eu- Vamos falar um pouco da sua trajetória de vida sua identidade. Me fale um pouco da sua infância... Como foi sua infância?

Isa- Minha infância consideravelmente normal... tive irmãos... brincava... não tinha aquele, na época aquela questão de televisão, era brincadeiras normais com amigos, brincadeiras na rua. Eu considero minha infância uma infância feliz...

Eu- De forma significativa...

Isa- Isso.

Eu- Como você se ver hoje? Um bom profissional?

Isa- Eu me vejo como um profissional que está ainda em formação, constante formação, ainda não vou dizer sou bom, mas também não sou ruim... mas um profissional que quer ser bom... eu gostaria muito de ser bom... o caminho é esse.

Eu- Você sente-se empolgada pela educação... pela docência?

Isa- eu me sinto empolgada pelos meus alunos... pela profissão... eu queria, eu sempre tenho aquele sonho de querer mudar, eu quero ver o crescimento daquela pessoa... eu quero chegar mais adiante e ver que aquele aluno realmente teve sucesso na vida.

Eu- qual foi o seu melhor momento na sua trajetória de professor? Fale sobre ele como se sentiu?

Isa- Meu melhor momento... eu acho que os melhores momentos que eu vivo é quando eu vejo o sucesso dos meus alunos... eu me sinto embevecida quando eu vejo que um aluno meu, mesmo que não seja um sucesso escolar, mais um sucesso na vida, no trabalho pessoal, quando vejo que aquilo ali também eu participei, então isso me torna feliz, quando eu vejo que o aluno teve sucesso.

Eu- E qual pior ou piores pensou em desistir alguma vez... como se sentiu?

Isa- Na escola pública principalmente... nas coisas que me dá vontade às vezes de desistir é a falta do estímulo financeiro... o salário, material... as cobranças isso torna a gente... assim fico muito angustiada com muitas cobranças que a gente não consegue dar esse retorno, são as vezes cobranças infundadas né... não condizem com o que a gente pode fazer.

Eu- Mais você pensou em desistir alguma vez?

Isa- pensei... pensei sim. Mas foi assim aquele momento de angústia... não o que eu estou fazendo aqui? Vou procurar outra coisa... mais muito rapidamente...

Eu- depois se estabeleceu a identidade...

Isa- isso... (risos) O professor é antes de tudo um guerreiro né... não, eu vou conseguir... eu vou correr atrás .

Eu- Você acha que a presença do professor hoje na sociedade está sendo exergada de uma forma diferente? A quem atribui esse novo olhar?

Isa- rapaz... eu acho que o professor ainda não está tendo seu real valor dentro da sociedade, ele ainda tem muito... estar começando a falar sobre né... querer que o professor tenha... mas chegar a valorizar realmente eu não acredito...

Eu- Com relação ao respeito e o reconhecimento de pais e de alunos, não necessariamente o reconhecimento financeiro você acredita que o professor hoje está sendo percebido com esse olhar diferenciando?

Isa- por alguns alunos eu já percebo isso mais efetivamente... alguns alunos já chegam até você e já dão agradecimento... já percebe que você foi importante na vida deles né... faz parte dessa mudança que está iniciando né... uma mudança que é muito lenta, mas alguns alunos já estão começando a perceber a valorização né profissional.

Eu- Descreva como você se percebe com relação aos outros professores, aos outros colegas de profissão até em outras etapas da vida docente. Como você se compara assim a eles?

Isa- Não eu... em que sentido você fala?

Eu- na prática docente, quando você olha para os seus colegas em uma roda de conversa, na sala dos professores como essa... é você em algum momento você acha que os outros professores estão agindo de uma forma diferente, muito divergente da sua...

Isa- sempre há né... professores... é são idéias, pensamentos, não formas de agir diferenciadas... e às vezes há um conflito de opiniões né...

Eu- chega a lhe incomodar muitas vezes?

Isa- Em algumas ocasiões sim... quando eu vejo que o colega ele não está agindo com a responsabilidade que eu, na minha concepção deveria ser a correta... quando ele de alguma forma desdenha de algum colega, ou desdenha de algum aluno... e diz que vai deixar pra lá... isso ali me incomoda.

Eu- Como você percebe o olhar do professor acerca das suas atribuições, como você acha que é enxergada pelos seus colegas de trabalho.

Isa- Muitas vezes e sou enxergada como meia carrasca... quero tudo certinho... aí aquilo eu percebo que às vezes incomoda... querer fazer certo, eu procuro... se tem regras a seguir dentro do estabelecimento eu procuro seguir as regras né... e muitas pessoas que não querem seguir, eu percebo que incomoda isso aí

Eu- Eu acredito que isso deve estar empregado no perfil de todo bom professor...

Eu- Finalizando, o que você diria a quem está iniciando na profissão docente agora..

Qual seria a sua mensagem a alguém que diz eu vou começar minha vida docente nesse momento.

Isa- eu diria que a pessoa tem que ter amor a profissão, antes de tudo amor saber que você vai ter um trabalho árduo, mas que de certa forma é prazeroso, então se você perceber que vai fazer aquilo com amor, não vá pensar em dinheiro, nem em reconhecimento, mas em amor mesmo por mais que seja aquele chavão “ ah estou aqui por amor” mas realmente é uma profissão que exige amor, é tipo a medicina que você só é medico se fizer por amor... então a profissão de professor é assim, se eu não fizer por amor, eu não vou ser um bom professor, eu vou ser aquele que estar ocupando mais um lugar... e consequentemente o aluno vai perceber aquilo Dalí... e também não vai render o que seria o correto.

Eu- Muito obrigado pela sua atenção e participação, você acaba de colaborar com uma pesquisa científica que ajudará a compreender a história da vida docente.

Isa- muito bem... de nada.

APÊNDICE 7

TRANSCRIÇÕES.

ENTREVISTA 5

Eu- Prezado entrevistado; essa entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo compreender a concepção do professor e sua vida docente baseado nas histórias de vidas e identidade do profissional. Não há respostas corretas ou incorretas, no entanto faz-se necessária franqueza absoluta nas respostas para que possamos obter resultados significativos. Os dados serão mantidos em sigilo e somente utilizados nesta pesquisa. Eu sou Ana Rachel Pires Cantarelli Santos, pesquiso sobre as HISTÓRIAS DE VIDA: A CONCEPÇÃO DO PROFESSOR ACERCA DA PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE.

Agradecemos desde já sua atenção e participação.

Eu- qual é a sua idade?

M- 56 anos

Eu- Qual seu nome?

M- Maria dos Santos

Eu- Gênero feminino, qual o tempo da sua formação?

M- é tem muito tempo por que eu fiz magistério... e depois do magistério com vinte anos depois foi que eu pude enfrentar o a graduação, fiz graduação, já fiz pós-graduação e desde quando eu terminei o magistério que eu comecei a trabalhar em sala de aula como professora em séries iniciais.

Eu- aproximadamente quantos anos faz isso tudo?

M- 26 anos...

Eu- Seu curso de graduação foi na área de?

M- Geografia

Eu- E a sua especialização?

M- geografia geral.

Eu- também geografia né...

Eu- a senhora sempre atuou em séries iniciais?

M- sempre.

Eu- Agora alguns conhecimentos acerca da profissionalização docente. Quando iniciou sua vida profissional, quando você começou a dar aulas?

M- comecei a trabalhar... na terceira série, na escola João Lopes, no cavaleti.

Eu- era uma escola da zona rural ou da zona urbana?

M- urbana, só que a escola assim era uma escola muito... não tinha um prédio próprio, era uma escola muito estragada... e através da minha documentação vieram verbas e foi construído lá um grupo grande com uma creche e ficou uma escola muito organizada...

Eu- Então você já iniciou na educação é... provocando essa necessidade de mudanças?

M- com certeza.

Eu- Em que momento da sua vida se percebeu professor?

M- a partir do momento que eu terminei o magistério e iniciei em sala de aula eu já me senti professora.

Eu- Então quando você saiu da formação do magistério, você já saiu com essa identidade?

M- com essa identidade e com essa vontade mesmo... um entusiasmo de enfrentar mesmo a sala de aula... e sempre me identifiquei em trabalhar com séries iniciais, por que você pega crianças, onde é um alicerce que você tem o domínio próprio para trabalhar com aquelas crianças... e você tem aquele amor, até como que seja seus próprios filhos e vai buscar o melhor pra eles...

Eu- Fale sobre a sua trajetória na vida docente, você também aprendeu com os seus alunos? Fale um pouco sobre essa trajetória...

M- Sempre é uma troca de experiência com as crianças... com os colegas de trabalho nas formações... que sempre existem as capacitações e também além das salas de aula eu tenho trabalhado também com vários projetos... aí tudo é uma formação e uma troca de experiência a cada dia...

Eu- Fale um pouco da sua vida escolar ainda quando era aluna... como você se percebia com relação aos seu professor?

M- eu me sentia feliz com minha professora, gostava dela queria assim aquele... eu sentia um amor de mãe... era uma pessoa muito amável...

Eu- você se refere a uma primeira professora?

M- A minha professora do primário.

Eu- Certo, aí você tinha, nutria uma admiração por essa professora?

M- era sim... ela era muito carinhosa comigo...

Eu- a partir daí você já acha que sentiu é um pouco de vontade de ser professora?

M- a partir do momento que eu sai do primário eu já sentia vontade de ser professora... meu sonho era ser professora.

Eu- com relação ao relacionamento estímulo da família, houve assim influencia da sua família pra essa profissão?

M- Houve, minha irmã mais velha era professora e eu me espelhava muito ela... nas capacitações... quando ela ia, eu criança já acompanhava ela... O professor era seu Zé Farias que já dava as capacitações e eu já participava com ela, e já me sentia assim uma professora em sala de aula.

Eu- Isso com qual idade mais ou menos?

M- eu tinha mais ou menos uns oito anos.

Eu- E já admirava esse elo de sala de aula?

M- já...

Eu- E qual a influencia da graduação no seu atual campo de trabalho? É com relação a sua graduação mesmo, existiu assim uma influencia para o seu trabalho de hoje?

M- Existiu sim. Eu fiz Geografia e geografia é a história do mundo... é a realidade da nossa vida, cada dia é uma página diferente que faz parte do nosso universo.

Eu- Você tem formação específica para atuar nessa função?

M- tenho...

Eu- foi a sua pós-graduação?

M- isso em geografia geral.

Eu- Com relação as suas atribuições na escola, você diria que o professor hoje ele é além de professor? Qual são as atribuições de um professor hoje em sala de aula?

M- ai Jesus... o professor hoje ele além de ser professor ele é pai, ele é mãe, ele é palhaço... ele é psicólogo, ele é TUDO! Que diz assim de respeito a responsabilidade e compromisso com o ser humano... a passar assim uma transparência para o aluno, que está preparando um cidadão para o futuro. Então você tem que ter todo esse aspecto.

Eu- Quais as principais dificuldades no exercício da sua função... assim as principais dificuldades encontradas?

M- é a incompreensão dos pais... é... hoje em dias os pais não tem mais assim... uma educação familiar e ele criam os filhos aí de todo jeito e leva pra sala de aula e o professor é pra ser pai, e pra ser mãe e educar... e fazer aquela criança ter aquele alicerce que deveria ter em casa... que são é... a educação do berço que não tem, as crianças hoje em dia estão muito assim aleatórias...

Eu- Sem limites?

M- Sem limites e não tem uma educação de pai mesmo, de família... é mais coisas da rua...

Eu- As vivências sociais?

M- isso... o desrespeito ao colega... a falta de amor ao próximo...

Eu- uma inversão de valores né...?

M-é sim...

Eu- Quais as competências necessárias para exercer essa função?

M- é você ser uma pessoa que está sempre se formando no dia a dia... que o professor vive no eterno aprendizado... então ele deve estar todo dia lendo, pesquisando e procurando aprender para saber o que vai transmitir.

Eu- Com relação a uma trajetória apropriada para sua função, você acha que deveria ter mais... que o professor hoje deveria ter assim alguma bagagem especial... assim uma formação que desse mais suporte para exercer a função do professor... O que mudaria? O que você acha que pode mudar?

M- Eu acho que o que deveria mudar atualmente é o sistema social dos próprios alunos em sala de aula... que eles procurassem contribuir mais... com a função do professor em se... o que eles estão recebendo, por que muitos deles estão ali por estar... sem valorizar o que eles estão aprendendo.

Eu- Então você relaciona essa mudança ao momento social em que está se vivendo... onde hoje em dia não valoriza mais... e os pais não valorizam e isso passa para o aluno?

M- é sim... e os filhos vão para sala de aula já com esse desrespeito... não respeita pai, mãe... e do mesmo jeito quer ser em sala de aula.

Eu- Qual sua interação com relação ao desestímulo na vida docente... como convive com isso?

M- a gente tem que procurar fazer na medida do possível o melhor... passar sempre uma esponja no que fica de negativo e passar sempre visões positivas pra eles procurando melhorar a situação.

Eu- eles já trazem toda uma bagagem negativa?

M- é... e a gente tem procurar corrigir essas falhas de uma forma bem... assim que eles nem sintam que você está... de forma bem dinâmica né.

Eu- Então é dessa forma que você convive com esse momento de estímulo?

M- é sim...

Eu- Agora eu gostaria que você me falasse um pouco da sua infância... da sua trajetória de vida. Como foi sua infância?

M- A minha infância foi maravilhosa... é um sonho que jamais eu vou apagar... sou filha casula de uma família grande, meus pais tiveram dez filhos cinco homens e cinco mulheres, eu sou a caçula das mulheres e graças a Deus tive uns pais exemplares que educaram os filhos catequizou... criou todos eles de uma forma bem dinâmica, orientando o que é certo, o que é errado, na hora do sim é sim, na hora do não é não e graças a Deus a gente só tem boas lembranças dos momentos de infância... de criança, meus pais sempre foram pessoas compreensivas que sabiam educar os filhos na hora de sentar e conversar eles sabiam dialogar e a gente tinha que ouvir, não tinha aquele negócio de ficar gritando, nem batendo com estupidez ou ignorância era com uma conversa amiga que só no olhar a gente já sabia quando tinha que estar com a boquinha calada... ninguém podia falar nada aleatório por que a gente já sentia só com o olhar... então eles tinha uma educação exemplar que hoje em dia a gente não ver mais isso.

Eu- E como você se ver hoje... Um bom profissional?

M- sim... eu me sinto muito bem graças a Deus... por que eu me amo, eu me dou valor e passo para meus alunos o meu sentimento que é de amar e de respeitar... de amar o próximo como a si mesmo e de sempre ter progresso no dia a dia.

Eu- Você sente-se empolgada pela educação, pela docência... por dar aula, você sente empolgação nesse ato?

M- sinto.

Eu- Fale um pouco sobre isso.

M- a partir do momento que eu vou para sala de aula, eu já vou com o planejamento... com a aula preparada já sabendo o que vou trabalhar com os meus alunos... e já querendo um resultado... é tanto que a minha avaliação eu faço contínua, eu trabalho com o meu aluno em cima de um conteúdo que ele já vai saber o que eu estou querendo dele, no final da minha aula eu já faço uma retrospectiva do que dei e já tenho o dever de casa preparado que no outro dia o resultado já é bem satisfatório, todos eles gostam do trabalho.

Eu- E você se sente bem fazendo isso...?

M- me sinto bem... por que eu me sinto assim que estou fazendo uma coisa que tem uma transparência, tem resultado.

Eu- esta semeando uma semente boa?

M- Boa. Que futuramente vão sim dar bons frutos, e eu tenho resultados que hoje eu vejo meus alunos, a maioria deles já formados, cursando faculdade e onde eles me ver sempre tem aquele carinho comigo... de me tratar “tia” lembrar que eu fui uma das orientadoras nas séries iniciais.

Eu- qual foi o seu melhor momento na sua trajetória de professor? Fale sobre isso, como você se sentiu?

M- Foi quando eu iniciei na sala de aula e recebi o meu primeiro salário... (risos) Foi muito bom por que eu terminei o magistério no mês de dezembro e logo no início do ano eu fui convidada pelo prefeito pra mim assumir uma sala de aula, porque essa escola que me colocaram era uma escola muito carente... os professores que trabalhavam nessa escola eram todos leigos, nenhum tinha formação e necessitava demais... o bairro necessitava de uma escola de qualidade e necessitava de um professor que tivesse documento de professor e uma bagagem pra vim essas verbas... então quando eu fui convidada eu assumi o trabalho e na mesma semana que eu iniciei o pessoal da prefeitura já chegaram lá com as pastas e documentos pra mim assinar... é tanto que tinha uma coordenadora lá que ficou morrendo de ciúmes pensando que iria assumir o lugar dela, então expliquei o que estava fazendo ali...

Eu- então o seu melhor momento foi quando você recebeu o seu primeiro resiltado

financeiro do seu trabalho?

M- foi sim, eu vi que estava fazendo um bom trabalho... que por sinal, no mesmo ano já foi iniciado os trabalhos de mudança, tornou-se um grupo com creche e a escola está hoje uma escola exemplar né,

Eu- E qual o pior momento? Houve assim um pior momento? Você pensou alguma vez em desistir?

M- O pior momento é que eu trabalhei quatro anos nesse mesmo... nesta mesma escola, que eu encontrei uma escola é... como se diz acabada, e a escola foi renovada, foi construída uma escola e quando estava tudo funcionando normalmente com salas, sala de refeição com tudo organizadinho... mudou a administração e a nova pessoa que assumiu simplesmente através dessas jogadas de políticos me tiraram, sem nem uma satisfação, eu estava em casa e recebi o comunicado... e os pais de família forma na minha casa pedindo para que eu fosse pedir pra não sair... que eles queriam que eu saísse... e simplesmente eu me senti assim constrangida pela maneira como me tiraram, mas eu disse que jamais eu ia pedir pra voltar... por que eu era uma pessoa que tinha formação, tinha passado por um curso de magistério que é formação de professores e... eu estava capaz de assumir qualquer outra função e não ia me humilhar... Só que isso pra mim depois foi muito bom, porque além de ser professora, ter formação de professora eu também sou instrutora de corte e costura e recebi um convite para ir trabalhar numa fábrica de costura onde lá eu ia ter um salário bem superior e foi muito bom, por que através desse trabalho que eu enfrentei numa fábrica de costura, eu fui convidada para ser instrutora de corte e costura no SESI e SENAI, onde lá eu fiz cursos também e me especializei para dar aula de corte e costura, e hoje eu tenho vários certificados, que trabalhei lá por quatro anos... você veja que ouve um avanço... porque eu sai de sala de aula como professora municipal e fui trabalhar em um órgão federal e lá também eu dava aula era aulas em dias alternados.

Eu- Então seu pior momento foi quando você foi tirada de algo que você construiu...

M- Então foi isso aí... eu me senti um pouco constrangida, mas mesmo assim eu não baixei a cabeça por que eu tenho muita fé... e a certeza de que quando fecha uma portinha Jesus está abrindo um portão, pra mim foi só graças.

Eu- descreva como você se percebe com relação aos outros professores, aos outros colegas de profissão, em outras etapas da vida docente... aos seus outros colegas?

M- ah... eu me sinto uma pessoa feliz, eu jamais vou me espelhar nas pessoas que eu vejo que... a maioria das pessoas são muito negativas... só verem as coisas negativas... eu eu não, negativo pra mim é passar uma esponja e esquecer... eu sou uma pessoa feliz e gosto de chegar aos meus amigos quando eu vejo eles naquela conversa de coisas negativas, eu procurar levantar o astral e passar coisas positivas, porque o mundo é muito grande para essas coisas pequenas e a gente tem que valorizar a vida e saber que a nossa vida é um livro cada dia é um barco diferente... e ter fé e perseverança e tocar o barco em frente.

Eu- Como você percebe o olhar do professor acerca das suas atribuições... como o professor se enxerga assim com relação ao que ele tem que fazer?

M- Ele tem que ter muita competência no que faz... porque ale deles ser um profissional ele tem que ser um espelho...

Eu- E você acha que os outros professores enxergam isso?

M- Nem todos... a maioria faz é criticar, acha que o que importa é estar ali... ocupar o tempo ganhar o seu salário e pronto... não se preocupa com o futuro dos alunos..

Eu- O que diria... qual a sua mensagem assim a quem está iniciando na profissão docente agora?

M- Muita coragem para enfrentar os desafios... porque é uma profissão maravilhosa... mas como é que se diz... ela é muito áspera em alguns momentos, são muitos desafios... por que hoje você enfrentar a profissão de professor em sala de aula é um grande desafio... o mundo que a gente vive hoje, é um mundo de tribulações... é um mundo de guerra fria onde ninguém tem mais respeito ao próximo... umas crianças que já vem e casa de pessoas que não tem uma formação familiar, de pessoas desajustadas... e quer que o professor em sala de aula seja o SANTO se resolver tudo e não existe isso.

Eu- Mas qual a sua mensagem que eles sigam a profissão docente?

M- que eles sigam com fé e perseverança... na certeza de que tudo vai dar certo.

Eu- Muito obrigado, agradeço a entrevista.

APÊNDICE 8

TRANSCRIÇÕES.

ENTREVISTA 6. kelly

Eu- Prezado entrevistado; essa entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo compreender a concepção do professor e sua vida docente baseado nas histórias de vidas e identidade do profissional. Não há respostas corretas ou incorretas, no entanto faz-se necessária franqueza absoluta nas respostas para que possamos obter resultados significativos. Os dados serão mantidos em sigilo e somente utilizados nesta pesquisa. Eu sou Ana Rachel Pires Cantarelli Santos, pesquiso sobre as HISTÓRIAS DE VIDA: A CONCEPÇÃO DO PROFESSOR ACERCA DA PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE.

Agradecemos desde já sua atenção e participação.

Eu- Qual sua idade?

K- 30 anos

Eu- tempo de formação?

K- ah... de 2005 para 2014 vão ser quantos anos? Peraí desgrava aí... (risos)

Eu- não precisa... 9 anos.

Eu- o tempo de atuação?

K- 11 anos

Eu- onze anos de atuação...

K- é...

Eu- Qual o curso de graduação?

K- eu fiz duas graduações, ciências biológicas e pedagogia mais recente.

Eu- qual a série que atua?

K- atualmente eu tenho todos os níveis né... os ciclos desde o infantil até o terceiro grau de nível superior.

Eu- vamos falar um pouco os conhecimentos acerca da profissionalização docente.

Quando iniciou sua vida profissional?

K- O reconhecimento mesmo cargo e função em 2007 na rede privada.

Eu- Em que momento da sua vida se percebeu professor?

K- Eu acho que nos três primeiros meses... naquele momento de preparação pedagógica em que você tem montar todo o passo a passo do processo que tu acabou de assumir... então a ficha cai naquele momento

Eu- Fale sobre sua trajetória, como você se sentiu nesse momento?

K-medrosa... por que é uma experiência que você tem que tomar conta de várias vidas... e de várias situações acadêmicas que vierem a surgir por ventura... mas o suficiente pra entender que eu estava na profissão que iria me fazer feliz... que me faz feliz né... foi uma identidade de imediato positiva... é tanto que a experiência vivenciada neste cinco primeiros anos é o que me possibilitou está onde eu estou hoje, mais segura e assumindo responsabilidades e compromissos maiores com ações maiores e partindo pra luta mesmo, como professor como docente.

Eu- algumas informações acerca da sua história de vida, me fale um pouco da sua vida escolar ainda como aluna, como se percebia com relação ao seu professor?

K- Na verdade eu sou fruto de rede pública, eu fiz desde o infantil até o fundamental dois em rede pública, então eu já via o profissional professor como alguém que a gente deveria reverenciar por a trajetória... pelo processo... pela doação que ele faz em sala de aula. Mas eu tive a oportunidade de passar no processo seletivo e ganhei uma bolsa na rede privada e até então... lá com vários professores bem capacitados e que me mostrou um material mais completo, mais aprimorado... me despertou a vontade de ser professor.

Eu- e com relação ao estímulo da família houve? Para essa profissão.

K- na verdade eles são bem positivos com relação ao que a gente decide de bem estar, seja pessoal, seja profissional... sempre tem a família lá com a bandeirinha levantada de eu estou na torcida... vai que você consegue, sempre teve.

Eu- qual a influencia da sua graduação no atual campo de trabalho?

K- eu acho que 100% a influencia é total por que sempre teve... mesmo eu tendo duas graduações... o ramo da pedagogia é o que tem alavancado o profissional, por que na área em que eu atuo é o que ta em alta né... então são função que me trás mais prazer em estudar, até por que atualmente eu estou buscando uma outra especialização que é o mestrado, então as disciplinas contam muito, a identidade é essa, é pedagógica, totalmente pedagógica.

Eu- você teve formação específica para atuar na função?

K- tive, tive algumas participações em especializações enquanto graduante e hoje é o que me garante atuar na área.

Eu- quais são as atribuições da sua função?

K-è um leque por que a gente tem várias propostas dentro da área pedagógica e as funções geralmente são essas... de orientações mesmo... de investigação e de levar o aluno a também ser um investigador pesquisador, então não tem uma função além da orientação a gente fica meio como mediador mesmo da situação.

Eu- Quais são as principais dificuldades no exercício da sua função

K-ainda é uma parte história do Brasil, não só do sertão, do sertão de Pernambuco, é realmente a gente não ter acesso aos materiais que são atualizados e a questão do aprimoramento profissional que é... a gente tem que correr atrás pra poder mostrar um bom trabalho... não e oferta tantas especializações como a gente gostaria então, é uma busca do próprio profissional.

Eu- E com relação ao cargo. Quais são as experiências necessárias para a função, para ser professor... O que deve compor hoje um professor?

K- Eu acredito que o professor ele tem que primeiramente, gostar do que faz por que é uma profissão de doação, de sacrifícios... por que a gente trabalha não só no expediente normal, mas também nos finais de semana, chegamos a ter muitas vezes... a deixar um pouco a vida social para poder priorizar um pouco o que estar de pedagógico ali na nossa frente... e além disso é você estar sempre buscando essas especializações porque... é um processo crescente e a gente tem que estar acompanhando esses avanços para que sejamos bons orientadores precisamos também estar capacitados.

Eu- Qual seria a trajetória apropriada para a sua função, o que mudaria?

K- além das orientações cabíveis e de todo material que deveríamos estudar, eu acredito que mais tempo de investigação... mais tempo experimentando... pesquisando... conhecendo outras instituições que também tem o trabalho voltado para a mesma área, seria em cima disso.

Eu- Fale um pouco da sua infância... sua trajetória de vida.

K- eu tive infância! (risos) ah... foi uma infância muito saudável... brinquei muito com os

meus primos, como eu tenho só um irmão, eu tive uma infância muito aventureira, onde todas as meninas brincavam de bonecas, eu estava lá subindo em árvores e aprendendo a atirar de baladeira... então foi uma infância maravilhosa que eu quero permitir que os meus filhos tenham o mesmo, a mesma experiência e vivam realmente o que a criança tem que viver...

Eu- Como você se ver hoje... Um bom profissional?

K- Um profissional bom... mas que ainda está em formação, buscando melhorar sempre que possível porque além de mim existem outras pessoas que estão estudando continuamente e que são sempre pessoas que vão estar se especializando e que se destacaram, então para que a gente consiga se posicionar num patamar que seja de um bom profissional eu acredito que a gente tem que estar buscando sempre essas especializações.

Eu- Sente-se empolgada pela educação, pela docência?

K- sinto-me, mesmo com tantas situaçãozinhas alheias como o baixo salário que a gente sabe que é uma realidade brasileira da nossa área, mas eu sou sim uma profissional que tem vontade de ir para a sala de aula mesmo deixando de sei lá... sair um pouco para poder estudar, mais eu sou uma profissional feliz.

Eu- qual foi o seu melhor momento na sua trajetória de professor? Fale sobre ele como se sentiu?

K- O melhor momento eu acho que é quando você chega numa sala de aula e as pessoas te apontam depois que você sai... e que você terminou a aula e escuta rumores de admiração... “rapaz gostei da aula dela... ela realmente é uma boa profesora...” então não existem um momento único, eu acho que todos esses momentos que a gente vivencia diariamente com situações que são favoráveis para o nosso aluno e são respostas positivas que respingam na gente... então são esses momentos, são os bons momentos do professor.

Eu- E qual o pior... ou piores? Pensou em desistir alguma vez? Como se sentiu?

K- desistir nunca... mas os piores momentos é quando você ver por parte de alguns alunos que eu só vou fazer até aqui... por que pra mim vai servir somente até esse ponto sem nenhum estímulo a fazer mais... a ir além... a fazer mais pela vida deles.

Eu- Esse é o pior momento que você enxerga profissionalmente?

K- Isso.

Eu- Não poder dar as respostas? Não ver o estímulo necessário..?

K- é... por que assim, quando a gente ver esses depoimentos não é que eles não queiram estudar, mas é que a maioria sabe que se estiver no trabalho ele vai ter uma resposta melhor por que naquele momento o financeiro é que conta mais... e se ele precisar sair para buscar outros estudos, outras fontes de especializações ele vai ter um custo, e pra ter essa manutenção ele vai ter que ter uma receita... então ele não tem como fazer esse equilíbrio... então ele prefere ficar apenas no trabalho depois que conclui e depois ver como é que faz, mas geralmente fica naquele ponto.

Eu-Você acha que a presença do professor hoje está sendo enxergada de forma diferente? A quem atribui esse novo olhar?

K- a gente até abriu uma discussão a pouco tempo sobre as aulas não presenciais né... onde o aluno, ele tem a orientação apenas por a tecnologia, sem a presença humana do professor... e eu acredito muito que o professor ele ainda é um... como é que eu posso dizer... um representante... é... pêra aí... pronto, um símbolo que precisa estar ali para divulgar... estimular e mediar realmente aprendizagens e fornecer ao aluno tudo que for necessário para que ele também tenha uma vida digna... que seja uma pessoa crítica, só que não o crítico negativo... que construtivo faça avaliações necessárias pra poder ele apresentar os seus direitos né... saber o que é pra ele e o que é de direito dos outros, então eu acredito que o professor hoje, ele tem

algumas vistas falhas para o profissional dele... porque se nós tivéssemos um posicionamento tão positivo e tão forte acreditaríamos que nós seríamos bem melhores remunerados teríamos mais capacitações ao nosso alcance... seríamos liberados em algumas situações para poder viajarmos e conhecermos novas experiências como em outros países fazem... mas o profissional ele está ainda muito balançado... mas existe muita gente bacana... muitos profissionais bons.

Eu- Descreva como você se percebe em relação aos outros colegas de profissão, até em outras etapas da vida docente?

K- rapaz a minha vida praticamente é em contato diário com professores né... assim se for verificar a questão de faixa etária, eu meio acredito que estou um pouco avançando em pequenos passos se reparar alguns professores mais experientes... por que muitos ainda estão buscando uma especialização na área pedagógica e eu já estou graças a Deus me engajando no mestrado né... buscando daqui a alguns dias um doutorado se Deus me permitir... mas eu estou numa situação confortável, que é um pouco árdua porque a gente está estudando sacrificando os finais de semana... mas eu me sinto um profissional em constante experimentação... em constante absorção de interesses pedagógicos... educacionais... e recebo muitas informações diárias voltadas pra isso.

Eu- Como você o olhar dos outros professores acerca das suas atribuições, como você acha que é enxergada pelos seus colegas de profissão.

K- assustados... (risos) quando você chega que apresenta: ‘ Olhe meu nome é Guacy Kelly Rodrigues de Carvalho, sou graduada em ciências físicas químicas e biológicas, tenho pedagogia, tenho especialização em educação ambiental e x anos disso e x anos daquilo..’.. eles vidram assim e as vezes falam: “ caraça! Quantas vidas eu preciso ter para conseguir isso...?” mas não é que eu seja um caso diferente, é que já que eu muito cedo eu entendi que minha profissão... a identidade da minha profissão era aquela eu tinha que buscar meios para que me permanecesse naquela área... me garantisse daquela forma... então eu me vejo, eu sou enxergada positivamente como uma profissional.

Eu- O que diria a quem estar iniciando na vida docente? Qual seria a sua mensagem pra quem decidiu agora; “ Eu quero ser professor”

K- é uma profissão muito, muito gratificante... que vai lhes trazer muitos momentos maravilhosos... momento também em que você vai para, vai sentar e vai ficar ali refletindo como você conseguiu transformar a vida de muitas pessoas... como você transforma a vida de muitas pessoas... e o quanto de pessoas passaram por você. E você quando mais a frente estiver, seja na cidade, seja numa capacitação, seja num cursinho, seja viajando sempre vai ter alguém que vai lhe apontar; “ Ela foi minha professora” e você se enche de um orgulho tão grande que é um reconhecimento único... eu acho que ser professor, entre professor e aluno, eu acredito que é quase a mesma coisa entre pai e filho... por que é uma emoção única... só mesmo quem é professor é que consegue sentir.

Eu- Então você diz que siga adiante...?

K- isso que siga adiante por que vale a pena... muito a pena.

Eu- tem algo mais que você gostaria de acrescentar na sua vivência, da sua profissão que não foi perguntado?

K- Não, acredito que não... e é isso mesmo buscar meios e... que a profissão seja reconhecida... que o profissional seja valorizado e fazer com que pessoas que venham a passar por você sejam pessoas que tenham realmente conseguido absorver a sua informação e que vá fazer uso daquilo que você ofereceu pra ele em sala de aula, por que o resultado de um bom profissional sempre vai ser de pessoas positivas do teu lado.

Eu- e essa referencia que você passa para o aluno ele deve levar na sua vida... para toda sua vida?

K- toda a sua vida sempre... é um referencial.

Eu- Eu agradeço a sua participação na minha pesquisa, parabéns por se identificar na sua profissão, por a sua história de vida, muito obrigado.

K- Eu que agradeço.

APÊNDICE 9

TRANSCRIÇÕES. Bruna Ataíde

ENTREVISTA 7

Eu- Prezado entrevistado; essa entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo compreender a concepção do professor e sua vida docente baseado nas histórias de vidas e identidade do profissional. Não há respostas corretas ou incorretas, no entanto faz-se necessária franqueza absoluta nas respostas para que possamos obter resultados significativos. Os dados serão mantidos em sigilo e somente utilizados nesta pesquisa. Eu sou Ana Rachel Pires Cantarelli Santos, pesquiso sobre as HISTÓRIAS DE VIDA: A CONCEPÇÃO DO PROFESSOR ACERCA DA PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE.

Agradecemos desde já sua atenção e participação.

Eu- Qual é sua idade?

AT- 28 anos.

Eu- tempo de formação?

AT- 6 anos

Eu- Tempo de atuação?

AT- 11 anos

Eu- Qual o curso de formação na graduação?

AT- letras com habilitação em língua portuguesa e língua inglesa e respectiva literaturas.

Eu- Qual a série e ano que atua?

AT- primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio.

Eu- Quando iniciou sua vida profissional?

AT- A uns 7 anos assim que eu iniciei o curso de graduação.

Eu- Em que momento da sua vida se percebeu professor?

AT- Desde a infância eu já admirava é... minha madrinha que é professora... achava interessante o trabalho que ela fazia... a maneira como ela se expressava... é... algumas professoras também... por admirar essas pessoas eu tinha vontade de ser professora também.

Eu- Fale sobre a sua trajetória de aprendizagem na vida docente.

AT- È... eu fiz, comecei o normal médio, é... quando tinha, acredito que de quatorze pra quinze anos, é... fazia o que a gente chama de ensino médio hoje pela manhã e o normal médio a noite, cursei dois anos e meio do normal médio, mas como logo depois eu fiz o vestibular e já podia ingressar na faculdade não conclui o normal médio e comecei logo a faculdade de letras, depois da faculdade de letras fiz a pós-graduação e sempre que tive oportunidade participei de seminários, cursos de... é que visavam é... como é que eu posso dizer...

Eu- Formação?

AT- Isso curso de formação de atualização.

Eu- Fale um pouco da sua vida escolar ainda como aluna. Como você se percebia com relação ao seu professor? Em sala de aula.

AT- ah com certeza, como aluna eu sempre fui tida como aluna exemplar, sempre gostei muito de estudar, geralmente os professores gostavam muito de mim... é... eu acredito que até por essa admiração e respeito que eu tinha pela figura do professor.

Eu- Ao relacionamento, estímulo da família, houve?

AT- (risos)... minha mãe ainda hoje reclama por que eu sou professora... vez ou outra quando eu estou muito atarefada ela vem com “ Eu disse pra você estudar pra ser outra coisa” (risos) mas eu sempre gostei assim, eu sempre achei muito interessante o trabalho que é desenvolvido pelo professor, o próprio ambiente de trabalho e as experiências que a gente vivencia também contribuíram para esse meu interesse, embora da família eu nunca tive um incentivo, e até de alguns professores, de outras pessoas que me conheciam diziam assim: “ porque você não estuda faz outro curso? Vida de professor é muito... é tão atribulada, tão cansativa... é uma profissão tão desvalorizada” então das pessoas mesmos assim, as vezes agente recebe em vez de um incentivo, digamos que um balde de água fria.

Eu- Qual a influencia da sua graduação no atual campo de trabalho?

AT- é... especifique melhor a pergunta?

Eu- Qual a sua, a influencia da sua graduação no atual campo de trabalho? Você é formada em letras especializada na mesma área, e qual a influencia que essa graduação tem no seu campo de trabalho?

AT- A graduação foi importante no sentido de aprimorar os conhecimentos e... é de certa forma digamos assim, transformando os conhecimentos que eu tinha, especificando mais aqueles conhecimentos e fazendo com que eu tivesse a oportunidade de aprimorar mais esses conhecimentos de maneira que... é... para atuar como professora isso foi de grande importância.

Eu- você teve formação específica para atuara nessa função?

AT- tive, a graduação e também a pós.

Eu- Quais são as atribuições na sua função? Quais são as atribuições de um professor hoje?

AT- È... são muitas... tem gente que, inclusive, coloca o professor agora na função de família, na função de psicólogo de vez em quando de médico... mais na minha concepção nos estamos ali tanto para... com aquele papel ainda de instruir de certa forma, né de fazer com que competências e habilidades sejam desenvolvidas... né que o aluno utilize essas habilidades e competências pra, tanto para dar procedimentos aos estudos como para vida... mas também de certa forma na função de educador... por que não tem como dizer que nós convivemos com os alunos e não influenciemos de alguma forma... digamos que aquela convivência serve apenas para instruir, pra passar conhecimentos... com certeza aquela convivência serve também como um... digamos assim como experiências que são levadas pra vida toda... eu me percebo assim em muita coisa que eu tenho hoje, que eu trago hoje é reflexo daquilo... daquela vivencia que eu tive na escola também... e eu acredito que isso também acontece com os alunos hoje em dia... Embora seja uma realidade diferente, uma sociedade que percebe digamos assim os estímulos de forma totalmente diferente do que a gente tinha naquela época.

Eu- Quais as principais dificuldades no exercício da sua função?

AT- As dificuldades... é... na realidade eu acho que hoje em dia nós não vivemos em uma sociedade que de fato valoriza conhecimento, então pra desempenhar hoje a função docente, eu acho que esse é um dos principais, umas das principais dificuldades que nós enfrentamos... essa questão da valorização do conhecimento, isso vai variar de cidade pra cidade, de escola para escola, mas eu acredito que como um todo eu... vejo que o que falta mais é essa valorização do conhecimento... é, já há em relação a tecnologia dentro das escolas, a própria estrutura física hoje das escolas é maior, é formação continuada do professor... e eu acho que pra melhorar de fato a qualidade do professor e nós também, a maior dificuldade... o falta mesmo é a sociedade valorizar o conhecimento.

Eu- Quais são as competências necessárias para exercer a sua função?

AT- competências... é... o conhecimento claro. É... mais também a competência pedagógica, além da pesquisa e do estudo que sempre deve acontecer, justamente porque a gente sempre precisa de novos conhecimentos, até de ver as coisas de uma forma diferente pra buscar novas soluções.

Eu- Como seria a trajetória apropriada pra a atuação na sua função? O que mudaria então na formação?

AT- Na formação, embora eu acho que a minha graduação contribuiu muito, como eu já citei por a questão do aprimoramento do conhecimento específico, eu acho que ainda deixou muito a desejar, muita coisa eu tive que buscar sozinha, é, já foram conhecimentos que eu fui adquirindo depois dessa graduação e também assim uma seriedade maior no que diz respeito as é... disciplinas pedagógicas que eu na graduação eu penso assim, que sempre fica na questão da discussão, faz seminários, rodas de conversa e na realidade o conhecimento maior, com embasamento teórico a gente não tem acesso.

Eu- Qual sua interação com relação ao desestímulo na vida docente, como convive com isso?

AT- Na realidade eu sou uma das pessoas realizadas com o que eu faço, então isso já me ajuda muito, mais vez ou outra, não tem como você não pensar numa perspectiva melhor de trabalho pra você devido aos estímulos negativos que a gente recebe, mas como de certa forma eu não me vejo fazendo outra coisa, então eu tenho esse período de desestímulo como uma fase que eu sei que daqui a pouquinho vai passar... que daqui a pouco eu vou fazer um projeto e ver algum resultado, vou me animar com aquilo ali e sei que vai passar.

Eu- Fale um pouco da sua infância, sua trajetória de vida... O que você relataria assim da sua infância?

AT- Em relação a que aspecto... assim?

Eu- Foi uma infância difícil... você teve assistência... em poucas palavras.

AT- minha infância eu considero uma infância muito boa por que eu vivi, eu brinquei muito... é... fiz o que tinha vontade de fazer, tinha muita liberdade pra isso... então eu considero uma boa fase da minha vida, tenho boas lembranças da infância...

Eu E como você se ver hoje? Um bom profissional?

AT- Eu acredito que sim... é... como eu sempre coloco em sala de aula, é... na realidade a gente está sempre melhorando, a aula que eu dou hoje não mais a mesma aula que eu dava a cinco anos atrás... não é a aula que eu dava a tempo atrás, então eu me vejo como uma boa profissional, mas que ainda almeja melhorar bastante.

Eu- Sente-se empolgado pela educação, pela docência?

AT- me sinto... agora eu acho que educação de forma geral ainda tem muita coisa pra melhorar... muita.

Eu- Qual foi o seu melhor momento na trajetória de professor? Fale sobre ele como se sentiu?

AT- É na realidade é... o momento muito marcante que eu lembro com muito carinho era quando eu ensinava a o ensino fundamental um do primeiro ao quinto ano, eu acho assim que... quem teve a oportunidade de ser professor do ensino fundamental ou de educação infantil, que depois passou para o ensino médio, ensino superior... eu acho que deve sentir uma saudade da época, eles são muito espontâneos... você ver muita verdade no que eles fazem, no que eles dizem uma empolgação maior, eu acho assim também, a busca pelo conhecimento é bem diferente do que a gente ver hoje no ensino médio e superior, então eu acho que foi a fase que mais me marcou e foi assim o momento encantador, foi esse momento

que eu ensinava do primeiro ao quinto ano.

Eu- E qual o pior ou piores? Pensou em desistir alguma vez... como se sentiu?

AT- Pensei... os piores momentos que eu... é... posso citar é mais em ralação quando você é... digamos assim prepara uma aula projeta... e acha que aquilo vai despertar o interesse dos seus alunos e você ver assim que você não conseguiu... fez de tudo e não conseguiu fazer com que o aluno tivesse aquela mesma empolgação que você tinha a intenção de despertar... então eu acho que isso é... é triste né... faz com que você se sinta desestimulada, estão os piores momentos são esses, assim quando você é espera, traz alguma coisa, espera que o seu aluno tenha um determinado resultado, e voce ver que ele não teve aquele resultado e não por uma dificuldade no processo de aprendizagem, mas talvez pela vontade mesmo, pelo estímulo que ele não teve... é digamos que pela vontade mesmo de buscar... aquilo ali.

Eu- Você acha que a presença do professor na sociedade hoje esta sendo enxergada de forma diferente? A que atribui esse novo olhar?

AT- Sendo enxergada de forma diferente! Eu diria que... eu acho... digamos assim que nós temos uma tentativa de enxergar o professor de maneira diferente, eu vejo isso pelas propagandas na televisão, tentam colocar o professor como um profissional importante eu acho que isso é justamente pelo interesse das pessoas em desempenharem essa função, á cada dia nós temos mais pessoas formadas como professores e que não querem desempenhar a função, ou que buscam outras atribuições justamente pelas dificuldades, então eu acredito que busca-se valorizar mais passar uma imagem dessa valorização pela falta de mão de obra que a gente já tem,.. já vem percebendo realmente.

Eu- Descreva como você se percebe em relação aos outros colegas de profissão, até mesmo em outras etapas da vida docente?

AT- é... especifica melhor...

Eu- a forma que você se ver com relação aos outros colegas de profissão... como você se enxerga com relação aos seus colegas? Você acha que o seu trabalho é diferenciado... é criticado... O que poderia melhorar...

AT- Bem eu tenho uma relação muito boa com os meus colegas de trabalho, geralmente respeitam muito meu trabalho inclusive, no geral quando as outras professoras da escola onde eu trabalho é... vão fazer um projeto ou elaborar alguma atividade diferenciada geralmente me mostram pedem minha opinião ou chamam pra trabalhar em... é... coletivamente, então eu eu tenho uma boa relação com eles e...

Eu- E como você percebe o olhar dos seus colegas de profissão com relação as suas atribuições?

AT- Eu percebo como um... é um... digamos assim um olhar de aceitação que... digamos assim é um bom trabalho que veem.

Eu- O que diria a quem estar iniciando na profissão docente? Qual seria a sua mensagem.

AT- que é uma profissão árdua, com muitas dificuldades, eu acredito que a perspectiva é que nossa realidade melhore e toda mudança que é almejada pra alcançar essa valorização da educação e consequentemente do profissional de educação, e na realidade quem quer desenvolver a profissão a gente ouve muito falar que tem que ser por amor, que tem que trabalhar por amor... eu não digo por amor, por que eu digo que você ama de certa forma só aquilo que lhe faz bem e vai ter um momento em que as dificuldades vão surgir e que talvez esse amor vai diminuindo, então eu acho que o que deve realmente ser buscado é essa realização com o que você faz, então se você se sente realizado em estar fazendo aquilo ali, as dificuldades vão surgir mais você vai buscar saídas e vai esperar momentos digamos assim

que de é... é... digamos assim que essa realidade possa ser modificada e você continue a desenvolver o seu trabalho.

Eu- Ok, muito obrigado pela sua colaboração e participação na minha pesquisa.

APÊNDICE 10

TRANSCRIÇÃO

ENTREVISTA- 8 Edelgardo Braz

Eu- Prezada entrevistada: esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo compreender a concepção do professor e sua vida docente baseado nas histórias de vidas e identidade do profissional. Não respostas corretas ou incorretas, no entanto, faz-se necessário franqueza absoluta nas respostas para que possamos obter resultados significativos. Os dados serão mantidos em sigilo e somente utilizados nesta pesquisa. Eu sou Ana Rachel Pires Cantarelli Santos, pesquiso sobre histórias de vida, a concepção dos professores acerca da profissionalização docente.

Eu- Qual é sua idade?

E- 47 anos

Eu- tempo de formação?

E-22 anos

Eu- tempo de atuação?

E- 30... é trinta anos.

Eu- Qual o seu curso de graduação?

E- geografia

Eu- Série ou ano que atua?

E- todas... mesmo universidade

Eu- Agora algumas perguntas acerca da profissionalização docente. Quando iniciou sua vida profissional?

E- você quer saber com aula mesmo...

Eu- sim a quantos anos?

E 30 anos

Eu- Em que momento da sua vida se percebeu professor?

E... é...

Eu- Você já iniciou sua profissão se vendo realmente como professor?

E- não... certamente não... na verdade eu comecei como um treinador de educação física e logo depois de uns dois anos eu já me via como professor.

Eu- Então só depois de dois anos você se percebeu com uma identidade docente?

E- perfeitamente.

Eu- Fale sobre a sua trajetória de aprendizagem na vida docente.

E- è... na verdade eu atuei na maior parte da vida como professor de educação física ou mesmo treinador né... mesmo tendo cursado geografia, na verdade meu aprendizado veio é... quando atleta ou como aluno, foi uma coisa que me identifiquei com duas modalidades que foi o handbol e o futsal e a base do meu aprendizado foi isso, geralmente do que eu aprendi como aluno e depois que eu comecei a cursar geografia que eu continuei também como professor de educação física, por que na época na minha região não tinha o curso de educação física, na verdade eu até comecei e fiz o vestibular pra o curso de educação física... mas por necessidades da minha região eu acabei vindo né... para trabalhar na área de educação física e acabei me formando em outra área né... e mesmo assim continuei como professor de educação

física até hoje, mas o aprendizado veio com o curso, veio com palestras, com encontros e com a própria experiência.

Eu- Você buscou esse aperfeiçoamento ao longo da sua trajetória devido a necessidade?

E- Busquei sim, inclusive nas duas áreas, atuava na área de geografia, acabei atuando na área de geografia durante dois anos desse período, de todo esse período mais meu aperfeiçoamento veio com estudos, estudos muitas vezes até individuais né... e acabei me adaptando, aprendendo e o principal... a forma de repassar o que eu aprendi ficou muito... eu diria... fugiu a palavra agora...

Eu- Ficou muito empolgado nessa visão da sua profissão?

E- Empolgado com certeza por que é... como eu fui atleta a vida toda e consegui repassar o que eu aprendi pra os meus alunos de forma produtiva entendeu... a empolgação até hoje, ela ainda existe. Existe tanto que o meu pensamento de se aposentar fica um pouco distante... mas o que eu quero dizer é que a forma que eu passei isso foi muito intensa pelo fato de eu ter vivido isso tudo.

Eu- Agora algumas informações acerca da sua formação com relação a sua história de vida. Fale um pouco da sua vida escolar ainda como aluno, como você se percebia com relação ao seu professor existia uma admiração? Fale um pouco sobre isso.

E- Na verdade minha vida como aluno sempre foi muito próxima aos professores de educação física, desde sempre, desde quando eu comecei né... no ensino fundamental que era a quinta série, que era o ensino fundamental antigamente, eu já me sentia muito próximo... é eram dois professores que eu tinha, uma professora e um professor e eu me sentia muito próximo... eu trabalhei de monitor com eles, durante dois tres anos e quando fui estudar fora a mesma coisa sempre estive bem próximo... acho que pelo fato de as atividades esportivas sempre fazer parte da minha vida, eu me identifiquei muito cedo com isso.

Eu- Ao relacionamento, estímulo da família, houve algum estímulo da sua família para essa atuação?

E- Não, não na verdade o estímulo da família partiu sempre para a atividade física, mas não para que eu viesse atuar nessa área profissional.

Eu- qual a influencia da sua graduação no atual campo de trabalho?

E- Muito pouco, minha formação é muito diferente do campo que eu tenho como atuação, mas de certa forma não tem como não influenciar né... é muito pouco mais influencia em algumas coisas, na forma de repassar o aprendizado, influencia na forma de vivencia... o trabalho como geógrafo influencia muito na preservação da natureza e a gente sempre tem alguma coisa de trabalho que a gente faz na área de educação física... e geralmente os trabalhos são voltados assim na prática né... e os chamados teóricos a gente trabalha muito assim, muito pouco.

Eu- A questão do repasse assim de ensinar seria uma metodologia muito diferenciada, pela necessidade da prática diferenciada... seria?

E-exatamente.

Eu- Você teve formação específica para atuara nessa função?

E- Não tive formação específica mais... é... pelo fato de trabalhar muito tempo nessa área consegui o registro no conselho, então eu tenho o registro no conselho de educação física, no conselho regional como treinador, na verdade a gente não consegue o registro de professor, mas pelo fato de eu ter atuado na área durante dois anos pela deficiência que tinha de professores é... resolveram credenciar alguns professores, profissionais que já estivessem mais de seis anos com experiência, e como eu já tinha mais de quinze anos na época e eu fiz o projeto e cabeí conseguindo a credencial.

Eu- quais são as atribuições da sua função?

E- atribuições são as aulas, aulas normais... aulas práticas, na verdade muitas aulas práticas e são muito pouco as aulas teóricas... são mais aulas práticas, um trabalho com crianças procurando avaliar e praticar o equilíbrio, a formação mesmo da criança e o trabalho mais avançado que seria a parte de treinamento já de esporte né... um trabalho mais de modalidades esportivas mesmo.

Eu- E quais as principais dificuldades no exercício da sua função?

E- Material, com certeza... material humano sempre a gente tem, tem de sobra na verdade, mas a questão de material pelo fato da região que a gente vive, a gente não tem estrutura né... a estrutura que eu falo é de espaço, os espaços que a gente tem não são espaços apropriados pra o trabalho de atividade física.

Eu- com relação as competências relacionadas ao cargo, quais são as competências necessárias para exercer a sua função?

E- Em relação... você está me perguntando em relação a formação?

Eu- O que o professor precisa saber, qual a bagagem que ele precisa ter para atuar nessa função?

E- primeiro quando você me perguntou qual era o meu curso... e essa outra área né eu te falei como repassar o aprendizado e isso é essencial ao professor e eu particularmente... eu sei que tive alguns professores que eu sei que eles tinham o conhecimento, mas tinha dificuldade em repassar o conteúdo, então esse, isso está em primeiro plano, repassar os conteúdos e além de repassar é o que me deu muita... muito aprendizado na minha profissão a mais foi aprender com o próprio aluno... sempre se tem alguma experiencia, fazer alguma experiencia com os alunos e apeerder com eles mesmo, no geral na formação, tanto na formação esportiva, como na formação da própria personalidade.

Eu- O que você mudaria nessa trajetória?

E-... muito pouco sabia... mudaria muito pouco... na verdade eu gostaria que tudo voltasse ao começo para eu reviver tudo novamente.

Eu- Seria de uma melhor maneira?

E- provavelmente sim né... se eu voltasse faria algumas coisas de outra forma... talvez, talvez é... a relação com alguns alunos a forma de ajudá-los de alguma forma... hoje eu vejo com alguma diferença, eu tive nesse período todo um... eu acredito que um acerto talvez de uns 80% mais se eu voltasse com ceretza eu chegaria aos quase 100%.

Eu- Qual sua interação com relação ao desestímulo na vida docente, como convive com isso?

E- Na verdade a gente tem o desestímulo eu diria... em nosso país em nossa região o desestímulo financeiro né... a principio no começo da minha carreira eu nunca vinculei muito a questão financeira a trabalho sabe... eu fazia realmente porque eu gostava mesmo... tanto que deixei de fazer milhões de coisas né... deixei de estudar em vários lugares deixei de fazer” n” coisas para ficar nessa área mesmo com a questão financeira que ainda hoje a gente enfrenta né...

Eu- a desvalorização

E- A desvalorização no caso aí é... o financeiro, em outros aspectos como eu tive falei a questão de material de espaço que a gente tem muito pouco, mais quando a gente quer fazer esporte a gente faz de qualquer forma.

Eu- E como convive com isso com o desestímulo até dos próprios colegas?

E- Eu sempre convivi com isso talvez até de uma forma assim é... talvez não tenha

concordado com isso durante um bom período do trabalho... já presenciei e já ouvi muitas reclamações com relação a isso, mas eu sempre achei um absurdo a questão salarial e a questão salarial e a questão de outros materiais, eu sempre procurei fazer o melhor com o que a gente tinha, então o que a gente tinha pra se oferecer , sempre trabalhei dessa forma.

Eu- Fale um pouco da sua infância.. sua trajetória de vida, como foi a sua infância e como você se ver hoje?

E- Eu acho que o reflexo de como eu me vejo hoje provavelmente foi da minha infância... minha infância, foi uma infância muito boa, eu talvez até começando pela própria base e de alimentação... de... começando de ser criança, pelo fato mesmo de ser criança... talvez eu tenha brincado de carrinho até os quinze anos, coisas que não se vê mais hoje... então eu tive uma infância completa tanto do lazer e quanto no afeto da família e no estudo, então da minha infância eu não tenho nada a reclamar.

Eu- Teve um bom acompanhamento?

E- sempre... sempre um bom acompanhamento.

Eu- E hoje você se vê um bom profissional?

E- Sim... eu próprio faço essa avaliação de um bom profissional, mas assim os locais que eu passei, os locais que eu trabalhei, com as pessoas que eu trabalhei né... eu sempre fui visto como um bom profissional.

Eu- Você sempre vê uma positividade na sua história profissional?

E- muito.

Eu- Então sente-se empolgado pela educação, pela docência... você se diria apaixonado pela vida docente?

E- Com certeza... com certeza.

Eu- Baseia-se em algo mais essa paixão pela docência?

E- De tudo que eu já falei é mais ou menos o básico dessa paixão... é... mais no meu caso, na minha área se percebe é... eu diria com mais visibilidade, eu diria que nos olhos dos alunos, até das crianças a vontade de aprender, de todo caso a nossa área, a parte da educação física é diferente, existe um interesse maior, é... eu não diria que os alunos não têm interesse em outras matérias, mas no meu caso eu sempre observei uma coisa os piores alunos das outras disciplinas são os meus melhores.

Eu- São os melhores na disciplina de educação física?

E- isso de educação física... então a gente aproveitava muito bem isso e fazia com que todos aprendessem e tivessem alguma coisa pra estimular.

Eu- E esse reflexo de ser os piores levaria é uma positividade com relação a disciplina para sala de aula?

E- Levaria sim... porque a gente tinha e tem uma forma... eu diria que um pouco de cobrança... porque a participação efetiva nas atividades físicas dependia muito da avaliação das outras disciplinas, então geralmente a gente unia uma disciplina com a outra para que o aluno tivesse aproveitamento em todas as áreas.

Eu- E isso trazia, traz resultados positivos?

E- trazia e traz com certeza, muito positivo, positivo mesmo.

Eu- Qual foi o seu melhor momento na sua trajetória de professor? fale um pouco como se sentiu.

E- Nessa nossa área de educação física é... não adianta você fugir da competição, é uma área muito competitiva... quando se tem jogos, quando se tem competição diretas, geralmente

acontece duas três, quatro vezes por ano, então eu acho que foram tantas épocas, tantos anos bons que pra mim separar um seria muito difícil...

Eu- Você não teve um melhor momento... houve vários melhores momentos?

E- vários melhores momentos... inúmeros, provavelmente dentro desses trinta anos a completar agora eu acho que a maioria foram bons momentos, foram raros os momentos que não foram bons, mesmo que eu tenha pensado alguma coisa diferente...

Eu- Mas houve um pior momento? Pensou em desistir alguma vez? Como se sentiu...

E- Não, não isso nunca me passou pela cabeça... a questão da desistência nunca me passou pela cabeça... jamais, a cada ano que passava eu tentava atingir mais objetivos, tentava subir mais um degrau e a cada ano foi sempre melhorando até agora.

Eu- Você acha que a presença do professor na sociedade hoje está sendo enxergada de forma diferente? A que atribui esse novo olhar.

E- Fale-se muito nisso mais, acredito que não, acredito que não porque... principalmente pela condição financeira a sociedade fala, tenta exigir, todo mundo só fala em educação, mais é muito difícil é uma questão difícil... As vezes a gente fala dos governantes e que faz ou deixa de fazer aquilo, mas a questão da educação é muito complexa e que... as vezes eu observo e não vejo um rumo certo pra isso, eu vejo várias tentativas diferentes de governantes é de estados diferentes, vejo tentativas que parecem ser boas e de repente não dão certo, eu acho que teria que ter um estudo muito profundo pra melhorar... A sociedade só mais realmente enxergar o professor quando ele tiver além do benefício da educação o benefício financeiro... o professor no nosso país, é um país é... voltado né, economicamente eu diria que é um país que... vamos falar de capitalista mesmo, em que nada é bem visto na sociedade a começar pela questão financeira é sempre assim entendeu. Então o professor nunca é bem visto por isso, a gente faz essa avaliação no próprio tratamento que a gente recebe na escola... as vezes a visita de um pai a gente percebe que o tratamento não é igualitário sempre tem essa questão financeira e acha que o professor é diferente... diferente e o tratamento não é legal entendeu. A sociedade defente muito isso mas não abraça da forma que devia abraçar.

Eu- Descreva como você se percebe com relação aos seus outros colegas de profissão até em outras etapas da vida docente.

E-... é... em relação aos outros professores eu diria que eu sou muito... eu diria que eu sou diferente pelo fato da forma de trabalhar, ou até pelo fato da forma de... de exigência ou pelo próprio mecanismo de trabalho que eu utilizei durante esses anos todos... então esse diferencial eu acho que talvez com muita modéstia com um degrau acima, talvez é lógico que eu sempre procuro um trabalho diferente, de interesses diferentes sempre de mais tempo... mais puxado... muito mais dedicado, dedicação é a palavra que se completa.

Eu- Você se ver otimista com relação aos outros seria isso?

E- provavelmente sim, por que na minha área como os resultados são diferentes das outras áreas os resultados normalmente eles aparecem e no final eles são... vão ter que aparecer e talvez eu sempre estava esperando o melhor, então esse diferencial aí.

Eu- Como você percebe o olhar do professor acerca das suas atribuições, você acha que os outros professores estão enxergando suas atribuições como algo correto? Se seria realmente essas, outras ou algo a menos. Como você percebe o olhar dos professores acerca das suas atribuições hoje?

E- Você está falando do professor cargo, do professor profissão ou dos outros professores?

Eu- O professor no geral, o docente que está ali atuando como percebe o olhar dele do professor acerca das suas atribuições você acha que você tem todas as atribuições que você exerce ou estão sendo colocadas atribuições a mais além do que você deveria fazer

em sala de aula?

E- Não, não as atribuições são normais até pelo fato do que a gente tem em mão, mas atribuições são normais e eu acho que nós poderíamos ser mais exigidos ainda, eu acho que sim e também mais exigentes, mas eu acho que pelo fato da questão salarial a maioria dos professores a maioria dos professores acaba não de entregando totalmente ou tendo um pouco de falta de interesse.

Eu- Mas você, o seu olhar você que as atribuições são essas mesmo que em nenhum momento você foi enxergado além de professor, um pai também , um psicólogo em sala de aula, é foi jogado uma bagagem que não era sua e você abraçou?

E- ah... isso acontece sempre, acontece sempre, no meu caso já tive experiências com pais que jogam as responsabilidades pra gente de certa forma ou pede ajuda de alguma forma... então durante esses trinta anos aconteceu isso demais, demais mesmo.

Eu- talvez por você criar um laço bem próximo com esses alunos os pais viriam em busca de estímulos que precisavam ser revertidos para outra área? Seria isso... uma indisciplina em alguns momentos?

E- com certeza... o laço de um professor de educação física, nunca é como um laço de professor de matemática né... vamos ser realistas, que jamais vai ser, tem uma aproximação diferente, o tratamento é diferente entendeu... e na verdade a gente acaba se tornando mesmo grandes amigos.

Eu- poderia definir ao seu ponto de vista como uma relação mais prazerosa...

E- Com certeza.

Eu- O que diria quem está iniciando na profissão docente hoje? Qual seria sua mensagem.

E- Que não é fácil... realmente nunca vai ser fácil... eu vou deixar de lado a questão financeira porque eu acredito que as mudanças e a revolução que o nosso país está passando né esta questão financeira ela vai ser corrigida... e com certeza vai ser melhorada, mas eu diria de responsabilidade com relação ao aluno... a questão da diferença dos alunos de outrora para os alunos de agora entendeu... você além de professor você vai ter que ser pai, ser amigo, você vai ter que ser conselheiro... e não é fácil... eu diria que a maioria em grande parte eu não sei se a maioria dos pais na sua forma de criação não... não dão a educação necessária assim suficiente, eu sinto muita dificuldade... muita diferença de quando eu comecei os primeiros cinco anos pra agora, e sinto que a gente tem que mudar, tem que ser realmente um camaleão pra enfrentar essa nova safra de aluno porque são alunos difíceis... não são alunos fáceis, difíceis eu diria que por vários motivos... pelo próprio tempo, pela própria formação que o aluno de hoje é lógico que a gente não vai comparar, porque o aluno a gente tem família diferente, família estruturada, talvez toda essa estrutura familiar não dá... você vai encontrar dificuldades... a estrutura pode servir pra uma personalidade de uma aluno bom e para um aluno que chegue com mais bagagem... vai ter o aluno que vai ter mais dificuldade... e os alunos que não vão chegar com essa bagagem, mas vão chegar com uma liberdade maior entendeu, eu diria uma liberdade na forma de se comunicar, nas atitudes...E você vai ter dificuldades tanto para acompanhar esses ritmos diferentes. E muita liberdade que é dada pelos pais termina tendo dificuldade do controle na disciplina em sala de aula, então eu diria que é mudar, tentar se adaptar e chegar um novo professor para um novo tempo.

Eu- E não é fácil, porém gratificante?

E- gratificante, se você conseguir o nível que você esta querendo, e conseguir essa relação de um bom e o ruim, e se você conseguir essa conquista é lógico, é super benéfico pra você e pra os alunos.

Eu- Como se sente quando alguém e dirige pra você em algum momento fora da sala de aula como meu professor... Honrado?

E- é sim eu diria isso honrado é gratificante.

Eu- agradeço sua atenção e participação, muito obrigado.